

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Faculdade de Arquitetura e Urbanismo**  
**Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**



**Dissertação**

**A Arquitetura Feminina:**

O cotidiano e os ambientes residenciais nas *Villas* e Casas de Catálogo em  
Pelotas-RS

**Franciele Fraga Pereira**  
Pelotas, 2021

**Franciele Fraga Pereira**

**A Arquitetura Feminina: O cotidiano e os ambientes residenciais nas *Villas* e Casas de Catálogo em Pelotas-RS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, como requisito à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de conhecimento: História da Arquitetura e Urbanismo.

Linha de pesquisa: Teoria, História, Patrimônio e Crítica

Orientadora: Louise Prado Alfonso  
Coorientadora: Aline Montagna da Silveira

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

P436a Pereira, Franciele Fraga

A arquitetura feminina : o cotidiano e os ambientes residenciais nas Villas e Casas de catálogo em Pelotas-RS / Franciele Fraga Pereira ; Louise Prado Alfonso, orientadora ; Aline Montagna da Silveira, coorientadora. — Pelotas, 2021.  
180 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Arquitetura e urbanismo. 2. Mulheres. 3. Villas. 4. Casas de catálogo. I. Alfonso, Louise Prado, orient. II. Silveira, Aline Montagna da, coorient. III. Título.

CDD : 720

**Franciele Fraga Pereira**

**A Arquitetura Feminina: O cotidiano e os ambientes residenciais nas *Villas* e Casas de Catálogo em Pelotas-RS**

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 09 de agosto de 2021.

Banca Examinadora:

.....  
Profa. Dra. Louise Prado Alfonso (Orientadora)  
Doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia

.....  
Profa. Dra. Aline Montagna da Silveira (Coorientadora)  
Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo

.....  
Profa. Dra. Ana Lúcia Costa de Oliveira  
Doutora em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

.....  
Profa. Dra. Célia Helena Castro Gonsales  
Doutora em arquitetura pela Escuela Tecnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidad Politecnica de Cataluña

.....  
Profa. Dra. Flavia Maria Silva Rieth  
Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico esse trabalho à minha mãe, mulher desdobrável,  
que sempre fez de nossa casa um lar.

## **Agradecimentos**

Agradeço às interlocutoras/es dessa pesquisa, que tão prontamente abriram as histórias de suas casas, que são atravessadas pelas histórias de suas vidas para mim, sem vocês não seria possível ter um trabalho como esse.

À orientadora desse trabalho, prof<sup>a</sup> Louise Prado Alfonso, por acreditar e tão prontamente me ensinar os fazeres da antropologia. À Aline Montagna da Silveira, coorientadora dessa dissertação, pelas palavras amigas, pela parceria em nossas pesquisas e trabalhos, e mais do que isso, por me ensinar muito do que sei sobre a história da arquitetura de Pelotas.

Às integrantes da banca, prof<sup>a</sup> Ana Lúcia Costa de Oliveira, prof<sup>a</sup> Flávia Rieth e prof<sup>a</sup> Célia Gonsales, por disponibilizarem seu tempo e seus conhecimentos para contribuir com esse trabalho. Em especial à prof<sup>a</sup> Ana Ó, pelo incentivo e orientações nas atividades dentro do NEAB.

Aos colegas do NEAB, em especial, Guilherme Almeida, Renan Rosso, Melina Monks, Manuela Amaral, por sempre apoiarem essa pesquisa e compartilharem comigo histórias, incentivos, materiais e ideias.

Às queridas e sempre dispostas colegas de pesquisa, até então alunas de graduação da FAUrb/UFPel Valentina Betemps e Morgana Mesquita, pelo trabalho em conjunto. Aprendi muito com vocês gurias.

Ao grupo do Projeto de Pesquisa Margens do GEEUR, pela acolhida e parceria para a realização de projetos. Em especial à Alice Teixeira, pelas fundamentais trocas entre arquitetura e antropologia e arqueologia.

À minha família, pelo apoio de sempre. Em especial ao meu irmão, que apoiou minha vinda à UFPel e que, desde criança, incentivou meu gosto pelas coisas antigas.

Aos colegas do IFSul, campus avançado Jaguarão, pela acolhida e pelo incentivo de sempre. Em especial, às colegas Ana Paula Schiller e Claudia Larrosa, pelo apoio e companheirismo. Aos alunos do Curso Técnico em Edificações, que me ensinam o fazer docente.

Às minhas amigas, em especial, Fernanda Souza, Isabel Onofre, Eduarda Peixoto, Raquel Mota, Claudia Behrendorf, pelas palavras de incentivo. Às queridas meninas do Rosa Mística. Àquelas que sempre torceram por mim à distância,

Katysuki Rossini, Andreza Ladelfa e Karla Viana. Às queridas Juliane Flores e Andressa Galle, que estiveram junto em boa parte dessa caminhada. E em especial à Rafaela Barros de Pinho, pelo incentivo e apoio especial quanto à trajetória acadêmica.

A CAPES, pela bolsa de pesquisa. Agradeço pela oportunidade de ter desenvolvido atividades de pesquisa, ensino e extensão em uma universidade pública e de qualidade como a UFPel.

A todos aqueles que, porventura, eu tenha esquecido de mencionar aqui, mas se fizeram importantes nessa trajetória.

Quando nasci um anjo esbelto,  
desses que tocam trombeta, anunciou:  
vai carregar bandeira.  
Cargo muito pesado pra mulher,  
esta espécie ainda envergonhada.  
Aceito os subterfúgios que me cabem,  
sem precisar mentir.  
Não tão feia que não possa casar,  
acho o Rio de Janeiro uma beleza e  
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.  
Mas, o que sinto escrevo. Cumpro a sina. Inauguro linhagens, fundo reinos  
— dor não é amargura.  
Minha tristeza não tem pedigree,  
já a minha vontade de alegria,  
sua raiz vai ao meu mil avô.  
Vai ser coxo na vida, é maldição pra homem.  
Mulher é desdobrável. Eu sou.  
(Com licença poética, Adélia Prado, 1976)



## Resumo

PEREIRA, Franciele Fraga. **A Arquitetura Feminina: O cotidiano e os ambientes residenciais nas Villas e Casas de Catálogo em Pelotas-RS.** Orientadora: Louise Prado Alfonso. 2020. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

A arquitetura pode ser compreendida como um meio físico pela qual se manifestam as relações intangíveis da sociedade. As edificações residenciais, em especial, podem reproduzir nas suas intenções projetuais, as lógicas patriarcais de controle e separação de indivíduos. A presente pesquisa se desenvolve buscando compreender como as mulheres habitam ou habitaram o espaço da casa. Em especial, em um tipo de residências produzidas no início do século XX, em Pelotas-RS, a casa isolada no lote, também conhecida como *Villa* ou Casa de Catálogo. Essa arquitetura é fortemente influenciada pelos acontecimentos da virada do século XIX para o século XX, que trouxeram mudanças significativas na proposta do habitar. A preocupação com a higiene, manifestada na busca pela aeração e insolação das residências, impulsionada pelas grandes epidemias que assolaram as cidades nos anos anteriores, somadas aos significativos avanços de tecnologias e infraestrutura propiciam o seu surgimento. A pesquisa histórico-bibliográfica, aliada ao levantamento de identificação de exemplares remanescentes na cidade, revelou uma produção considerável de bens de interesse ainda existentes na malha urbana. A realização de entrevistas com suas moradoras possibilitou um novo horizonte de interpretação para a pesquisa. Foi possível entender que esses bens possuem forte significado sentimental. Os relatos apresentam a arquitetura como agente da vida cotidiana, que interage e faz exigências às/aos moradoras/es, mas que também se altera sob o ritmo da dinâmica dos ciclos familiares. Nesse momento as mulheres, habitantes dessas residências, assumem o papel de protagonista, transgredindo as propostas convencionais dos programas de necessidades e organizações espaciais correntes, propostos por arquitetos, engenheiros e construtores, edificando ali uma arquitetura feminina.

**Palavras-chave:** Arquitetura e Urbanismo. Mulheres. Villas. Casas de Catálogo.

## **Abstract**

PEREIRA, Franciele Fraga. **Feminine Architecture:** Daily life and residential environments in Villas and Catalog Houses in Pelotas-RS. Advisor: Louise Prado Alfonso. 2020. Dissertation (Master in Architecture and Urbanism) - Graduate Program in Architecture and Urbanism, Faculty of Architecture and Urbanism, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2020.

Architecture can be understood as a physical means by which the intangible relations of society are manifested. Residential buildings, in particular, can reproduce in their projective intentions, patriarchal logics of control and separation of individuals. This research is developed in order to understand how women inhabit or inhabit the space of the house. In particular, in a type of residences produced in the early twentieth century, in Pelotas-RS, the detached house on the lot, also known as Villa or Catalog House. This architecture is strongly influenced by the events of the turn of the 19th century to the 20th century, which brought significant changes in the proposal of the inhabit. The concern with hygiene, manifested in the search for the aemenization and insolation of homes, driven by the great epidemics that plagued cities in previous years, added to the significant advances in technologies and infrastructure propitiate their emergence. The historical-bibliographic research, together with the survey of identification of remaining specimens in the city, revealed a considerable production of goods of interest still existing in the urban network. The conduct of interviews with its residents allowed a new horizon of interpretation for the research. It was possible to understand that these goods have strong sentimental significance. The reports present architecture as an agent of everyday life, which interacts and demands on residents but also changes under the rhythm of the dynamics of family cycles. At this moment, women, inhabitants of these residences, assume a leading role, transgressing the conventional proposals of the current spatial needs programs and organizations, proposed by architects, engineers and builders, building a feminine architecture there.

**Keywords:** Architecture and urbanism. Women. Villas. Catalog houses.

## Lista de Figuras

Figura 1 – Planta da Freguesia de São Francisco de Paula, 1815. ....	36
Figura 2 – Esquema de tipologias recorrentes .....	39
Figura 3 – Exemplo de ocupação social da casa brasileira na sociedade patriarcal e escravocrata.....	40
Figura 4 – Exemplo de implantação de vilas.....	41
Figura 5 – Esquema de organização de um sobrado.....	42
Figura 6 – Entradas principais dos muros através das esquinas em exemplares estudados.....	52
Figura 7 – Dactylographia [sic] .....	55
Figura 8 – Anúncio Galactogeneo .....	56
Figura 9 – Propaganda de máquina de costura, início do século XX .....	58
Figura 10 – Propaganda “Philips Arga” .....	60
Figura 11 – Propaganda vassouras elétricas .....	60
Figura 12 – Propaganda os automóveis Overland .....	61
Figura 13 - Redesenho do mapa de 1926: Pelotas e seus arrabaldes.....	66
Figura 14 - Mapa da área de levantamento proposta.....	67
Figura 15 - Fachada principal <i>Villa Georgina</i> .....	69
Figura 16 - <i>Villa Augusta</i> .....	70
Figura 17 – Castelo Simões Lopes .....	71
Figura 18 - Perspectivas do palacete. Futura residência do Sr. Alexandre Bertoni...71	
Figura 19 – <i>Villa Judith</i> .....	73
Figura 20 – Residência de Heloísa Assumpção Nascimento .....	74
Figura 21 - Fotografia da residência em seu período de construção. ....	74
Figura 22 - Residência de Bruno Mendonça Lima .....	75
Figura 23 - Fachada de projeto de residencial, arquiteto Júlio Delanoy, 1949 .....	76
Figura 24 – Edificação de interesse identificada no levantamento.....	76
Figura 25 - Representação de veículo em projeto arquitetônico .....	77
Figura 26 - Elevação principal e elevação da garagem.....	78
Figura 27 – Elevação secundária, elevação principal e elevação da garagem .....	79
Figura 28 – Imagem da edificação estudada.....	80
Figura 29 - Vista aérea do Castelo Simões Lopes na década de 1920 e atualmente .....	80
Figura 30 - Representação de massas vegetais nos projetos.....	81
Figura 31 - Jardineiras nos peitoris das janelas .....	82

Figura 32 - Detalhe projeto do muro de uma residência .....	82
Figura 33 - Residência identificada no levantamento realizado .....	83
Figura 34 - Imagem de projeto arquitetônico divulgado em catálogo.....	84
Figura 35 - Plano completo de vivienda .....	84
Figura 36 - <i>Bungalow</i> americano.....	85
Figura 37 - Projeto de casa de catálogo, vencedora do concurso promovido pela revista A Casa, em 1924. ....	86
Figura 38 - Quadro síntese das <i>villas</i> edificadas em Pelotas. ....	87
Figura 39 - <i>Villa</i> com ornamentações simplificadas .....	88
Figura 40 – Ornamentação nas empenas dos telhados.....	89
Figura 41 - Residência do Sr. Dante N. Andures, projetada por Juvenal N. Ivanovsky em 1942. ....	90
Figura 42 - Entrada principal da edificação através da esquina.....	90
Figura 43 - Nomes femininos nas fachadas das <i>villas</i> .....	91
Figura 44 – Pórtico de entrada da <i>Villa</i> Mozart .....	92
Figura 45 - <i>Villas</i> Geminadas .....	93
Figura 46 - “Projecto de 6 moradias. Casas para renda.” [sic] .....	93
Figura 47 - Imagem do conjunto residencial estudado.....	94
Figura 48 - Zoneamento da <i>Villa</i> Santa Eulália .....	96
Figura 49 – Comunicação entre os quartos na <i>Villa</i> Santa Eulália.....	100
Figura 50 - Zoneamento da <i>Villa</i> Laura .....	101
Figura 51 – Portas envidraçadas no interior da <i>Villa</i> Stella. ....	102
Figura 52 – Armários embutidos na <i>Villa</i> Stella.....	103
Figura 53 – Zoneamento da <i>Villa</i> Stella .....	104
Figura 54 – Quarto da interlocutora M. C. ....	112
Figura 55 – Cortes do projeto arquitetônico de residência estudada. ....	114
Figura 56 – Tulha, aprox. 2006 .....	115
Figura 57 - Croqui Tulha, pav. térreo .....	116
Figura 58 – Croqui Tulha, pav. superior. ....	116
Figura 59 – Levantamento Métrico Arquitetônico realizado em edificação estudada. ....	119
Figura 60 - Registro fotográfico da residência.....	124
Figura 61 - Colagem, casa de A. M.....	125
Figura 62 - Tirinha sobre a apropriação das residências pelas mulheres .....	133
Figura 63 – Exemplar demolido.....	135
Figura 64 – <i>Villa</i> edificada à Rua Tiradentes que passou por modificações .....	135

Figura 65 – “ <i>Villa</i> Noemia do Sr. Jorge Campello Duarte” .....	136
Figura 66 - “Outro aspecto da “ <i>Villa</i> D. Noemia”, de propriedade do distinto conterraneo Sr. Jorge Campello Duarte” [sic] .....	136
Figura 67 - Comentários da comunidade em postagem sobre o Castelinho da XV de Novembro.....	137
Tabela 1 – Exemplos identificados na pesquisa .....	153

## **Lista de Siglas**

AEIAC – Áreas Especiais de Interesse do Ambiente Cultural  
EREA – Encontro Regional de Estudantes de Arquitetura  
FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
FEIC – Foco de Especial Interesse Cultural  
FENEA – Federação Nacional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo  
Iphan – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
MUB – Mapa Urbano de Base  
MMPB – Museu Municipal Parque da Baronesa  
NEAB – Núcleo de Estudos em Arquitetura Brasileira  
PET – Programa de Educação Tutorial  
PREC – Pró Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas  
SECULT– Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas  
SERES – Seminário Regional de Ensino Superior  
SGCMU – Secretaria Municipal de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana  
SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
SQA – Secretaria de Qualidade Ambiental de Pelotas  
UFPEL – Universidade Federal de Pelotas  
ZPPC – Zona de Preservação do Patrimônio Cultural

## Sumário

1 Introdução.....	17
1.2 Caminhos metodológicos .....	26
2 Arquitetura, para além dos seus aspectos tangíveis .....	29
3 Os antecedentes .....	36
3.1 Maneiras de morar de uma Pelotas oitocentista.....	36
3.2 As epidemias .....	44
3.3 As legislações construtivas de 1895 e 1915.....	46
4 Os tempos da modernidade e o século XX .....	54
4.1 Aspectos imateriais do habitar no século XX.....	54
4.2 A casa isolada no lote, surge uma nova tipologia.....	58
4.3 Identificação dos remanescentes .....	65
4.4 As casas de Catálogo.....	82
4.5 Organização espacial da tipologia.....	94
5 Adentrando pela porta, relatos do habitar .....	106
5.1 Casa da A. M.....	116
5.2 Algumas considerações sobre os relatos do habitar .....	129
5.3 Aspectos da perda.....	134
6 Considerações Finais .....	139
Referências .....	142
Apêndices.....	152
Apêndice A - Exemplos identificados na pesquisa .....	153
Apêndice B - Sinopse dos entrevistados .....	161
Anexos .....	166
Anexo A - Transcrição da matéria de jornal de exemplar estudado na pesquisa	167
Anexo B – Parque Ritter, uma bella vivenda [sic].....	169

Anexo C - Fotos das cópias do projeto arquitetônico da <i>Villa</i> Stella.....	172
---	-----



## 1 Introdução

A proposta desta pesquisa de mestrado em Arquitetura e Urbanismo, inserida na linha de pesquisa em Teoria, História, Patrimônio e Crítica, surge a partir da interlocução de dois temas de grande relevância: os estudos de gênero e o patrimônio cultural edificado. Busca-se entender quais seriam os espaços residenciais femininos no patrimônio cultural edificado de Pelotas – RS, mais especificamente, nas residências conhecidas como *Villas* e Casas de Catálogo, edificadas nas primeiras décadas do século XX. Utilizando instrumentos de análise da arquitetura para leitura dos espaços residenciais e de entrevistas com moradoras e moradores de algumas dessas casas, foi realizada uma interpretação crítica dos casos estudados. A partir da ótica dos estudos do campo da antropologia e estudos de gênero, busca-se entender a relação dos espaços residenciais com as mulheres. Dessa maneira se espera evidenciar relações sociais implícitas que são representadas na arquitetura.

A proposta de aliar os estudos de arquitetura e antropologia se manifesta desde o título do presente trabalho. Busquei abordar os temas da arquitetura, das mulheres e seu cotidiano nas residências conhecidas como *villas*. A escolha do termo ambiente se dá através do pressuposto teórico apresentado por Ingold (2012). Se na interpretação cotidiana o termo ambiente se refere à um lugar circundado de paredes, teto e piso, a proposta de interpretação de Ingold (2012) através de Gibson (1979), propõe uma expansão desse conceito. De forma que, em uma visão utópica, as fronteiras da determinação de ambiente poderiam tangenciar os limites do céu, solo e o fim do horizonte: “a mobília da terra é o que a torna habitável” (GIBSON 1979, p. 78, apud INGOLD, 2012).

A construção desse tema de pesquisa começa há certo tempo, e vem se misturando com minha trajetória enquanto estudante. Tenho viva em minha mente a lembrança de fascínio e estranhamento, ao caminhar pelas ruas do centro histórico de Pelotas-RS, em 2013, quando recém-chegada à cidade me habituava com esse ambiente totalmente desconhecido para mim: a malha reticulada e bem ortogonal dos quarteirões, os lotes sem recuos frontais fazendo as janelas abrirem para a calçada, as casas grandes imponentes com seus porões altos, que eram quase maiores do que eu mesma. Acredito que de forma velada, certa admiração e curiosidade por essa arquitetura esteve presente comigo desde minha chegada aqui.

Ao longo da graduação, das disciplinas obrigatórias à formação de Arquitetura e Urbanismo, tive a oportunidade de ter contato com o tema do patrimônio cultural de maneira correlata, através da participação em projetos de extensão e pesquisa da UFPel. Em 2015, participei de um projeto, vinculado à Pró Reitoria de Extensão e Cultura (PREC), que se intitulava “Museu do Conhecimento para Todos” – o qual tinha como principal atuação o Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O referido museu é instalado na antiga residência que pertenceu a Francisco Antunes Maciel, situado à praça Coronel Pedro Osório nº 8. Definitivamente, sob o aspecto construtivo é um exemplar muito requintado da arquitetura pelotense, fato que se demonstra em seu tombamento em nível federal pelo Iphan já no ano de 1977 (PEREIRA; MEDVEDOVSKI, 2015).

Em uma das primeiras experiências com o grupo de bolsistas, uma das coordenadoras do museu fez conosco uma visita guiada pela casa, naquele momento ainda vazia, sem nenhuma exposição montada. As explicações sobre os usos originais da edificação eram todos feitos através do enaltecimento dos aspectos materiais da casa: esculturas de faiança e ornamentos decorativos na fachada, ladrilhos, pisos trabalhados, gradis, planos escaiolados e, principalmente, os forros em estuque decorados. Evidentemente, os primeiros ambientes, principalmente, os sociais da casa, contêm muitas ornamentações e um requinte decorativo inegável. Entretanto, me chamou atenção, que conforme nos afastávamos das áreas sociais da casa essa ornamentação já não se apresentava da mesma maneira, e da mesma forma as explicações da visita guiada já não conseguiam seguir tão satisfatórias.

Outro fato que também me chamou muito à atenção era a disposição dos ambientes. O quarto das meninas dessa casa era localizado entre o quarto do casal e o quarto dos meninos, de forma que a única maneira de acessar o cômodo era através de um desses. Contraditoriamente, o quarto dos meninos tinha um acesso mais independente e mais próximo à saída secundária da casa. Essas distribuições me deixaram muito curiosa e intrigada. De repente, a “casa do conselheiro”, maneira em que era recorrentemente referida, já não me parecia tanto um objeto de admiração.

A história da patrimonialização no Brasil, em suas primeiras décadas, foi marcada pela dinâmica do enaltecimento das arquiteturas monumentais e pela celebração das civilizações e das identidades triunfantes nos processos de

colonização (PEIXOTO, 2017). Em Pelotas-RS, essa dinâmica não foi diferente, grande parte dos patrimônios culturais pelotenses, reconhecidos pelos órgãos de proteção vigentes, estão intimamente ligados com a temporalidade do apogeu econômico e de desenvolvimento da cidade, ocorrida principalmente no fim do século XIX (SANTOS, 2014; SCHLEE, 1993). Quando observamos os bens patrimonializados em nível federal, estadual e municipal, fica evidente não só a preferência por um recorte temporal, mas também por um estilo arquitetônico com a predileção do Eclético Historicista. Conjuntamente a essas escolhas de temporalidade e materialidade, há a eleição da narrativa de um grupo social seletivo que é retomada atualmente nas campanhas turísticas da cidade (ALFONSO; RIETH, 2016).

A história da cidade é marcada pela dominação de figuras masculinas no cenário social e público, através da quase exclusiva participação dos homens de uma elite branca em cargos ou posições de importância política, econômica, religiosa, social, etc. O patrimônio cultural, bem como a historiografia da cidade, é usualmente referido a essas figuras masculinas.

O protagonismo desses nomes pode ser observado nas ruas, praças, marcos e muitas vezes na maneira como nos referimos às edificações de valor cultural: “Praça Coronel Pedro Osório”, “Residência do Senador Augusto Assumpção”, “Antiga Escola de Agronomia Eliseu Maciel”, “Castelo Simões Lopes”, “Residência do Barão de Butuí”, entre outros. Essa gama de representantes da história e do patrimônio cultural pelotense pouco revela quem eram as mulheres que compunham essa sociedade. As figuras femininas aparecem de maneira mais tímida, e nessas ocasiões são geralmente representantes da elite social.<sup>1</sup> Dessa maneira, a proposta dessa pesquisa nasceu a partir dessa inquietação em entender como as mulheres também fizeram parte da constituição dessa história, e principalmente dessa arquitetura.

De maneira pouco evidenciada, mas com papel relevante, as mulheres têm estado envolvidas com o desenho e a forma do espaço de diversas maneiras, enquanto consumidoras, usuárias, ou como objetos de representação ou inspiração (ANTUNES, 2016). Contudo, a cidade tem uma história majoritariamente elaborada

---

<sup>1</sup> A figura da Baronesa, a qual dá nome ao Museu Municipal Parque da Baronesa - MMPB, e a emblemática miss Brasil Iolanda Pereira seriam exemplos dessa situação.

por homens, suas composições, seus princípios e regras. Segundo Martinez (2018), as mulheres compuseram todos os momentos historicamente decisivos da cultura ocidental, mas tem sido invisibilizadas. A ausência desse reconhecimento pode ser notada, como por exemplo, no escasso comparecimento dos nomes femininos nos nomes das ruas, espaços públicos e monumentos.

Em contrapartida ao universo masculino tradicional, a mulher foi relegada ao seu papel biológico de mãe, e imposta a vida doméstica (MALUF; MOTT, 1998). Essa supremacia masculina é uma herança cultural das sociedades ocidentais desde os tempos mais idos, e se reflete ainda hoje na misoginia que vemos e vivemos atualmente.

Inúmeras poderiam ser as fontes escolhidas para contextualizar o modo de vida das figuras femininas desse período. No mesmo viés, diversas podem ser as fontes materiais analisadas para exemplificar essa transdisciplinaridade entre a cultura imaterial e o patrimônio edificado pelotense da virada do século. Entretanto, certamente um ambiente comum a muitas dessas mulheres eram as casas.

A edificação destinada à moradia pode ser entendida como um objeto com tantas especificidades (tamanhos, cores, materiais, formas, etc.), característica que a poderia definir como única. Entretanto, é tão cheio de práticas habituais (comer, dormir, reprodução, higiene), que por outro lado, poderia ser caracterizada como comum. As casas podem ser objetos peculiares ou comuns, de diferentes formas, tipos, materiais, podem ser dos mais variados tamanhos. Porém, elas têm algo em comum, que as caracteriza de forma que quando as vemos, todos sabem que é uma casa, seja ela no centro ou na periferia, uma casa simples ou uma casa sofisticada.

Para Miller (2013), a casa é considerada o elefante das coisas. O autor se refere que a casa como a maior, ou uma das maiores, coisas que o homem produz e/ou produziu. Chega a ser tão grande, que é capaz de abrigar indivíduos em seu interior.

Segundo Perrot (2009), a casa do século XIX é domínio do privado, é lugar de interiorização da família, é seu lugar de existência, seu ponto de encontro. O ideal da casa desse período pode ser também ligado ao sentido de fixação, e de propriedade. Mas acima de tudo, a casa, principalmente a casa burguesa ou de classes médias desse período é observada aqui como lugar de interiorização das mulheres.

A busca pela relação entre a arquitetura e o gênero tem se mostrado um estudo complexo (ANTUNES, 2016). Diversas questões podem ser levantadas nesse aspecto, dentre elas os diversos meios pelos quais a figura feminina interveio e, ainda intervém, na construção da casa, dos edifícios, dos espaços públicos e, por conseguinte, do ambiente urbano. Pensar como se dá a lógica de formação dos espaços e buscar interpretá-los como objeto complexo, traz consigo uma ressignificação desses patrimônios. Sendo assim, a proposta aqui apresentada é aproximar os estudos da Arquitetura e Urbanismo e da Antropologia, a fim de entender o espaço e seus significados, olhar para seus elementos arquitetônicos e os entender como carregados de intenção observando as relações entre o construído e seus e suas habitantes.

Assumindo os pensamentos de Zarankin (2001), que afirma que a arquitetura é um meio pelo qual se materializam relações simbólicas, ideológicas, sociais, de controle e poder, se propõe observar o espaço residencial como um lugar cheio de intencionalidades, as quais, dadas o recorte proposto, indicam a hierarquização, a separação (de raça, classe e gênero), o controle, dentre outras relações dicotômicas. Ainda segundo o autor, a arquitetura pode criar limites onde o corpo é confinado e educado, regulando como as pessoas se encontram no espaço.

Para a elaboração do trabalho, também se fez necessária a realização de um recorte tipológico, visto a pluralidade da produção arquitetônica residencial do período. Segundo Quatremère de Quincy (1765, apud Pereira 2008), o critério de características tipológicas é definido pelos tipos construídos, que são condicionados pelas particularidades do lote em que a edificação se implanta, pela organização espacial do programa, pela função do prédio, condições financeiras do proprietário, pelas normativas construtivas do momento da construção, técnicas, clima, topografia e situação. O recorte se mostrou apropriado, dada a recorrência do estudo dos tipos construtivos nos estudos de arquitetura tradicional no Brasil.

Dessa maneira, optou-se por estudar as chamadas “*villas*” e “casas de catálogo”, que são residências unifamiliares, edificações do fim do período eclético, construídas principalmente nas primeiras décadas do século XX. Essas edificações configuram um tipo de casas que se implanta de maneira a utilizar de recuos frontais, e recuos em uma ou duas laterais do lote e talvez essa seja uma de suas características mais marcantes. São caracterizadas pela presença de seus jogos de volumes, telhados aparentes (em oposição ao tradicional uso das platibandas),

entradas marcadas por alpendres, dentre outras tantas características que certamente mereceriam um estudo próprio e mais aprofundado sobre o tema em si.

As *villas* são identificadas por servirem como habitação para a, então, nova burguesia ascendente nas cidades. São edificações de grande porte, número variado de cômodos, ricamente ornamentadas e implantadas em um grande lote. As casas de catálogo são caracterizadas por serem edificações de menor porte que se apropriam e/ou releem algumas características das *villas*. Essa maneira peculiar de chamá-las se dá pela semelhança das edificações em questão com catálogos de arquitetura que circulavam nacional e internacionalmente no início do século XX, e também por alguns relatos, que indicam que certos construtores da época utilizavam dos catálogos para promoção de seu serviço<sup>2</sup>.

A escolha desse recorte arquitetônico se intensifica no momento em que se entende que muitas dessas edificações não têm qualquer instrumento legal de proteção, apesar de muitas se situarem em período correlato a outros patrimônios edificados em Pelotas e já protegidos. Através de conversas com pesquisadores/as do NEAB, identificamos que a produção desse tipo de edificação se deu, majoritariamente, nas primeiras décadas do século XX.

Para o entendimento dessas casas, e ainda, como as mulheres as ocupavam, foram importantes abordagens que caracterizassem o contexto da produção e ocupação dessa arquitetura, dessa forma o trabalho se desenvolve em quatro capítulos.

O primeiro capítulo busca esboçar o entendimento de que a produção de arquitetura é sempre um ato intencional, permeada de pensamentos e ideias das várias figuras que disputam o espaço. Esse capítulo de revisão bibliográfica busca contextualizar o(a) leitor(a) como a arquitetura (aqui em especial a residencial do século XX) é edificada sob os valores de uma sociedade patriarcal segregadora. Esse pensamento consolida a base do trabalho, permeia os outros capítulos e se manifesta com as análises dos projetos de algumas residências, os quais foram possíveis ter acesso durante a realização do trabalho.

O segundo capítulo busca trazer um panorama de contextos importantes que precedem a temporalidade desse estudo. Explora brevemente como eram as

---

<sup>2</sup> O relato familiar de uma ex-professora da FAUrb UFPel ilustra esse caso. Os pais de Maria da Graça A. S. Duval, escolheram a casa que construíram em Jaguarão-RS, a partir de um catálogo, no início do século XX.

residências pelotenses antes do surgimento da tipologia estudada, buscando evidenciar quais eram comumente os cômodos mais utilizados pelas mulheres. As grandes epidemias, e seus impactos no aprimoramento da infraestrutura urbana e legislações construtivas, situações aparentemente um pouco distantes da esfera doméstica, mas que impactaram na concepção das novas formas de morar do século XX.

O terceiro capítulo inicia abordando o contexto social do século XX, em especial os comportamentos esperados para as mulheres desse momento. Logo após é abordado o tema das *villas* e das casas de catálogo, buscando descrever suas características, modos organizacionais, sua implantação recorrente, dentre demais atributos. Explora também quais seriam os cômodos tradicionais de permanência das mulheres. Dada a escassez de estudos sobre esse tipo arquitetônico, foi feito um levantamento de identificação dos exemplares remanescentes no perímetro urbano, apresentado neste capítulo.

O quarto capítulo visa uma aproximação a alguns estudos de caso, buscando entender a utilização e as concepções desses espaços pelas moradoras e moradores a partir de registros orais e fotográficos. A partir de um estudo de caso em especial, é explorada mais profundamente as histórias do habitar. A união dessas fontes tentava, inicialmente, a comprovação da hipótese de que essas residências imprimem em sua materialidade as relações de uma sociedade regulada e controlada pelo masculino. Entretanto, o que os relatos trouxeram foram uma ideia de transformação e de agência<sup>3</sup> das mulheres nas transformações físicas, de uso e de significado dos ambientes.

O sexto e último capítulo traz um panorama sobre os sentimentos de perda, relacionados a alguns bens (que fazem parte desse tipo arquitetônico) e que já não existem mais, ou estão em situação precária. Os relatos mostram brevemente as reações das pessoas nas redes sociais às demolições, incêndios e descasos com esses edifícios, demonstrando que não somente para os moradores, mas também para a comunidade envolvente, a importância dessas obras.

A proposta deste trabalho aborda uma interpretação mais ampla acerca do patrimônio cultural. O enfoque consiste em estudar residências, construídas no início

---

<sup>3</sup> Para Souza (2017), o termo agência, interpretado a partir de outros autores do campo, pode ser entendido como a capacidade de ação, inclusive dentro de relações de dominação.

do século XX e que, em sua maioria, não contam com instrumento de proteção legal. A partir da narrativa das interlocutoras, esse estudo sobre a casa explora o âmbito do cotidiano, do doméstico. Então eu peço licença para adentrar e estudar a casa, talvez a descrita aqui não seja a sua casa particular, mas com certeza em algum momento desse texto, você vai reconhecer um pouco dela.

A crescente pluralidade de entendimentos que vem permeando o campo do patrimônio cultural impulsiona este tipo de trabalho, que se propõe a fazer interlocuções entre campos do conhecimento da arquitetura e antropologia. Abordagens cada vez mais multidisciplinares podem ser observadas nos pensamentos de autores e autoras reconhecidos/as na área, como a exemplo Ulpiano Bezerra de Meneses (2006, 2012, 2018), e também em recentes publicações do Iphan (2018) sobre o tema. A carência de estudos acadêmicos que trabalhem com as questões de gênero e arquitetura, em especial uma arquitetura historicizada, dado o caráter emergente dessa temática, demonstra um campo de estudo a ser explorado, e impulsionou a elaboração desta pesquisa.

A possibilidade de realizar um estudo que trata de uma pequena parte da história das mulheres (PERROT, 2007) de Pelotas, usando como fonte de pesquisa a arquitetura residencial, é um nicho ainda pouco explorado pela academia, fato que justifica este estudo. Evidentemente, que a diversidade de personagens possíveis nesse cenário é enorme: mulheres adultas, crianças, as jovens, as trabalhadoras domésticas, as donas de casa, as trabalhadoras de todo tipo, e tantas outras que por aí devem ter passado e não seria possível enumerar.

Acredita-se na relevância do trabalho, pois explora a importância das figuras femininas enquanto constituintes da trajetória: a) privada, quando entendemos a relevância de seus papéis dentro da unidade familiar; b) da arquitetura, quando percebemos seu papel na transformação/manutenção da organização residencial; c) da cidade, quando entendemos que a arquitetura residencial compõe grande número das unidades construídas de uma malha urbana.

É cada vez mais evidente a necessidade do olhar crítico sobre a malha urbana historicizada para enxergá-la em suas diversas faces: a cultural, a histórica, a sentimental, e tantas outras inumeráveis. Esse olhar atento propicia entendermos seus aspectos materiais e físicos com maior profundidade, percebendo que esses são também produtos de relações sociais ao longo do tempo.



É possível elencar uma justificativa sobre a proposta da seleção do tipo arquitetônico a ser estudado aqui. Podemos contextualizar ao leitor e à leitora que esse é um nicho da arquitetura pelotense que não tem uma proposta de salvaguarda evidente dos órgãos de proteção vigentes. Em geral, essas edificações são implantadas em terrenos espaçosos (como veremos em capítulos futuros) e estão relativamente muito próximas do centro da cidade. Essa conformação faz com que esses imóveis sejam suscetíveis aos interesses do mercado imobiliário, pois muitos já foram demolidos em prol da construção de novos empreendimentos. Explorar esses exemplares neste estudo é uma maneira de valorizar e também registrar sua frágil existência.

O objetivo geral e principal dessa pesquisa consiste em analisar, como se dão os espaços residenciais femininos no patrimônio cultural edificado de Pelotas – RS, mais especificamente, nas residências conhecidas como *Villas* e Casas de Catálogo, edificadas nas primeiras décadas do século XX. Evidenciar a arquitetura como meio de materialização de relações sociais, buscando compreender as formas sob as quais foram propostas os ambientes e usos femininos para essas residências. E, também, como esse espaço foi transformado e ressignificado na maioria dos relatos das entrevistadas(os), evidenciando, em muitos casos, a agência das mulheres como propulsoras dessa transformação. Dentre os objetivos específicos é possível destacar:

- a) Identificar nos projetos arquitetônicos residenciais as maneiras de vivenciar o espaço propostas para as(os) diferentes moradoras(es);
- b) Identificar as transformações e ressignificações dos espaços residenciais ao longo do tempo;
- c) Propor reflexões, evidenciando as relações entre as mulheres e o espaço doméstico;
- d) Ressaltar a importância das *villas* e casas de catálogo como constituintes do patrimônio cultural edificado de Pelotas, ainda que pouco reconhecidas pelos órgãos de proteção vigentes.

O estudo tem a hipótese que os espaços residenciais, quando analisados e interpretados, acabam por revelar a materialização das relações sociais de controle, separação e exclusão dos indivíduos por “gênero, raça e classe” (DAVIS, 2016). As evidências dessas lógicas se apresentam na hierarquização, divisão e setorização dos ambientes, além da criação de cômodos, que já em fase de projeto se

denominam: “Quarto da criada”, “Costura”, “Quarto de Engomar”, “Quarto do Chofer”, “Sala das Senhoras”, dentre tantos outros. Nesse sentido, ao habitar o espaço, as falas das moradoras apresentam, ao longo do tempo, uma transgressão a essas propostas de ocupação presentes nos projetos arquitetônicos.

## 1.2 Caminhos metodológicos

Dada a temática do trabalho foi necessária a revisão bibliográfica sob diversos autores. Dentre os títulos consultados se ressaltam os estudos de Schlee (1993), Moura e Schlee (2002) para compreensão de Pelotas no período de consolidação do tipo estudado. As pesquisas iconográficas ancoraram-se em Rubira (2012, 2014a, 2014b), Paradedá (1916, 1921, 1922, 1925, 1927, 1929, 1930, 1933), Carricone (1922), Moura e Schlee (2002) e acervos pessoais disponibilizados pelas/os interlocutoras/es digital ou fisicamente. Os estudos acerca do tipo estudado foram embasados, principalmente pelos títulos de: Schettino (2012) e Homem (1996). Para compreensão das relações entre a casa e seus habitantes foram consultados Ingold (2012) e Miller (2013).

Pela natureza do tema “as mulheres e o ambiente residencial”, além dos estudos correlatos à arquitetura, a revisão bibliográfica de alguns estudos dos campos das ciências sociais foi de suma importância. Sobre a especificidade do tema, Araújo (2006) aborda:

No Brasil, em contraste com outros países, a maioria dos estudos sobre a casa, particularmente na concepção do espaço privado em si e sua relação com o espaço urbano, ainda não focaliza a problemática de gênero, essencial para a compreensão do habitat doméstico (ARAÚJO, 2006, p. 17)

Dada a ausência de um estudo precedente mais aprofundado sobre esse recorte tipológico em Pelotas, foi realizada a identificação dos exemplares remanescentes desse tipo arquitetônico<sup>4</sup>. O perímetro escolhido, primeiramente, para o levantamento compreende os loteamentos mais antigos da malha urbana, conhecidos no atual Plano Diretor como AEIAC ZPPC e AEIAC Zona Norte

---

<sup>4</sup> O trabalho de levantamento de identificação faz parte do projeto de pesquisa “Patrimônio Cultural na região Sul do Rio Grande do Sul, séculos XIX e XX”, o qual além do trabalho da autora teve a participação de duas alunas de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPel e orientação da coorientadora deste trabalho.

(PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2008). Em uma segunda etapa foram selecionadas também as principais avenidas da malha urbana, as quais constavam em cartografias da década de 1920, são elas: Av. Domingos de Almeida, Av. Duque de Caxias, Av. Fernando Osório, Av. Jucelino Kubitschek de Oliveira, Av. República do Líbano. A consulta de mapas cartográficos históricos nos acervos do NEAB foi importante para entender as transformações dos limites urbanos da cidade no período estudado, e delimitar as áreas de estudo.

A área foi percorrida e os exemplares identificados eram registrados através de fotografia e anotações rápidas de campo, para que posteriormente esses dados pudessem ser trabalhados de maneira mais aprofundada. Devido a pandemia mundial causada pelo coronavírus, parte desse levantamento teve que ser feito de maneira remota, dessa maneira, foi utilizado as imagens de “*Street View*” do *Google Maps* para essa identificação.

A partir do mapeamento e identificação dessas edificações, foram feitas buscas dos projetos originais de construção ou de levantamentos arquitetônicos posteriores. Para isso, foram utilizados, novamente, os acervos do NEAB e os trabalhos de levantamentos arquitetônicos feitos pelos alunos da FAUrb em anos anteriores. A busca dos projetos de construção originais é geralmente feita nos acervos da SGCMU, no entanto, esse acesso foi limitado devido à pandemia causada pelo Coronavírus.

Depois de identificadas as construções de interesse, localizadas na cidade, e analisados seus projetos de construção, foram realizadas entrevistas com moradoras e moradores de algumas dessas residências. Antes de cada encontro, era preparado um roteiro de perguntas adaptado a cada entrevistada, entretanto esses questionamentos eram levantados pontualmente, de modo que as entrevistas tiveram um caráter mais próximo à conversa, de forma livre. Após a realização das primeiras entrevistas, começamos a identificar alguns assuntos que eram recorrentes, desse modo, esses temas também começaram a compor o roteiro das próximas entrevistas.

As entrevistas foram feitas em sua grande maioria por encontros remotos, também devido às limitações causadas pela pandemia de coronavírus no Brasil. Até o momento, todas as entrevistadas e todos entrevistados permitiram a gravação da entrevista, o que permitiu a transcrição desses encontros para o trabalho. A

perspectiva do uso dessas casas sob o olhar das moradoras me trouxe a percepção sobre como elas habitam, transformam, e entendem o espaço.

Todas essas informações, coletadas nem sempre de maneira tão uniformes quanto descritas aqui, permitiram uma visão mais ampla dessas residências e de suas habitantes, a fim de entendê-las em seus diversos aspectos.

## 2 Arquitetura, para além dos seus aspectos tangíveis

Ao longo da história muitos pensadores tentaram formular uma definição sobre “o que é a arquitetura”. Para alguns pensadores ela é arte, reinvenção, tecnologia ou um ato político. Vitruvius há mais de 2000 anos atrás, definiu em seu tratado “De Arquitectura”, os três princípios básicos necessários para uma boa arquitetura: *firmitas* (solidez, qualidade da construção), *utilitas* (forma, adequação funcional) e *venustas* (beleza ou qualidade estética) (VITRÚVIO, 2007). Com o passar dos séculos muitos desses conceitos foram reinventados ou ganharam novas leituras e significados.

Segundo Rheingantz (2014, p. 01) “A arquitetura combina a materialidade dos edifícios e lugares com os elementos humanos de quem os habita.” A arquitetura é produto complexo, tal qual, que para a sua compreensão, necessita ser interpretada em seu contexto, ou seja, dentro da conjuntura social, política e cultural da sua produção, em consonância, evidentemente, com o entendimento dos agentes envolvidos, sejam eles ocupantes, autores, agentes diretos e ou indiretos do ato de criação desse espaço (ANTUNES, 2016).

A forma e a organização da arquitetura residencial pode dizer muito sobre os aspectos climáticos no qual ela se insere, as pessoas que a habitam e o seus costumes. Sobre as origens da cultura ocidental, Santana (2010) contextualiza: na Grécia Clássica, a organização das relações sociais levava as mulheres metodicamente a serem repelidas da vida pública. A figura feminina era relacionada com a natureza, a beleza, a pureza, o amor, a intuição, os sentimentos, em geral, essencialmente, tudo aquilo que era íntimo e interiorizado. As instituições jurídicas estabelecidas pelos romanos legalizaram a restrição feminina das decisões políticas, nas quais os homens desfrutavam da totalidade dos poderes sobre as mulheres, os filhos, os servos e os escravos. O masculino era facilmente relacionado à política, à razão, à ciência, à justiça e ao público.

Ainda na Grécia e Atenas Clássicas, podemos ver nas residências essa separação social, na maneira como os grupos a habitavam. Para as mulheres era destinado o gineceu: ambiente voltado às atividades domésticas, na qual as mulheres conviviam apenas entre si, sendo vetada a presença dos homens (LESSA; NETO, 2014). E aos homens o androceu: cômodo designado aos banquetes e simpósios, em suma, o ambiente privado residencial destinado à vida pública

(BERQUÓ, 2014). Essas perspectivas são importantes para entender a formação da percepção sobre o lugar social dos homens e das mulheres ao longo do tempo.

O que seria a arquitetura se não um produto feito por pessoas e para as pessoas? E dessa maneira, se nos propomos a estudar a arquitetura, como fazê-lo apenas estudando a sua materialidade? Esse pensamento nos leva ao paradigma de que a imaterialidade necessita da materialidade para se expressar (MENESES, 2012).

A arquitetura e o ambiente urbanizado podem ser interpretados como linguagem não verbal. Os edifícios têm significados e fazem parte de uma narrativa, que pode inclusive ser diversa para cada usuário da cidade. Transmitem seus valores e significados por meio de um discurso material sensível aos usuários, (ZARANKIN, 2001). Sobre esse aspecto a historiadora Sandra Pesavento (2012) indica:

O historiador precisa, pois, encontrar a tradução das subjetividades e dos sentimentos em materialidades, objetividades palpáveis, que operem como a manifestação exterior de uma experiência íntima, individual ou coletiva. Sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído (PESAVENTO, 2012, p. 58).

E como o estudo de casas de um século atrás contribuiria para conhecimento das residências atuais? Entender nossa trajetória é fundamental para entendermos a conformação da casa atual. Buscando essa compreensão, o autor Carlos Lemos em seu livro “Cozinhas, etc.” (1978), faz uma retrospectiva sobre a casa popular paulista. Demonstrando que a residência brasileira é, em suma, fruto de uma soma de culturas ao longo do tempo.

A mulher indígena foi a primeira escravizada doméstica das casas brasileiras, além de fazer o serviço doméstico, foi forçada ao trabalho e ao sexo. A mulher indígena trouxe grande contribuição à zona de serviço da casa paulista, e também brasileira, por assim dizer. Trouxe o modo de cozinhar, ensinou a manipular os mantimentos locais e forneceu ao português colonizador o saber sobre o uso e o modo de se fazer cerâmica (LEMOS, 1978). Para Wichers, et. al (2018), as mulheres fizeram parte contundentemente da esfera de produção de cerâmica no Brasil, de forma que as mulheres indígenas e africanas também participaram dessa produção regional ou local de formas diversas, como agregadas ou trabalhadoras livres, essa afirmação demonstra a pluralidade de indivíduos que compuseram essa cultura.

Ulpiano T. Bezerra de Meneses (2012) aborda como o patrimônio cultural necessita do suporte material para se expressar. Dessa forma, neste trabalho, nos propomos a estudar algumas residências pelotenses, do início do século XX, tendo em vista que todas elas, e muitas outras, constituem a ambiência de Pelotas, e sendo reconhecidas ou não pelos órgãos de patrimonialização contribuem, direta e indiretamente, para a formação de nossa cidade.

A escolha do recorte arquitetônico dessa pesquisa diverge das escolhas recorrentes de exemplares arquitetônicos escolhidos para promoção e turistificação da cidade (ALFONSO; RIETH, 2016). Entende-se aqui que não necessariamente somente aqueles exemplares reconhecidos pelos órgãos de preservação são importantes para a constituição da cidade, nesse sentido abrimos olhares para os patrimônios arquitetônicos não reconhecidos oficialmente, mas eleitos pelo significado e proximidade das comunidades que o circundam.

A casa da elite Pelotense, no mesmo sentido em que interioriza a família e as relações de afeto, na sua exterioridade rivaliza com a execução de edifícios cada vez mais imponentes. A casa é a imagem materializada mais importante para a família. O estilo arquitetônico eclético, que vigorou entre o fim do século XIX e o início do século XX, demonstrava uma preocupação com a emissão de mensagens sobre a identidade social do grupo doméstico que era denotada a partir do elemento mais público da casa: a fachada (SANTOS, 2014). Por esse motivo é comum o investimento na ornamentação das fachadas e a inclusão de monogramas dos proprietários nos frontispícios.

A comunicação visual das residências com ornamentações em formatos de flores presentes nas fachadas, platibandas rendilhadas, ladrilhos e azulejos com ornatos de flores e figuras associadas à mulher, estátuas nas platibandas... Todos esses elementos anunciam: esse é um lugar feminino.

Segundo Zarankin (2001), a maneira como a materialidade das residências desse período era concebida diz muito sobre o pensamento familiar normativo da época. As residências, principalmente as mais abastadas, eram construídas com materiais duráveis e de boa qualidade, de forma que a casa era concebida sob um pensamento de durabilidade, de maneira correlata ao que se idealizavam as relações familiares. O casamento era feito para durar, e recorrentemente, mais de uma geração da família habitava a mesma residência. Exemplo dessa questão,

Montone (2018) trabalha muito bem essa lógica familiar ao estudar a Chácara da Baronesa, a qual abrigou pelo menos três gerações da família Antunes Maciel.

O zoneamento tripartite da casa, constituído pelas áreas social, íntima e de serviço, consolidado no século XIX e amplamente utilizado até os dias de hoje, é descrito por Lemos (1978) e Araújo (2006) como uma das formas recorrentes de analisarmos a distribuição das residências. Sob esse aspecto de análise da casa: “A marca da boa situação social é a casa com menos superposição possível de funções” (LEMOS, 1978, p. 18). Dessa maneira a casa abastada vai ganhando uma série de cômodos e peças, a fim de setorizar as funções dentro da residência. Nas casas abastadas a coqueira deu lugar à garagem, a senzala deu lugar ao quarto do chofer e da trabalhadora doméstica, remanescentes ou testemunhas do nosso regime escravocrata (LEMOS, 1978). Enquanto na casa burguesa há essa busca por uma compartimentação, de forma a setorizar o que se executa em cada ambiente, até mesmo o lazer ganha seu lugar. De maneira antagônica, na casa popular não há espaço para tal atividade:

A falta de aconchego, o choro permanente das crianças subnutridas dentro do único dormitório, sempre fizeram com que o repouso nas casas populares dos arrabaldes pobres fosse muito difícil. [...] O botequim tem razões de existência muito mais profundas do que a gente pode pensar (LEMOS, 1978, p. 19).

A casa popular contemporânea, com seus poucos cômodos e sobreposições de funções tem as mesmas ou muitas semelhanças das casas populares de um século atrás. A *casa de renda*<sup>5</sup> pelotense, estudada por Liciane Almeida (2006), tem distribuições espaciais e características que podemos encontrar ao conhecer as casas populares construídas nos dias atuais<sup>6</sup>.

As zonas de serviços das casas também necessitam de água. Essa demanda antigamente, antes dos modernos recursos das canalizações e das redes públicas de distribuição, obrigava as famílias a penosos transportes - e ainda obriga, nos lugares subdesenvolvidos, no sertão, na roça e nas favelas dos grandes centros (LEMOS, 1978, p. 34).

---

<sup>5</sup> As chamadas Casas de Renda eram casas populares, construídas com o fim de gerar rendas de aluguel aos seus proprietários. No trabalho “Casas de Renda, os conjuntos residenciais pelotenses do início do século XX” Liciane Almeida explora mais de 90 projetos construídos na cidade no período.

<sup>6</sup> Refiro-me aqui a programas populares de habitação social, com construções de habitação em massa, fornecidos e/ou incentivados pelo governo.



Dessa forma, evidenciamos que a arquitetura vai se modificando, mas continua sendo suggestionada pelos interesses sociais. Podemos descrever que ela é fruto do contexto social e tecnológico de uma sociedade, mas também assume papel interativo, determinando a maneira como as pessoas a habitam. Sua existência e interação com a sociedade determina uma relação mútua.

Toda manifestação arquitetônica guarda em si um desejo, fruto da imaginação de seu idealizador. Assim o arquiteto<sup>7</sup> ganha um papel de converter as suas ideias e os desejos de seu cliente, através de uma série de normativas e leis da sociedade civil, a fim de garantir a consolidação de sua obra ao final desse processo. Qualquer construção é imaginada antes de ser construída, isso demonstra, irrefutavelmente, a intencionalidade da arquitetura.

As normativas construtivas também foram se transformando com o passar do tempo, os *códigos de obras*<sup>8</sup> foram aos poucos se conformando com as mudanças e abrandando as exigências mínimas. Os pés direitos começaram a diminuir, abaixando as casas, economizando tijolos, reduzindo as alturas de janelas e portas. Os cômodos diminuíram seu tamanho, ou deixaram de existir.

Além da incorporação dos modos de vida de outros povos, um aspecto fundamental que contribuiu para a transformação da arquitetura ao longo dos anos foi o avanço dos materiais e técnicas de construção. Por volta do século XVIII o mundo viveu o aquecimento do sistema capitalista, começava a industrialização e a padronização. Acontecimento o qual refletiu no modo de construir. Em certo momento começou a se depender menos dos materiais inerentes à região, e a importação de elementos que compuseram a arquitetura ficavam cada vez mais facilitados.

Segundo Zarankin (2001), essa abordagem enfatiza a arquitetura como meio de poder do sistema capitalista, pois de forma particular ela constrói, organiza, classifica, ordena, hierarquiza o espaço cultural, materializando assim as relações sociais existentes no âmago da sociedade. Por esse motivo, a arquitetura se

---

<sup>7</sup> Aqui podendo ser o arquiteto, engenheiro civil ou construtor. No período aqui estudado não era frequente o aparecimento de mulheres com essas profissões.

<sup>8</sup> O Código de Obras é constituído de uma série de regras que regulamentam as construções. É comum cada município ter o seu próprio Código de Obras. Normalmente utilizado em conjunto com Planos Diretores e demais leis ou normativas próprias do município.

transforma em uma tecnologia de poder. Ou seja, um instrumento cuja manipulação, pelo poder, influi para a reprodução da ordem social existente.

Os edifícios, e também as residências, são em sua essência a materialização das relações de poder assimétricas da sociedade (ZARANKIN, 2001). Isso se evidencia pelas suas organizações, hierarquias e setorizações. São limites físicos que essas estruturas impõem aos deslocamentos, ao encontro entre pessoas, à sua interação.

As edificações são vistas, então, como produtos do meio, pois são produzidas dentro da sociedade e pela/para a sociedade. Entretanto são também reguladoras do meio em que estão inseridas. Sendo assim, produtos culturais interagem de forma dinâmica com as pessoas.

Foucault (1999), em seu livro “Vigiar e Punir”, explora as relações disciplinares nos estabelecimentos de controle (asilo psiquiátrico, penitenciária, estabelecimento de educação...) de forma correlata, a casa também exerce os mesmos mecanismos de controle e separação: público-privado, homem-mulher, criada-senhora, adulta-criança. Além de reproduzir as dicotomias aqui apresentadas, veremos que a casa também contém, muitas vezes, seu próprio sistema de vigilância, aproximando-se mais uma vez do escrito de Foucault, quando recordamos do modelo panóptico.

A arquitetura cria limites artificiais onde o corpo é confinado e educado. Assim, um prédio regula a forma com que as pessoas encontram-se no espaço, e, portanto, favorece certos tipos de relacionamentos entre elas. (ZARANKIN, 2001, p. 42).

Segundo Mark Wigley (1992, *apud* ANTUNES, 2016), a cumplicidade entre a arquitetura e a prática da autoridade patriarcal, se define por uma convergência entre o ordenamento espacial e a sistemática de vigilância. Nesse contexto, a casa é entendida como um mecanismo de confinamento, dominação e interiorização. A confluência desses entendimentos sobre o espaço, com aspectos tradicionalmente estudados, pode gerar outra dimensão de entendimento sobre o ambiente construído.

Os estudos arquitetônicos, na maioria das vezes, analisam essa produção a partir de seus aspectos formais e estilístico. Entretanto, se propõe aqui a estudar a

arquitetura em uma perspectiva além, sob os aspectos imateriais intrínsecos à sua materialidade que permeiam as características tradicionalmente ressaltadas.

Araújo (2006) problematiza a forma como as edificações têm sido analisadas pela historiografia, sendo reduzidas apenas ao entendimento de seus esquemas funcionais<sup>9</sup>, quando na verdade, suas interpretações podem e devem ir além. Para entendermos a casa, necessitamos entender minimamente quem eram as pessoas que ocupavam esse espaço, bem como, de que maneira o faziam.

Dessa forma, este trabalho se propõe a abordar além de seus *programas de necessidades*<sup>10</sup>, as distribuições e divisões dos cômodos, a acessibilidade e/ou permeabilidade (para com os demais cômodos e áreas externas). Buscando entender, dentro do universo das residências desse período, como a Arquitetura pode ser um instrumento de manipulação e controle, pois segundo Foucault (1999) a maneira como é proposta a distribuição de pessoas e coisas no espaço é considerada um instrumento disciplinar de poder.

As lógicas de controle, separação e vigilância no ambiente residencial, das quais falamos aqui, não se apresentam somente na arquitetura residencial das *Villas* e das Casas de Catálogo. Elas já se manifestavam antes, e se manifestaram depois em outros momentos da arquitetura de Pelotas, e também de outros lugares. Assim como afirmado por Lemos (1978), a arquitetura pode ser produto da soma de diversos fatores, sociais, climáticos, e principalmente culturais ao longo do tempo. De maneira análoga, olhamos para o recorte arquitetônico aqui estudado. Muitos aspectos podem ser elencados para caracterizar os principais motivos de transformação da arquitetura até o momento da arquitetura do século XX, vejamos a seguir alguns deles.

---

<sup>9</sup> Esquemas ou diagramas funcionais são desenhos simplificados utilizados para demonstrar o funcionamento de um projeto. Normalmente, no caso das residências, pode evidenciar com cores o zoneamento tripartite (distribuição da residência em ambientes pertencentes ao setor social, íntimo e de serviço).

<sup>10</sup> Segundo Albernaz e Lima (1998a, p. 519), o programa de necessidades ou programa arquitetônico pode ser definido como: “1. Espaço arquitetônico definido de acordo com o conjunto de atividades sociais e funcionais nele exercido e com o papel que representa para a sociedade. Os programas arquitetônicos modificam-se no tempo segundo as novas necessidades criadas pelo homem. A igreja e a Casa de câmara e cadeia eram importantes programas arquitetônicos do Brasil Colonial. Recentemente, novos programas surgiram, como é o caso do *shopping center* ou do hotel residência. É também chamado de programa. 2. Classificação, em termos genéricos ou minuciosa, do conjunto de necessidades funcionais correspondentes à utilização do espaço interno e à sua divisão em ambientes, recintos ou compartimentos, requerida para que um edifício tenha um determinado uso. É fundamental sua definição antes de iniciar o projeto arquitetônico. É também chamado programa de necessidades ou simplesmente programa.”



2002). Atualmente também é possível estudar os remanescentes desses primeiros exemplares, através de levantamentos urbanos e arquitetônicos, fontes documentais como fotografias e registros escritos e diversas fontes de estudo. Auguste de Saint-Hilaire, no ano de 1820, descreve rapidamente sobre a conformação urbana da cidade:

[...] seguimos para a aldeia, distante já dito, meio quarto de légua do rio São Gonçalo e situada em vasta planície. É sede da paróquia e conta para mais de cem casas, construídas segundo um plano regular de edificação da aldeia. As ruas são largas e retas. A praça em que fica a igreja é pequena porém muito bonita. A frente da maioria das casas é asseada. Não se vê em São Francisco de Paula uma palhoça sequer e tudo aqui anuncia abundância. Na verdade as casas são todas de um só pavimento, mas são bem construídas, cobertas de telhas e guarnecidas de janelas envidraçadas” (MAGALHÃES, 2000, p. 35).

Para uma melhor apreensão desse universo, das maneiras de morar do século XIX, o tema será tratado aqui segundo a abordagem dos estudos tipológicos<sup>12</sup>. Segundo Durand (1883) *apud* Lamas (2004, p. 86), “o tipo é um esquema que respeita as necessidades funcionais e permite elaborar um projeto”. A classificação em tipos edilícios é uma prática recorrente nos estudos de arquitetura e de morfologia urbana, e será utilizado aqui com o objetivo de facilitar a compreensão do leitor no entendimento de quais eram os tipos residenciais mais recorrentes na cidade. Entretanto, um traço característico da arquitetura urbana é a sua estreita relação com o lote urbano no qual está inserida (REIS FILHO, 2000), dessa forma se faz necessária também a menção dessas características ao longo do texto.

Sobre as casas do século XIX, Aragão (2008) contextualiza que nas cidades brasileiras era comum a casa térrea, normalmente “de porta e janela”<sup>13</sup> (ver fig. 02), com sala, uma ou mais alcovas e cozinha, podendo ou não contar com um ambiente destinado às refeições. A alcova se caracteriza por um ambiente sem janelas, remanescente, que ainda hoje é possível de se encontrar em tecidos urbanos historicizados. Esse cômodo é comumente utilizado como dormitório, e muitas vezes como o dormitório da(s) moça(s) da casa. Sobre esse fato, Freyre contextualiza:

<sup>12</sup> Segundo Aragão (2008, p. 30) “A tipologia corresponde ao estudo dos tipos – termo que possui acepções arquitetônico-urbanísticas diversas”

<sup>13</sup> A chamada “casa de porta e janela” é como popularmente se chama a tipologia construtiva no sul do país. A residência se implanta em um lote estreito e comprido, de modo que os ambientes são dispostos sucessivamente. Não possui corredor, dessa forma a circulação se dá através dos próprios cômodos.

O sistema patriarcal queria as mulheres, sobretudo as moças, as meninas, as donzelas, dormindo nas camarinhas ou alcovas de feição árabe: quartos sem janela, no interior da casa onde não se chegasse nem sequer o reflexo do olhar pegajento dos don Juans, tão mais afoitos nas cidades que no interior. Queria que elas, mulheres, pudessem espiar a rua, sem ser vistas por nenhum atrevido: através das rótulas, das gelosias, dos ralos de convento, pois só aos poucos é que as varandas se abriram para a rua e apareceram os palanques, esses mesmos recatados, cobertos de trepadeiras (FREYRE, 2013, p. 198).

Essa associação da alcova com o quarto das meninas da casa, não é feita somente por Freyre, mas é ainda relato comum de moradores/as antigos/as dessas casas aqui mesmo em Pelotas. Essa prática de vigilância (FOUCAULT, 1999), principalmente ligada aos quartos, permanece apesar das transformações das maneiras de morar através do tempo, característica que veremos adiante. A repetição dessa prática ao longo do tempo demonstra o quanto a lógica de dominação e controle das mulheres no espaço doméstico é uma prática arraigada nos costumes das maneiras de morar.

A gelosia ou rótula<sup>14</sup> também é um elemento arquitetônico do século XIX, debatido por alguns autores. Para Freyre (2013), esse elemento servia para isolar completamente os/as habitantes da casa, principalmente as mulheres, dos olhares dos/as passantes nas ruas. Para Marins (1997), esse elemento permitia a reclusão da luz solar, a segmentação dos espaços domésticos em relação à rua e, principalmente, permitia ao morador e a moradora a comunicação com rua. Sobre a origem da palavra, ou a sua corriqueira utilização há opiniões. Marins (1997), contextualiza que há algumas interpretações que afirmam que a origem do termo vem de uma língua estrangeira e que significaria “ciúme”. Pois há proposições de que elas seriam elementos utilizados pelas mulheres para observarem a rua sem serem vistas. Ou também de utilização dos homens, para deixá-las reclusas, em prática motivada pelo ciúme das mulheres da casa.

A configuração da casa brasileira, e pelotense por consequência, exprimida na conformação dos primeiros lotes da área urbana, estreitos e compridos, permitia pouca variação na disposição dos cômodos e de organização funcional. De modo que a conformação da casa de porta e janela possibilitava apenas uma sucessão de

---

<sup>14</sup> No século XIX o vidro ainda era um material caro, antes de termos a utilização de janelas como as que conhecemos hoje. Dessa forma, as casas utilizavam de rótulas ou gelosias. Segundo Marins (1997) rótulas são anteparos para as aberturas, treliças de madeira que guarneciam quase a totalidade das construções urbanas brasileiras até meados de 1808. Mesmo sendo proibidas em diversas cidades houve uma persistência massiva do uso desse elemento.

cômodos, passando um pelo outro, dessa forma pondo em evidência esse questionamento da privacidade, e indicando muito possivelmente uma sobreposição de funções nos ambientes da casa.



Figura 2 – Esquema de tipologias recorrentes  
Destaque para as alcovas. Fonte: Oliveira; Seibt (2005). Manipulação das imagens pela autora.

Outra tipologia recorrente (REIS FILHO, 2000) é a chamada “casa de corredor lateral” (ver fig. 02), essa se implanta em um lote com testada<sup>15</sup> um pouco maior, na qual já é evidente a conformação do corredor, localizado em uma lateral do lote e que distribui os compartimentos internos em sequência (OLIVEIRA; SEIBT, 2005). Apesar da “invenção do corredor”, ainda há muitas vezes a conformação de alcovas, e repetidamente é observada a comunicação entre os quartos através de portas, novamente colocando em questionamento as noções de privacidade.

Já a tipologia da casa de corredor central geralmente se implanta em lote um pouco mais avantajado. Apresenta uma entrada centralizada na testada do lote, com distribuição de cômodos dos dois lados do corredor central (OLIVEIRA; SEIBT, 2005). Assim como as demais tipologias, sua implantação é junto à testada do lote.

<sup>15</sup> Segundo Albernaz e Lima (1998b, p. 274), “Lado do lote ou prédio voltado para o logradouro público. É também chamada de testada”.

A “casa com entrada lateral” corresponde a uma tipologia que já apresenta certo jogo de volumes, a entrada da residência se dá através de um pequeno jardim, de forma com que a porta principal de entrada não se localiza mais na testada do lote, característica inovadora. A recorrência dessa tipologia demonstra essa tendência da casa a ir “se soltando” dos limites do lote, ao passo em que os lotes também vão aumentando as suas dimensões.

A setorização dos ambientes das casas térreas dos primeiros tempos, apesar de suas diferentes tipologias é muito parecida. Cômodos mais públicos ou voltados às atividades sociais mais próximos aos acessos e vias públicas, alcovas e ambientes mais íntimos aos moradores e moradoras ao centro, e cozinha alocada no fundo da residência, nos fundos do terreno, o pátio ou também chamado de quintal, lugar onde para Aragão (2008), se configurava o “jardim-horta-pomar”.

A partir das reflexões de Freyre (2013), que ressalta essa lógica patriarcal de organização dos espaços, ainda é possível entender que devido à ausência de jardins na parte frontal dos lotes, muito possivelmente, o quintal era também um ambiente de concentração das tarefas domésticas. A proximidade com a cozinha, que por excelência já era um ambiente muito característico das tarefas femininas, com o quintal, lugar de lavar e quicar a roupa ao sol, de estendê-la e de cultivar plantas para consumo da família (ARAGÃO, 2008).

O quintal era não só o lugar para a domesticação das plantas, mas muitas vezes o lugar pra domesticação de pequenos animais para consumo próprio, também o lugar da “latrina”, equipamento que antecedeu as canalizações de água e esgoto. Muito possivelmente os fundos dos lotes, eram onde se concentravam os lugares de maior permanência das mulheres dessas casas, com essa aglutinação dos ambientes e espaços de tarefas domésticas. Sobre essa disposição dos homens e mulheres no espaço Aragão (2017) exemplifica no esquema:



Figura 3 – Exemplo de ocupação social da casa brasileira na sociedade patriarcal e escravocrata. Fonte: Aragão (2017, p. 268).



As construções em série, ou também corriqueiramente chamadas de “construções em fita” ou “casas em fita”, caracterizam uma tipologia repetidamente habitada por trabalhadoras(es), operárias(os) e pessoas com menor poder aquisitivo. Recorrentemente eram construídas juntas, característica que atualmente podemos observar em seus telhados contínuos e em suas paredes de meação<sup>16</sup>. As construções em fita são também chamadas de “Casas de Renda”, pois eram edificadas com fim de gerar lucro dos aluguéis ao proprietário (ALMEIDA, 2006). A organização espacial das “casas em fita” se parece muito com a da casa de porta e janela ou a casa de corredor lateral, já descrita acima. Destaca-se aqui a recorrente possibilidade de comunicação entre os quintais dessas edificações.

As vilas, aqui destaca-se vila com apenas um “L”, se tratam de conjuntos de habitações, construídas normalmente no interior de um terreno, podendo conter entrada que comunica a via pública à via interna para a qual as habitações são voltadas (ver fig. 4) (OLIVEIRA; SEIBT, 2005). As vilas poderiam ser também, concebidas sem via interna, de modo que a entrada para as edificações se dava pela rua pública (OLIVEIRA; SEIBT, 2005). Assim como as casas de renda, geralmente as vilas caracterizam uma tipologia habitada por trabalhadoras, operárias e pessoas de menor poder aquisitivo.

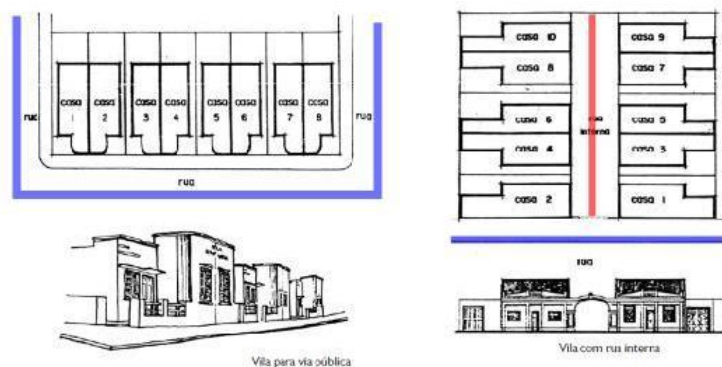


Figura 4 – Exemplo de implantação de vilas

Destaque em azul para as ruas públicas, em vermelho para a rua interna de uma vila, gerada pela disposição das habitações no lote. Fonte: Oliveira e Seibt (2005). Manipulação das imagens pela autora.

<sup>16</sup> Segundo Albernaz e Lima (1998a, p. 434), a parede de meação é aquela “Parede comum a dois proprietários vizinhos. Seu eixo coincide com a linha divisória dos lotes. As casas geminadas e as casas em fila possuem paredes de meação. É também chamada parede medianeira, parede-meia ou menos frequentemente meia-parede.”

Em Pelotas houve também a ocorrência dos sobrados<sup>17</sup> (ver fig. 5). Segundo Reis Filho (2000), os pavimentos térreos dos sobrados eram utilizados como lojas ou serviam para acomodação de escravos e animais, de forma que o andar superior era reservado à habitação do proprietário. “No início do ano de 1899, existiam 4.731 edifícios no município de Pelotas, dos quais 4.146 eram térreos, 415 assobradados e 170 ‘de sobrado’, havendo quarteirões a leste e a sul onde não se encontrava edificação alguma” (LISBOA, 1900 *apud* ARAGÃO, 2017, p. 75).

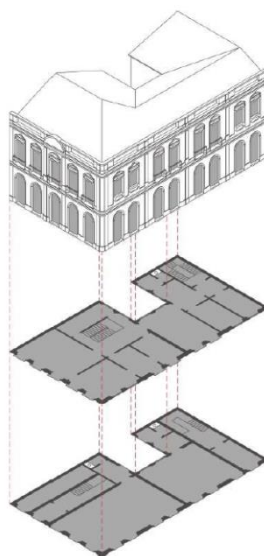


Figura 5 – Esquema de organização de um sobrado  
Fonte: (JANTZEN *et al.*, 2010)

Sobre o cotidiano doméstico das habitações do século XIX em Pelotas, acredita-se que é importante ressaltar a ausência das infraestruturas de água, esgoto e abastecimento de energia elétrica. A habitação senhorial nesse momento é movida pelo serviço das pessoas escravizadas, e depois da abolição, pelas/os trabalhadoras/es domésticas/os que cumpriam regimes de trabalho exaustivos. Sobre essa conformação destaca-se o trecho de Lúcio Costa (2007):

A máquina brasileira de morar, ao tempo da colônia e do império, dependia dessa mistura de coisas, de bicho e de gente, que era o escravo. Se os casarões remanescentes do tempo antigo parecem inabitáveis devido ao desconforto, é porque o negro está ausente. Era ele que fazia a casa funcionar: havia negro para tudo – desde negrinhos sempre à mão para recados, até negra velha, babá. O negro era esgoto; era água corrente no quarto, quente e fria; era interruptor de luz e botão de campainha; o negro tapava goteira e subia vidraça pesada; era lavador automático, abanava que

<sup>17</sup> Segundo Albernaz e Lima (1998a, p. 574), sobrado é o “edifício com mais de um pavimento que nas antigas edificações implicava o uso do sobrado. O termo é mais plicado para designar prédios antigos. [...] o prédio com sobrado é chamado de sobradado ou assobradado. Construir sobrado é chamado de assobradar.”

nem ventilador. Mesmo depois de abolida a escravidão, os vínculos de dependência e os hábitos cômodos da vida patriarcal de tão vil fundamento, perduraram, e, durante a primeira fase republicana, o custo baixo da mão de obra doméstica ainda permitiu à burguesia manter, mesmo sem escravos oficiais, o trem fácil da vida do período anterior (CANEZ coord., 2007, p. 174-175).

Conforme avançamos no panorama de tipologias adotadas, desde a casa de porta e janela até o sobrado, vamos observando o crescente poder aquisitivo e social dos moradores e moradoras dessas diferentes moradias. Quanto maiores os casarões, maior a exigência de número de trabalhadoras domésticas para fazer da casa um lugar habitável.

As moradias urbanas da Pelotas do século XIX incorporam em si características sociais. A fachada é o elemento que representa fortemente a característica da brusca separação entre o público (rua) e o privado (habitação). Aos homens era destinado à vida pública, o trabalho, as decisões políticas, e então na habitação os seus ambientes de permanência, por excelência, refletiam a proximidade com o exterior (ARAGÃO, 2017).

Já para as mulheres, principalmente das camadas sociais mais elevadas, o esperado<sup>18</sup> era o privado, o interior, a alcova sem janelas. O normativo permitia espiar a vida pública, apenas através das fasquias da gelosia ou quando acompanhada de familiares em passeios públicos (FREYRE, 2013; MAGALHÃES, 2000). O contato com o exterior se dava principalmente através do quintal, lugar também das tarefas domésticas.

Para as trabalhadoras domésticas, nesse momento muitas escravizadas, o contato com o ambiente público não era tão seletivo, pois a elas também eram destinadas às tarefas para fora do lar: buscar ou levar mantimentos, buscar água, lavar roupas (RODRIGUES, 2015).

A inexistência de infraestruturas, das casas e da malha urbana como um todo, somado a conformação tradicional da arquitetura, compacta em seu terreno, com presença de alcovas, foi por várias vezes, indicada como uma das principais causas ou vetores da proliferação de epidemias no século XIX (GILL, 2005; SILVEIRA, 2009; XAVIER, 2010). As ondas de infectados de cólera, varíola e peste bubônica

---

<sup>18</sup> Falamos aqui que esse era o comportamento era o “normativo” e o “esperado”, pois esses são os relatos através de autores como Freyre (2013), Magalhães (2000), Maluf e Mott (1998), entretanto acredita-se na capacidade de criatividade dessas mulheres em transgredirem esses princípios impostos.

deixaram as pessoas aterrorizadas, conformação que impulsionou transformações, busca de inovações e mudanças legislativas. Esses acontecimentos relativos às doenças fomentaram a formação do pensamento higienista, que começa na escala urbana da cidade, através de obras e reformas públicas, e adentra o ambiente residencial.

### 3.2 As epidemias

O núcleo preexistente do primeiro centro urbano, compacto, conformado por ruas estreitas e a carência de recuos nos lotes edificadas, começou a demonstrar-se como um empecilho (SILVEIRA, 2009) para a sociedade de diversas cidades da virada do século. O fenômeno urbano, nascido do ideal de modernidade, foi marcado pela densidade populacional e trouxe assim problemas até então não vivenciados (SOARES, 2000). O crescimento populacional ocorrido no século XIX, o aumento do trânsito, a disseminação de doenças, e demais problemas urbanos, impulsionou as classes mais abastadas a migrar para áreas mais periféricas das cidades, abandonando as edificações centrais que se transformaram em cortiços, fenômeno que ocorreu em diversos centros urbanos, e também em Pelotas (SILVEIRA, 2009).

As medidas graduais em favor da abolição da escravidão, adotadas na segunda metade do século XIX e a então consequente diminuição do principal consumidor do charque, as pessoas escravizadas, além da concorrência com os produtos uruguaios, gerou a crise do sistema saladeiril, com repercussões em outros setores da cidade (SCHLEE, 1993). Logo nas primeiras décadas do século XX, a instabilidade econômica se agrava com o *crash* da bolsa de Nova Iorque em 1929, repercutindo na falência do Banco Popular no ano de 1930 e no ano seguinte a liquidação do Banco Pelotense.

Em entrevista, a interlocutora L. M., relembra seus tempos de infância e as histórias sobre esse tempo de quebra financeira:

E essa praça daqui, chamavam a praça dos enforcados, e eu queria saber o porquê, dizem que, Deus o livre, dizem que muita gente se matava ali. Eu nunca vi. Mas eu sei que chamavam a praça dos enforcados. Diz que muita gente se matou ali, Agora eu nunca vi nem ouvi falar. Mas diziam, enforcados. E eu perguntei porquê, aí me diziam que muita gente se matava aí, se enforcava. [...] Diz que quebravam, vinham à falência, e se matavam,

era comum. Era a coisa mais comum, porque era gente muito rica e de uma hora pra outra ficavam pobres. Imagina se hoje vão fazer hoje.

A crise econômica e social que sofreu a cidade afetou principalmente as pessoas menos abastadas. Nesse momento, a população urbana era constituída massivamente por contingentes de pessoas extremamente vulneráveis, descendentes e ex-escravizados/as ou antigos trabalhadores de estância, que em geral possuíam baixíssimo poder aquisitivo (GILL, 2005).

O cotidiano dos arrabaldes mais vulneráveis da cidade, em 1913, é relatado pelo jornalista João Simões Lopes Neto, em sua coluna de crônicas no jornal Opinião Pública (LIMA, 2016). Suas incursões pelos “subterrâneos” da cidade evidenciam a discrepância social na Pelotas de ideais modernos.

Os cortiços, neste ano, são numerosos e abrigam grande quantidade de trabalhadores pobres, entre eles imigrantes e descendentes de escravos. Mesmo com as condições de saneamento e urbanização precárias, os preços dos casebres e dos quartos, como o da personagem, eram altíssimos se considerada a renda dos trabalhadores. Não havia esgoto ou água encanada e os banheiros (quando havia) eram compartilhados por muitos moradores (LIMA, 2016, p. 65).

Na virada do século XIX para o século XX, Pelotas enfrentava, além de crise econômica e social, uma crise no campo da saúde, causada pela disseminação de epidemias que preocupavam a administração pública. Segundo Soares (2000), a questão do saneamento da cidade começa a ganhar relevância, a partir da epidemia do cólera-morbo, já em 1855. Durante o século XIX e primeiros anos do XX, de tempos em tempos, apareciam e/ou reapareciam grandes surtos de doenças contagiosas, tais como: varíola, peste bubônica, febre tifóide e gripe espanhola (GILL, 2005). Quando acometida de um surto, o contágio se dava de maneira tão intensa, que o adoecimento era passível a toda a população, portanto se mostrava um problema relevante para a cidade.

Segundo Silveira (2009), a precariedade dos sistemas de abastecimento de água e de eliminação/esgotamento de águas servidas contribuía para a situação insalubre do ambiente urbano e a mais rápida proliferação das doenças. Dentre diversas teorias que circulavam no período, a ideia de que veículos mórbidos, chamados miasmas e/ou germes, circulavam pelo ar e pela água, seriam a principal e exclusiva causa das doenças permaneceu por relevante período como a mais aceita (ROSEN, 1994, apud GILL, 2005).

De acordo com Gill (2005), em Pelotas, a epidemia de varíola na última década do século XIX fez com que fosse reaberto o lazareto de variolosos. Estes locais eram, assim como os cemitérios, preferencialmente localizados nos limites da cidade, afastados do núcleo mais populoso, a fim de minimizar o contágio. Segundo Gill (2005), em janeiro de 1892, fora publicado um mapa, que ilustrava o movimento desse lugar, essa fonte afirma que entre os dias 2 de dezembro de 1892 e 31 de dezembro de 1893 fora registrada a internação de 198 pessoas, dessas 122 mulheres e 76 homens. Ainda conforme a autora, dos internados, 48 eram brancos, 85 pardos e 65 negros.

Nesse período se instauram diversas medidas a fim de combater a disseminação das doenças, são descritas como algumas das mais corriqueiras: a desinfecção das ruas públicas e de prédios, a vigilância sobre as águas e portos, e a extinção de ratos. Além disso, nesse momento se dá início a chamada Delegacia de Higiene, percorria os domicílios particulares, cortiços e casas de negócio da cidade, a fim de fiscalizar e exigir melhorias sanitárias (LIMA, 2016; SOARES, 2000).

Sobre a descoberta das novas medidas para impedir a proliferação das doenças, Maria Cecília Naclério Homem contextualiza: "... a descoberta de que a limpeza, a aeração, a luz e o verde são tão importantes para a saúde e a sobrevivência do corpo humano quanto o pão e a água" (HOMEM, 1993, p. 6). A busca pela implantação dessas condições se tornou tema importante para os mandatos da administração pública nesse período, muito debatida nos jornais da época. Nos anos seguintes é possível observar que a busca por uma cidade moderna, levou a diversas tentativas de instalação de infraestruturas de abastecimento de água e coleta de esgotos, como contextualizadas nos trabalhos de Silveira (2009) e Xavier (2010). Essas infraestruturas também vieram acompanhadas de novas normas construtivas para a cidade, as quais repercutiram significativamente na transformação de sua forma.

### **3.3 As legislações construtivas de 1895 e 1915**

Segundo Silveira (2009), as epidemias podem ser consideradas a gênese da implantação dos sistemas de abastecimento de água encanada nas cidades de Buenos Aires e Montevideu, e assim, concomitantemente no Brasil. Soma-se a isso o ideal almejado da cidade de tornar-se uma urbe moderna e progressista

(MAGALHÃES, 1993), e temos um período de intensas modificações na cidade. Sobre as principais mudanças na infraestrutura da cidade no período, Santos (2014) cita:

Entre as datas de 1870 e 1931 foram implantadas no espaço público pelotense os melhoramentos decorrentes da industrialização e do urbanismo – as canalizações de água (1875) e as redes de esgotos (1914), a iluminação pública e privada à gás (1875) e elétrica (1915), a pavimentação de ruas e de avenidas com o “Systema Macadam” (1902), com paralelepípedos de granito (1922), a arborização das praças (1877) e das artérias urbanas (1914) – assim como os meios de comunicação, como o telégrafo (1868) e o telefone (1888) e os transportes coletivos ou individuais, - urbanos e interurbanos – os bondes com tração animal (1873) e elétricos (1915) e os automóveis (1905) que, conseqüentemente com seus equipamentos e necessidades, implicaram na reformulação das áreas coletivas e dos edifícios públicos e privados (SANTOS, 2014, p. 21).

Essas novas tecnologias de infraestruturas urbanas causaram mudanças no modo de viver a cidade, no âmbito dos espaços públicos e dos ambientes privados. Em decorrência e também como causas dessas transformações urbanas, trataremos aqui de algumas das legislações correlatas a essa época na cidade, a citar: o Código de Posturas Municipais (1895), o Código de Construções e Reconstruções de 1915 (1920), e o Regulamento Sanitário do Município de 1915 (GILL, 2001). A escolha dessas legislações se dá pela proximidade temporal de suas publicações e o período de concepção de grande número dos exemplares estudados na cidade.

As novas legislações são marcos importante das transformações físicas das residências, que culminam na modificação da rotina, do vivenciar a casa. Em especial as legislações do fim do século XIX e início do século XX, demonstram em seu escopo, possíveis transformações relevantes para o morar em Pelotas.

O Código de Posturas Municipais (1895) é um documento legal reproduzido no dia 24 de Abril de 1895 no jornal Diário Popular. Publicado pelo intendente Dr. Gervásio Alves Pereira, que estabelece uma série de exigências mínimas para a construção civil, e prevê ainda prazos para a adaptação de construções preexistentes. Trata de uma normativa que ordena e racionaliza a produção da construção civil na cidade, determinando critérios para as edificações e reedificações, terrenos não edificadas, escavações, abordando ainda também itens a respeito de ruas, praças e logradouros públicos (PEREIRA, 1895). Em suma, demonstra uma preocupação do poder público com a fiscalização e qualidade das edificações na cidade.

É exigido já em seu artigo segundo a apresentação de "plano completo das obras" para requisição de licença de construção. Esse é, provavelmente, o primeiro registro em normativas da cidade em que se estabelece a exigência de apresentação de desenhos técnicos arquitetônicos para a aprovação de construções no perímetro urbano da cidade. Essa medida, adotada no fim do século XIX, torna possível a existência atual de um rico acervo, sediado pela prefeitura de Pelotas.

Dentre as exigências que mais chamam a atenção, destacamos a implantação de platibandas<sup>19</sup> nas fachadas voltadas para as ruas, com a especificação de instalação de canalização feita para receber as águas da chuva passando por baixo do passeio público<sup>20</sup>. Esse requisito é reiterado no Código de Construções e Reconstruções (MUNICÍPIO DE PELOTAS, 1920), editado 20 anos mais tarde, no artigo nº31, §4º. Esse tipo de exigência levou a quase extinção de construções com beirais nos perímetros urbanos das cidades, salvo raras exceções (SILVEIRA, 2009). Exemplo de resistência a essa medida, observa-se a casa do charqueador Gonçalves Chaves, localizada na esquina das ruas Gonçalves Chaves e Voluntários da Pátria, a qual mantém seus beirais originais despejando no passeio público as águas provindas de sua cobertura e por anos pagou multas à administração municipal por tal feito (MOURA; SCHLEE, 2002).

Enquanto a maioria das edificações no perímetro urbano eram forçadas a implementar as platibandas, a legislação de 1915 abre uma ressalva a essa condição:

Os edifícios construídos dentro dos terrenos **afastados convenientemente de logradouros** podem ter beiradas de telhado, bem como qualquer saliência em condições; as suas fachadas principais, porém, devem ser **paralelas ao alinhamento dos logradouros fronteiros**, salvo quando o terreno for de esquina em ângulo agudo, caso em que a fachada principal será normal a bissetriz do ângulo formado pelos alinhamentos das duas vias publicas (MUNICÍPIO DE PELOTAS, 1920, p. 13, grifo da autora)

Esse trecho da legislação, acima descrito, possibilitou uma característica distinta das edificações aqui estudadas em relação ao caráter tradicional das edificações da cidade: os beirais aparentes. Também acaba por evidenciar, o motivo

<sup>19</sup>"Elemento vazado ou cheio disposto no alto de fachadas, coroando a parede externa do prédio, formando uma espécie de mureta que esconde as águas dos telhados e eventualmente serve de proteção em terraços. Em geral, é utilizada para dar acabamento decorativo à fachada da construção" (ALBERNAZ; LIMA, 1998a, p. 485)

<sup>20</sup> Passeio público, comumente conhecido como calçada.



dessas edificações possuírem uma lógica de paralelismo com os logradouros, essa característica era exigida pela normativa. Em muitos casos estudados, o tamanho do lote é de dimensões tão avantajadas em relação à área proposta para a edificação, que essa poderia ser implantada em posições variadas, decisão limitada a essa norma construtiva.

Em 1895 também já se exigem medidas as quais contribuem minimamente com a condição higiênica e de conforto da casa, dentre elas a exigência de aberturas para ventilação do porão<sup>21</sup>, que deveria possuir altura mínima de 50 centímetros entre o solo e o assoalho térreo, uma medida que ajuda na diminuição da umidade ascendente do solo, medidas relevantes dadas as características geoclimáticas de Pelotas. A possibilidade de se construir com os chamados “porões baixos” diminui o desnível entre o morador e o transeunte. Essa especificidade, abre a possibilidade de permeabilidade e comunicação visual, tanto do público interno quanto externo à casa. Lentamente, parece que o ambiente residencial pode estar abrindo uma pequena fresta para o diálogo com o exterior.

Nessa mesma normativa há também a exigência de alturas mínimas de pé direito de quatro metros no interior das residências, salvo exceções. Seu texto também disserta sobre as áreas úteis mínimas para os compartimentos (sete metros quadrados para ambientes de permanência) e cita no § 27, artigo 3º, “que todos os compartimentos terão o conveniente arejamento”, apesar de não estabelecer proporções numéricas para tal, o qual foram estabelecidas na legislação de 1915. Essa resolução marca um momento importante para a configuração dos espaços residenciais, a partir de então não poderiam mais ser edificadas as chamadas alcovas, visto que a normativa exige que todos os ambientes tenham ventilação natural. Se nas arquiteturas residenciais anteriores há uma cultura muito arraigada do uso de alcovas, e também da destinação desses ambientes (como quartos sob vigilância), nos perguntamos: como irão se configurar os ambientes dos dormitórios, perante essas novas legislações?

Possivelmente muito motivadas pelas preocupações de sanitário, essa série de imposições no modo de construir das edificações residenciais provocam uma maior habitabilidade desses ambientes, inferem e exigem maior sanitário

---

<sup>21</sup> Antes da data de publicação dessa legislação, já é possível identificar o uso de porões em construções residenciais, a casa nº 8, situada na Praça Coronel Pedro Osório, exemplar datado de 1878 é um exemplo da utilização desse recurso.

para as casas, características que hoje talvez sejam “comuns”, nascem legalmente em Pelotas nesse momento. As novas normativas contribuem significativamente para a melhor insolação e ventilação dos ambientes residenciais a serem construídos a partir daí na cidade. Essa percepção é apontada pelas interlocutoras dessa pesquisa:

Interlocutora L. C.: Mas a casa era super gostosa pelo fato de ser de madeira, uma casa bem agradável assim, enfim, tinha um pátio legal [...] o era legal porque pelo fato de eu morar ali, morar na casa em si. Era uma casa que pegava sol o dia todo praticamente, de manhã batia sol no caso quando a gente tava com o quarto ali pro pátio, batia sol de manhã, super ventilada, super iluminada a casa sabe?

Entretanto, as mudanças causadas pelas novas normativas influenciam não somente nos aspectos construtivos, o modo de habitar e de vivenciar o espaço se modificam também, e certamente as pessoas mais afetadas são aquelas que passavam mais tempo em seus interiores, as mulheres.

Outro trecho que chama a atenção nesse documento é o §23 do artigo 3º, o qual explicita o seguinte: “Os prédios que não tiverem que seguir os alinhamentos das ruas deverão ficar afastados pelo menos quatro metros”. Tal indicação deixa a dúvida sobre quais seriam esses prédios. Nos perguntamos se não edificar junto ao alinhamento seria uma opção por parte dos construtores e proprietários, ou uma condição imposta pela administração municipal a certos tipos de construção. A questão dos recuos frontais é reiterada em 1915, também de forma breve, sem mais explicações.

Esse inciso evidencia a possibilidade de se edificar longe das divisas. Entretanto, as transformações em favor dessa possibilidade foram lentas e graduais. Acreditamos que esse fato se dá por dois motivos principais. Primeiro, o formato do parcelamento do solo, que nos primeiros loteamentos era composto de lotes estreitos e compridos, dificultando as possibilidades de implantação. Segundo, acredita-se que a cultura dessa ocupação densa do ambiente urbano era tão intensa que desvencilhar-se desse hábito foi um processo paulatino.

Esses trechos das legislações indicam a possibilidade do aparecimento do jardim, surge então um novo elemento, com outra maneira de se relacionar com a rua. A existência do recuo frontal desconfigura o limite brusco de transição do público para o privado, criando um espaço semipúblico, que se configura entre a rua e a casa, o jardim.

Sobre o uso do jardim, e sua importância atual. em razão da pandemia de coronavírus, a interlocutora M. Z. e sua neta me explicam:

L. Z. : Agora o ponto de encontro é aqui [jardim da casa], pra conversar. Pra ninguém entrar na casa pra deixar a vó quieta.

M. Z.: Tem essa praça aqui..

Franciele: A senhora projetou uma praça pra esperar eles então né, vamos usar agora [risadas].

Vó Maria: quando eu fiz isso, o meu neto que mora em Brasília ficou “Bah vó tão linda aquela grama” digo nós ficamos todos molhados, ficava tudo coisa... Então resolvi fazer assim... Pois ele chegou e disse assim “Bah vó, fizestes muito bem. Ficou uma pracinha.” Eu nunca chamei de pracinha, aí passou uma senhora e disse assim “ah eu adoro essa sua pracinha!”. Eu disse “ah mas eu nem sabia que isso era uma pracinha”. [risadas]

Sobre o uso de recuos frontais, Schlee (1993) contextualiza que sua utilização poderia se dar de maneira discriminatória, com recuos de quatro metros, exigidos pela administração principalmente para habitações de baixa renda. Segundo o autor, essa resolução demonstrava um tratamento preconceituoso com seus e suas habitantes, visto que sua intenção principal era a segurança contra incêndios e também a ausência dessas habitações nas visadas das ruas (tradicionalmente constituídas de fachadas sucessivas) permanecendo dessa forma resguardadas da vista do transeunte.

As preocupações com o ideal de cidade moderna e com o pensamento higienista ainda persistiam, e estavam presentes no Código de Construções e Reconstruções de 1915. Na sessão de “Exposição de Motivos” logo nas primeiras páginas da Lei, o engenheiro Cypriano Corrêa Barcellos, intendente do município, indica que a necessidade de uma nova regulamentação para a cidade se dá pela crescente aglomeração de construções e a necessidade de atender as **necessidades de higiene e segurança**, e finaliza o texto de abertura dizendo que este Código então correspondia às “exigências da boa edificação, **como outras cidades modernas**” (MUNICÍPIO DE PELOTAS, 1920, p. 4, grifo da autora).

Também são abordadas questões sobre a forma dos edifícios localizados nas esquinas, essa decisão repercutiu significativamente na forma de importantes edifícios da cidade. A exemplo disso, observamos o trecho abaixo:

Os pavimentos inferiores de prédios dos encontros de ruas ou de praças não poderão ter arestas vivas em tais encontros, os quais serão substituídos por uma terceira face com o desenvolvimento mínimo de dois metros e meio de largura (MUNICÍPIO DE PELOTAS, 1920, artigo nº31, §8)

Essa exigência se dá possivelmente a fim de facilitar a visada dos motoristas nas esquinas. Dada a forma exigida, esse parágrafo também permite que a entrada aos edifícios seja feita através das esquinas. Os reflexos dessas determinações podem ser observados alguns anos mais tarde, com sua aplicação em edifícios como o Grande Hotel - 1928, o Banco Pelotense - 1922, o Banco da Província do Estado do Rio Grande do Sul – 1926, Banco Nacional do Comércio - 1919 e a antiga sede do Banco do Brasil - 1928.

A aplicação dessa normativa às edificações aqui estudadas pode ser observada na conformação das esquinas, que recorrentemente apresentam formato dos muros chanfrados, os quais evidenciam a entrada principal e social às residências. A conformação das entradas secundárias para essas residências, destinadas a automóveis e às trabalhadoras/es veremos no capítulo seguinte.



Figura 6 – Entradas principais dos muros através das esquinas em exemplares estudados.  
Fonte: Autora, 2021

Apesar da proposta do projeto arquitetônico prever a entrada social do muro pela esquina, quando pergunto à interlocutora M. Z. sobre seu uso ela me revela a pouca utilização do mesmo:

Franciele: Claro. E vocês chegavam a usar essa entrada da esquina ou não? Chegavam a usar esse portão de entrada?  
M. Z.: Não, Nunca. E era tudo sempre aberto. Os cachorros não saiam, se saem, eles voltavam. E depois entraram aí, mexeram e já tive que botar cadeado e depois mesmo com cadeado tava ruim quando eu chegava em casa. Aí um dos meus filhos disse “temos que botar porteiro eletrônico”, aí nós botamos porteiro eletrônico ali pra entrada e saída de carro [se refere a entrada de carros na lateral do lote]. E no outro cadeado.

Pode ser atribuído ao surgimento dessa nova tipologia, das *Villas* e Casas de Catálogo, a necessidade de novos avanços nas legislações urbanas. Mas, podemos

afirmar, tampouco, que fatores como a expansão da área urbana, o surgimento das novas infraestruturas, e as condições das novas exigências normativas também acarretam ou repercutiram no surgimento de uma nova tipologia construtiva. De forma que, é difícil precisar o quando a tipologia teve ressonâncias nas legislações da época, ou o quanto as novas normativas contribuíram para o surgimento dela. Essas novidades modificam a casa, tal qual a maneira como as pessoas a usam, característica que será abordada no capítulo a seguir.

## **4 Os tempos da modernidade e o século XX**

A chegada dos anos 1900 representou mais do que apenas um novo século. As transformações nas cidades, e as mudanças nas normas construtivas, impulsionadas pelo trauma das grandes epidemias e poluição nos centros urbanos têm impactos que ainda hoje podemos observar. Os aspectos sociais também passavam por um momento de transformação relevante, há pouco mais de uma década o país desfrutava de sua situação como República, recentemente havia abolido a escravidão, e a luta pelos direitos do voto feminino se articulava. É buscando trazer um breve panorama sobre os aspectos que vão além da arquitetura, mas que dialogam com ela, que o seguinte trecho se desenvolve.

### **4.1 Aspectos imateriais do habitar no século XX**

Margareth Rago contextualiza o ideal normativo para o mundo feminino do início do século 20. Para o modelo da esposa, dona de casa e mãe de família, esperava-se uma dedicação completa ao universo familiar. Cuidar da casa, das crianças, bordar, coser, cozinhar e esperar seu marido chegar do trabalho, fazia parte do ideário de uma rotina cotidiana das mulheres classes médias e burguesas desse momento (RAGO, 1985).

Já para as mulheres pobres ou miseráveis é destinada a rotina da fábrica, dos escritórios, dos comércios e serviços. O trabalho na companhia telefônica, como datilógrafa (ver fig. 07) ou na sala de aula, como professoras também eram admitidos (RAGO, 1985). Essas ocupações, não eximiam às mulheres de sua vocação natural, do cuidado do lar, mas eram minimamente aceitos pela sociedade no início século 20 para as aquelas que necessitavam de outra fonte de renda.



Figura 7 – Dactylographia [sic]  
Fonte: Paradedda (1925)

O conservadorismo refletiu inclusive no Código Civil de 1916, legislação vigente até o ano de 2002<sup>22</sup>, o qual impunha uma completa submissão das mulheres em relação a seus cônjuges (MALUF; MOTT, 1998). Dentre outros indicativos, essa lei descreve que as mulheres deveriam pedir autorização aos seus maridos, para trabalharem e para aceitarem suas heranças, por exemplo (BRASIL, 1916).

Essa tradição dos maridos administrarem as heranças de suas esposas foi prática que se estendeu durante o século XX. Sobre essa situação, a interlocutora A. M. nos conta:

A.M. : [...] Os casamentos das filhas passam a ser negócios também porque mulheres não entram em negócios são os homens então os homens que casassem com a tia Mi. e com a tia Me.<sup>23</sup> tinha que ser escolhidos pelo meu avô já que eram eles que irão gerir o patrimônio delas esse raciocínio perdurou na minha família por muito tempo. Franciele: Então as suas tias e a sua mãe casaram nessa lógica? A.M.: Já a minha mãe, não. Mas dentro da classe social assim, sabe? Na geração da minha mãe não era tão diretamente escolhido mas era dentro da mesma classe social. Tinha que ser aprovado pelo menos pela família.

Nos primórdios do século XX o ideal normativo das mulheres de média e alta classe foi marcado pela tríade: esposa – mãe – dona de casa (MALUF; MOTT, 1998). O casamento, era visto como a vocação natural para a vida feminina, de

<sup>22</sup> O Código Civil de 1922, conhecido como Código Beviláquia (em homenagem ao seu principal autor), continha diversos artigos que explicitavam a submissão da mulher. Apesar de décadas mais tarde conter diversos indicativos não mais utilizados pela sociedade a legislação teve validade até a 11 de janeiro de 2003, momento em que o novo Código Civil Brasileiro entrou em vigor.

<sup>23</sup> Assim como o nome da entrevistada, esses nomes foram suprimidos para preservar a interlocutora.

modo que assim a figura da mulher se instituiu como a “Rainha do Lar”. Sobre a concepção do casamento Cerqueira e Santos (2011) contextualizam:

Nesse ritual, cruzam-se as expectativas que a sociedade projeta sobre o homem e sobre a mulher. Todavia, é sobre o gênero feminino que recai a carga simbólica mais densa, uma vez que o espaço da casa, cenário da vida matrimonial, costuma ser o espaço feminino por excelência, em várias culturas e em vários momentos da história. Mais que isso, sobre a mulher é depositada a cobrança de pureza, configurada no preceito da virgindade, garantia de legitimidade da descendência. (CERQUEIRA; SANTOS, 2011, p. 318)

A concepção da vocação feminina à maternidade é detectada em anúncios dos almanaques de Pelotas (ver fig. 08). Nesse anúncio, é promovido o produto “Galactogeneo”, “A salvação das mães, que querem amamentar seus filhos e não tem leite, consiste em usar o excellento remedio para ter leite” [sic], (PARADEDA, 1916, p. 36)



Figura 8 – Anúncio Galactogeneo  
Fonte: Paradedda (1916)

Se por um lado a sociedade normativa e patriarcal esperava mulheres submissas e resignadas à esfera familiar, por outro movimentos femininos a favor de suas lutas se articulavam. Maluf e Mott (1998), debatem sobre o conflito de interesses que predominou nas primeiras décadas do século XX, se de um lado um grupo seletivo de mulheres se fascinava com as possibilidades de autonomia em relação à seus pais e maridos, de outro, havia críticas severas à essa postura. Sobre



essa crítica às mulheres que buscavam romper com esses padrões, as autoras descrevem:

Conjugaram-se esforços para disciplinar toda e qualquer iniciativa que pudesse ser interpretada como ameaçadora à ordem familiar, tida como o mais importante “suporte do Estado” e única instituição social capaz de represar as intimidadoras vagas da “modernidade”. (MALUFF E MOTT, 1998, p. 371-372)

Dentre outros aspectos, uma das características valorizadas dentro desse ideal feminino era a da pureza e inocência. Essa visão vigorou por décadas na sociedade. Sobre isso, a interlocutora I, relata sobre o namoro com seu marido há 54 anos:

“A minha mãe fazia assim, se tu sentar na cadeira que ele sentou tu engravida. Tem uma prima tua, elas me dizem o nome da prima, ela se secou na toalha que o namorado se secou e ela ficou grávida dele. Me assustaram assim, eu não podia nem me encostar nele, que eu tinha medo de beijar. Bom, pra pegar na minha mãe foram sete meses.”

A sexualidade não era um tabu somente antes do casamento. Costa (2020), através de outras autoras, desenvolve que nessa concepção santificada da mãe-esposa-dona-de-casa, não há espaço para o erotismo. O ato sexual é estritamente associado à ideia de procriação, ou seja, para a perpetuação da família. Dessa forma, nesse momento, tudo aquilo que ameaçava o seguimento dessa conduta era condenado, assim como as figuras da separada, da mãe solteira, ou da puta.

Também há a associação feminina em anúncios de eletrodomésticos ou relacionados àquelas práticas ditas femininas da classe média e burguesa, como observado no anúncio a seguir (ver fig. 09). Para Géa (2000, p. 37), “essa ideia da busca do conforto se propagou muito através dos jornais e revistas, sugerindo a concretização do lar feliz, onde a mulher, mãe e esposa, “rainha do lar”, era a principal agente dessa felicidade”.

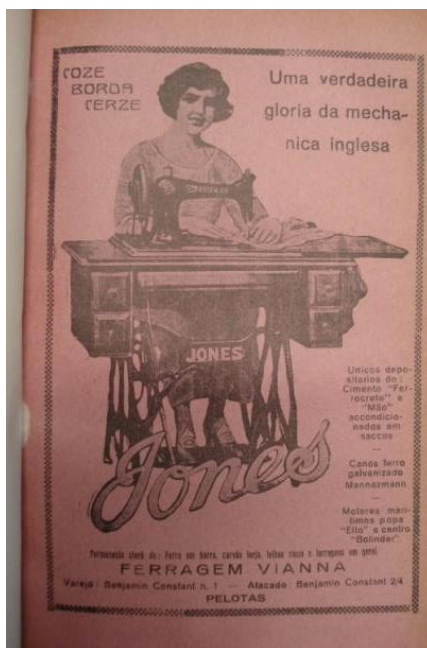


Figura 9 – Propaganda de máquina de costura, início do século XX  
Fonte: Paradedá (1930)

Conjuntamente a esse ideário feminino que a arquitetura das *villas* e casas de catálogo surge. Agora que compreendemos, mesmo que brevemente, sobre o panorama social e comportamental desse período, avançaremos sobre as questões da produção da arquitetura desse momento.

#### 4.2 A casa isolada no lote, surge uma nova tipologia

A transformação da arquitetura ao longo do tempo tem imprimido marcas na aparência da cidade e tem modificado a maneira como as pessoas utilizam os edifícios. As suas transformações têm sido impulsionadas por diversos acontecimentos, como por exemplo, pelas inovações tecnológicas. E referem-se aqui não à tecnologia informatizada ou de inteligência artificial, softwares e tantas outras modernidades que temos lidado no século XXI, mas sim de tecnologias hoje talvez vistas como essenciais, mas que se mostraram cruciais no momento de seu surgimento. A exemplo disso podemos citar: os aparelhos sanitários, as canalizações de abastecimento de água e recolhimento de esgotos, a invenção do fogão a gás, dentre outras.

Exemplificamos aqui algumas: a criação de rede de esgotos, que acabou por colaborar com obsolescência do penico e da insalubre patente; o abastecimento de água encanada para as residências, diminuindo ou quase extinguindo o exaustivo

serviço de buscar água potável com baldes e barricas; a chegada da energia elétrica, a qual certamente mudou o cotidiano das famílias nas noites; o fogão a gás, deixando obsoleto o antigo fogão a lenha; a própria popularização do automóvel, que facilitou os deslocamentos e exigiu na casa um lugar para ser acomodado.

Ao recordar as memórias de sua infância na casa que mora desde 1941, a interlocutora L. M. nos conta:

Franciele: Na cozinha só se cozinava então?

L. M.: E com fogão à lenha! E o fogão à lenha tinha uns canos, umas coisas, que aquecia o chuveiro. O banho era quente, uma maravilha. Tinha água bem quente. Tinham uns tambores assim, de água quente, que aquecia com o fogão ligado, né? Fogão à lenha.

Franciele: e hoje não tem mais isso?

L. M. : Não. E pra café e essas coisas assim, não sei se vocês, eu acho que vocês nem sabem o que é, que era o fogareiro Primus. Vocês sabem o que é isso?

Ainda poderíamos citar as invenções de equipamentos e eletrodomésticos, possibilitados após a chegada do abastecimento de energia elétrica residencial, que ao longo dos anos foram modificando a vida nos lares. Segundo Bill Bryson (2011), em seu livro “Em casa”, a história da evolução da casa é uma história da busca pelo conforto, as invenções pequenas ou grandiosas só foram sendo aderidas porque trouxeram maior facilidade na rotina dos seus usuários.

Importante ressaltar que nesse momento, a chegada dessas tecnologias, atendia uma determinada classe social das cidades. A popularização dessas infraestruturas, garantindo o acesso à boa parte ou maioria da população, ainda percorreu algumas décadas do século XX, sendo que até hoje o acesso à infraestruturas básicas à toda população no Brasil é motivo de luta por políticas públicas. Dessa forma, no período aqui descrito, devemos considerar que apesar das inovações, há uma significativa camada popular que não dispõem de acesso à elas.

Exemplos da chegada dessas novas tecnologias podem ser observadas em algumas propagandas comerciais nos almanaques de Pelotas da década de 1920 (ver fig. 10, fig. 11 e fig. 12). Evidentemente, os anúncios, só divulgam aquilo que já é plausível para a vida na cidade. Dessa maneira observamos em vários anúncios essa ligação entre os novos equipamentos para a casa e as figuras femininas.



Figura 10 – Propaganda “Philips Argand”  
Fonte: Paradedda (1922, p. 272)

O anúncio de lâmpadas “Philips Argand” é composto da imagem de uma mulher, vestindo avental, adquirindo esse objeto em um comércio. Esse anúncio exemplifica a ligação entre a figura feminina e o ambiente familiar. Assim como observamos abaixo (ver fig. 11), em que uma figura feminina, também trajando um avental executa as tarefas domésticas com um eletrodoméstico, denominado pelo anúncio como “vassoura elétrica”.



Figura 11 – Propaganda vassouras elétricas  
Fonte: (PARADEDA, 1916, p. 301)

Devido à baixa qualidade, para melhor compreensão, segue abaixo a transcrição do anúncio:

Já chegaram  
 As vassouras elétricas  
 que vão reduzir o serviço das donas  
 de casa, tornando as suas casas  
 mais higienicas. Estas vassouras não  
 levantam pó, absorvem-n'ó, assim  
 como a todos os detrictos. [sic] (PARADEDA, 1916, p. 301)

Há também anúncios que não utilizam figuras femininas, mas divulgam um objeto que mudou a conformação das casas aqui estudadas, o automóvel (ver fig. 12). Anúncios com esse objeto de utilização muito relacionada ao universo masculino podem ser observados nesses mesmos almanaques a partir do ano de 1916.



Figura 12 – Propaganda os automóveis Overland  
 Fonte: (PARADEDA, 1916, p. 184)

A casa do início do século XX, já apresenta essa série de inovações que são incorporadas na sua concepção, característica essa que a diferencia de espaços residenciais de tempos anteriores. A ocorrência desta tipologia pode ser observada não somente em Pelotas, mas também em outros lugares do Brasil.

O ciclo econômico da borracha no norte do país, quase como de maneira análoga ao ciclo do charque no sul do Brasil, trouxe riqueza e viabilizou um avantajado desenvolvimento econômico na região. Segundo Pacheco e Nóbrega (2013) a residência de Guilherme Paiva, projetada pelo arquiteto José Sidrim, é um

exemplo de arquitetura com influência das *villas italianas*<sup>24</sup>, característica observada na forma de entradas e saliências da construção, bem como seu telhado, com vários jogos de volume e também, pela maneira como se implanta a edificação no lote. Essa residência, construída ainda no fim do século XIX para a chamada burguesia da borracha, incorpora avanços tecnológicos, utiliza de maior compartimentalização e especificação de funções dos ambientes da residência, se preocupa com setorizações, fluxos e demonstra ainda uma preocupação com a higiene, representada nos aspectos de insolação e ventilação da residência, característica possível graças à implantação da edificação em meio a um jardim (PACHECO; NÓBREGA, 2013)

Em São Paulo, o chamado palacete do ecletismo<sup>25</sup>, recorreu a características também evidentes em outros lugares do país, tais qual a busca pelos ideais de higiene, representada principalmente na busca pela limpeza, aeração, luz solar e proximidade do verde (HOMEM, 1993). Dessa maneira, essa arquitetura se implanta na cidade de São Paulo, à beira de grandes *boulevards*, de largos traçados, grandes lotes, passeios arborizados, avenidas as quais já contavam com infraestruturas de água encanada, abastecimento de energia e recolhimento de esgotos (HOMEM, 1994). Para a autora, as *villas* paulistas aliam a possibilidade do isolamento da família em meio a um grande jardim, sem perder a praticidade de viver próximo a um centro urbano.

Para Schettino (2012), a cidade do Rio de Janeiro também passou por uma fase em que a busca pela higienização e a modernidade estavam em voga, momento em que a preferência das elites pelo bairro de Botafogo começa a se evidenciar. Nesse momento se constroem os chamados “palacetes” no referido bairro, estudados pela autora (SCHETTINO, 2012). Os “palacetes do ecletismo” do Rio de Janeiro trazem muitas das características que estudaremos aqui, pois se tratam do mesmo tipo arquitetônico, e manifestam muitas premissas equivalentes, entretanto no Sul do Brasil, não se apresentam de maneira tão grandiosa como na capital do país do início do século XX.

---

<sup>24</sup> Segundo Albernaz e Lima (1998b, p. 663) “Residência de construção apurada, em geral de maior porte, em centro de terreno e com jardim. O termo tem sua origem nas antigas casas de campo construídas nos arrabaldes de cidades italianas.

<sup>25</sup> Segundo Homem (1994, p. 1) “chamamos de palacete paulistano do Ecletismo a casa urbana mais rica e ampla, construída com apuro estilístico, isolada das divisas do lote e implantada em meio a jardins. [...] O palacete paulistano do Ecletismo foi um dos primeiros tipos de habitação a se desvencilhar do lote tradicional urbano estreito e alongado, [...]”

No âmbito gaúcho, destaca-se o trabalho de Lúcia Segala Géa (2000), que estudou a produção arquitetônica na rua Independência em Porto Alegre entre os anos de 1893 e 1929. Sua pesquisa demonstra também a ocorrência de residências isoladas no lote, no que a autora classifica como segunda fase do estudo, período de 1910 a 1929 (GÉA, 2000). Dentre outros aspectos de aproximação com o presente estudo, a autora retrata o surgimento de novos ambientes com funções específicas, tais como, a sala de música, a sala de fumar e o comedor. E também o *hall*, *toilette*, e a *loggia*<sup>26</sup>, ambientes claramente inspirados na influência estrangeira.

A maneira de chamar a essas produções arquitetônicas do século XX varia conforme a região do país em que se pesquisa. Palacetes do ecletismo, *villas*, *villinos*, bangalôs, casas californianas, casas de catálogo, e outros termos que ainda não tomamos conhecimento.

Para os exemplares estudados em Pelotas, foram identificados ainda os termos “casa de fim de semana”, “vivenda colonial”, “bangalô”, “bungalow”, “casa sevilhana”, “*villa*”, “*villino*”, ou até mesmo termos mais simplificados como “casa térrea”. Sob esse aspecto em particular, ainda não foi possível detectar uma padronização na maneira de nomear as criações por parte dos arquitetos e projetistas.

Sobre a maneira de nomear essas construções algumas interlocutoras apontaram o termo “bangalô” durante as entrevistas. Esse foi o caso das entrevistadas L. C. e L. M. :

Interlocutora L. C.: o pessoal chamava antes de bangalô né, em Pelotas o pessoal chamava antes aquele tipo de casa de bangalô. [...] : Sim, mas.. tem várias construídas pela cidade, lá no Porto tem umas também né. Dessa época ali na XV... aquela casa onde foi arquitetura da XV, quando a arquitetura era na XV de novembro, e mais adiante tem também o castelinho que tá caindo...

Interlocutora L. M.: era um bangalô numa área pequena, eu nem sei o porquê que chamavam de bangalô, agora ninguém mais usa esse termo né?! Era pequeno, aqui em baixo era a sala de jantar e tinha uma sala, que

---

<sup>26</sup> Segundo a autora: “A *loggia* surge aqui como um espaço de transição entre o jardim e a casa procurando integrar os ambientes internos e externos. Como o clima frio dos invernos gaúchos não permitia o uso contínuo dessas áreas abertas adotou-se o “invernáculo” como local para desfrutar do contato com a natureza.” (GÉA, 2000, pg. 31). Já para Albernaz e Lima (1998b, p. 353), o termo *Lógia* é definido como: “Galeria aberta, tendo seus lados abertos, voltados para o exterior ou interior da construção, em arcadas ou pilares. É um elemento pouco comum na arquitetura brasileira, presente com influência do estilo renascentista italiano. Exemplo: Teatro Municipal, Belo Horizonte, MG; Palácio dos Governadores, Belém, PA”.

era essa de entrada só, e tinha uma escadinha que ia pra cima, e tinha uma cozinha, era isso a casa, e um enorme de um terreno na volta.

Em especial, sob os construtores Dias & Requião, foram identificados sete projetos de construção nesses moldes, o maior número de projetos associados a um mesmo construtor<sup>27</sup>. Ao que parece, para esses construtores, o termo “*villa*” era empregado para residências de dois pavimentos. O termo “*villino*” foi identificado na prancha de projetos de residências também de dois pavimentos, mas em conformação de geminadas. Indicando que o termo seria associado, possivelmente, a uma *villa* de menor porte. E para as residências térreas, as pranchas de projeto arquitetônico indicavam apenas o termo “casa térrea” ou apenas “residência”<sup>28</sup>.

Pensando para além dos debates de nomenclatura dessas residências, que são diversas, um fato que constatamos é que há características comuns e peculiares entre esses exemplares. Entretanto há um aspecto que percorre muitos estudos, a característica tipológica, uma casa isolada no lote. Dessa forma, neste estudo utilizaremos por vezes diferentes termos para nos referirmos a essa produção arquitetônica, mas recorreremos ainda assim sobre a mesma tipologia.

Para Schlee (1993), as *villas* pelotenses estão associadas à nova edificação da burguesia ascendente. O autor contextualiza essa estreita relação entre as primeiras *villas* do início do século XX com a classe média emergente e com os industriais da cidade.

As VILLAS eram construções, preferencialmente, de dois pavimentos, edificadas em meio a um jardim à inglesa, construídas tradicionalmente na periferia do núcleo central da cidade (ao longo da rua Benjamin Constant, Barroso e Gonçalves Chaves) e que adotavam uma série de inovações e diferenciações em relação à arquitetura que se vinha fazendo até então: a exploração plástica dos jogos de telhado, dos volumes recortados e dos desníveis; a utilização de pequenas varandas ou alpendres cobertos; a construção de pequenas torres ou de volumes que sugerem torres; o emprego de materiais brutos e aparentes como o vigamento de madeira, a pedra, e o tijolo; a adoção de sacadas, terraços e “bow-windows”; e o emprego dos mais variados e exóticos estilos arquitetônicos que garantiam às construções um ar pitoresco (SCHLEE, 1993, p. 120).

---

<sup>27</sup> Por motivos do distanciamento físico social, imposto pela pandemia de Covid-19, não foi possível fazer uma ampla pesquisa nos acervos consultados, como gostaríamos. O acesso a esses projetos se deu através de maneira remota, a partir de documentos fotografados anteriormente por outras fontes e disponibilizados a essa pesquisa.

<sup>28</sup> A possibilidade de uma pesquisa mais aprofundada nas fontes poderia explicitar melhor a padronização sobre a nomenclatura utilizada pelos construtores de Pelotas no período.



A existência das edificações conhecidas como *villas* e/ou casas de catálogo, é termo relativamente conhecido entre os pesquisadores de história de arquitetura da cidade. Há menções caracterizando a tipologia, e comentando sobre alguns exemplares isolados em publicações como as de Moura e Schlee (2002), Gutierrez e Gonsales (2014) e Schlee (1993). Entretanto, até o momento não havia sido identificado um estudo que fizesse um levantamento sistemático dos remanescentes dessas arquiteturas na cidade de Pelotas. O trecho a seguir explicita o trabalho de identificação de edificações remanescentes na cidade.

#### **4.3 Identificação dos remanescentes**

Almejando a busca sistemática por exemplares que se enquadram nesse tipo ainda (re)existentes na cidade, foi realizado o projeto de pesquisa: *Patrimônio Cultural na região Sul do Rio Grande do Sul, séculos XIX e XX sob ação denominada “Villas” e Casas de Catálogo: inventário da arquitetura residencial das primeiras décadas do século XX - Pelotas, RS.*<sup>29</sup>

O principal objetivo dessa ação consistiu na elaboração de um inventário de conhecimento das *villas* e casas de catálogo, edificadas nas primeiras décadas do século XX. Os inventários de conhecimento podem ser entendidos como instrumentos para atribuição de valor à determinados bens, para isso, o trabalho do inventário deve pressupor uma base sistemática de registro de informações, os quais podem ou não ser aprofundados, à depender do objetivo do trabalho a ser realizado (MOTTA; REZENDE, 2016).

---

<sup>29</sup> A realização do projeto contou com a participação da autora deste trabalho, bem como a participação de duas alunas de graduação, sob orientação da coorientadora desta dissertação.

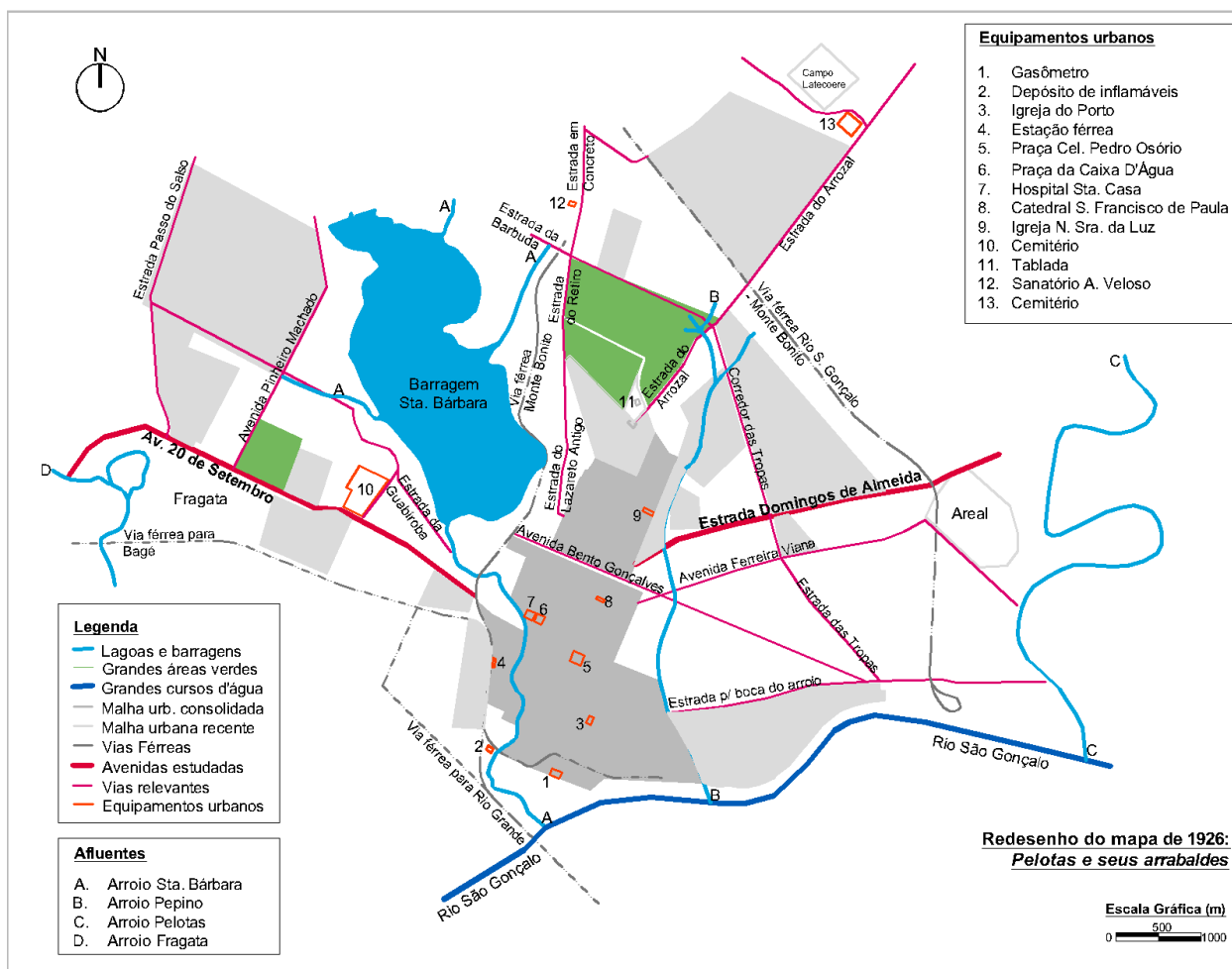


Figura 13 - Redesenho do mapa de 1926: Pelotas e seus arredores.

Fonte: Redesenho elaborado por Valentina Betemps. Acervo Digital do NEAB, 2021.

Projeto de Pesquisa: Patrimônio Cultural na região Sul do Rio Grande do Sul, séculos XIX e XX.

Ação: "Villas" e Casas de Catálogo: inventário da arquitetura residencial das primeiras décadas do século XX – Pelotas, RS.

A área escolhida para a primeira fase do trabalho de busca dos exemplares foi a região que corresponde aos loteamentos mais antigos de Pelotas, atualmente conhecidos no Plano Diretor da cidade como "Área de Especial Interesse do Ambiente Cultural Zona Norte – AEIAC Zona Norte", "Área de Especial Interesse do Ambiente Cultural, Zona de Preservação do Patrimônio Cultural" – AEIAC ZPPC, (ver fig. 14) (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2008). A segunda fase do trabalho de identificação, contou com a realização do levantamento em cinco avenidas da cidade: Domingos de Almeida, Duque de Caxias, Fernando Osório, Juscelino Kubitschek de Oliveira e República do Líbano. A escolha dessas avenidas para realização do levantamento se deu, pois foram as principais vias de acesso ao núcleo urbano identificados no mapa de Pelotas de 1926 (ver fig. 13 e 14).



Figura 14 - Mapa da área de levantamento proposta.

Fonte: Acervo Digital do NEAB, 2020.

Projeto de Pesquisa: Patrimônio Cultural na região Sul do Rio Grande do Sul, séculos XIX e XX.  
Ação: “Villas” e Casas de Catálogo: inventário da arquitetura residencial das primeiras décadas do século XX - Pelotas, RS.

Em um primeiro momento o trabalho de mapeamento e identificação foi feito caminhando pelas ruas da área de estudo, de modo que a ZPPC 3 e ZPPC 4 foram mapeadas dessa maneira. As caminhadas pelas ruas foram realizadas em busca de possíveis exemplares, quando encontradas edificações de interesse eram realizados registros fotográficos, e o registro textual de sua localização, para posterior espacialização em mapas.

Em um segundo momento, para realização do levantamento na ZPPC 1, ZPPC 2, AEIAC Zona Norte e principais avenidas, devido às recomendações de isolamento social, esses levantamentos de identificação foram realizados de maneira remota. Dessa forma, optou-se por utilizar os recursos do *Google Street View*.<sup>30</sup>

<sup>30</sup> Uma amostra do trabalho desenvolvido nessa etapa do estudo pode ser conferida em Silva et. al. (2021)

Até o momento, foram encontrados 165 exemplares de interesse para a pesquisa. A lista completa de exemplares identificados pode ser encontrada nos apêndices deste trabalho (ver apêndice A). A quantidade de bens identificados e suas diversas localizações pela cidade demonstra como a produção desta tipologia arquitetônica teve relevância na cidade. A ocorrência dos lotes de interesse se apresenta principalmente nas ruas ou avenidas que circundam a área urbana desse período, representada atualmente pelas ruas que compõem os limites da ZPPC. Essa característica é associada ao formato desses lotes às margens do centro urbano, de proporção mais avantajada do que os lotes mais antigos e tradicionais.

Concomitante à busca de exemplares na cidade foi realizada a constante revisão bibliográfica acerca do tema e a busca de materiais acerca dessa arquitetura nos acervos disponíveis. Essa complementação entre as frentes de trabalho contribuiu significativamente para o entendimento da produção da arquitetura estudada.

Dentre os exemplares de Pelotas mais citados na bibliografia, poderíamos citar as residências mandadas edificar pelos ascendentes industriais da cidade. Carlos Ritter manda construir em 1909, a *Villa Augusta*; Carlos Lang, da Fábrica Lang de Sabão e Velas, manda construir em 1925 a *Villa Laura* e em 1926 a *Villa Georgina*; que são residências segundo os novos padrões da época (SCHLEE, 1993).

A *Villa Georgina* teve seu levantamento métrico arquitetônico realizado na disciplina de técnicas retrospectivas – projeto de arquitetura e urbanismo, da FAUrb/UFPel no ano de 2015. A documentação produzida pelas, até então, estudantes foi disponibilizada digitalmente para esse trabalho.



Figura 15 - Fachada principal Villa Georgina

Fonte: Levantamento métrico Arquitetônico realizado por Nicole do Nascimento Pereira, Fernanda Siebert e Mariana de Castro Neves, 2015. Acervo Digital do NEAB.

Segundo Moraes (2014), a *Villa Augusta* (ver fig. 16) foi edificada entre os anos de 1908 e 1913 para servir de residência à família de Carlos Ritter. A chamada *Villa Augusta*, teria sido “coroada” com esse nome a fim de homenagear sua esposa, Augusta Keffer Ritter. A edificação segue os princípios da tipologia da casa isolada no lote, sendo implantada em um amplo jardim. Sob aspecto de linguagem arquitetônica, ainda se assemelha bastante com as produções do chamado eclético historicista (OLIVEIRA; SEIBT, 2005), com o uso de platibandas, fachada com eixo de simetria vertical, tripartição e frontões triangulares. Já incorpora algumas características da nova arquitetura, com a utilização das “*bow windows*” e pequenas sacadas. Assim como já observado por Didoné et. al (1999), a organização funcional da casa já propunha espaços, circulações e acessos independentes para as trabalhadoras(es) da residência e para os donos e convidados da casa. Carlos Ritter faleceu no ano de 1926, e dois anos mais tarde a residência passa a abrigar então o “Instituto de Hygiene Borges de Medeiros”, já na década de 1960 o edifício passa a abrigar a Faculdade de Medicina da UFPel.



Palacete do capitão Carlos Ritter

Figura 16 - *Villa Augusta*  
Fonte: Carriconde (1922)

Possivelmente um dos exemplares mais próximos à memória dos pelotenses seria o Castelo Simões Lopes. Segundo o IPHAE ([s. d.]), sua construção foi concluída no ano de 1923, segundo relatos de descendentes teria sido projeto do arquiteto alemão Fernando Rullmann. A edificação possui dois pavimentos e porão, o qual acomodava uma adega para vinhos e as habitações de trabalhadoras/es da residência (IPHAE, [s. d.]). Implanta-se em um vasto jardim (ver fig. 17), e conta com edificações anexas de apoio à edificação principal. Teria sido, possivelmente, a primeira edificação na cidade a contar com sistema de calefação (IPHAE, [s. d.]). A construção servia também de propaganda, uma estratégia de impulsionar a povoação do recém criado Bairro Simões Lopes, que pode ser vista no Almanach de 1923. Desde a década de 1990 a propriedade é da Prefeitura de Pelotas, e no ano de 2012 foi tombada pelo IPHAE.

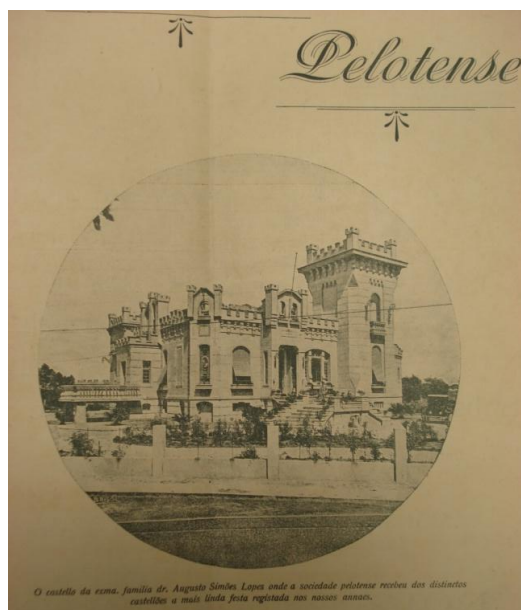


Figura 17 – Castelo Simões Lopes  
Fonte: (REVISTA ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE, [s. d.] )

Foram encontrados também outros anúncios do Castelo Simões Lopes em outras edições do Almanach de Pelotas. Atribui-se a essa prática a tentativa de popularização do bairro, idealizado pela figura que carrega seu nome. Além das publicidades feitas para o Castelo, foi encontrada a divulgação da construção de outra residência aqui estudada, em um jornal local (ver fig. 18).



Figura 18 - Perspectivas do palacete. Futura residência do Sr. Alexandre Bertoni  
Fonte: Jornal da Manhã, Pelotas, 30 de maio de 1923, p.04. Acervo Biblioteca Pública Pelotense.  
Fotografia cedida por Guilherme Pinto de Almeida



Além da divulgação da fachada prevista para a residência, a matéria explicita que a residência seria “notável pelo conforto, higiene e, sobretudo, pelo conjunto arquitetônico” (JORNAL DA MANHÃ, 1923, p. 4) foi encomendada pelo Sr. Alexandre Bertoni, industrialista da cidade, e projetada por Carlos Rosenwantz<sup>31</sup>. Ainda sobre a residência o texto explicita:

O novo edifício será levantado á rua 15 de novembro, esquina Conde de Porto Alegre, no meio de um terreno que mede 171 metros quadrados, cujo custo, sem incluir as escripturas, attinge a quantia de 23:500\$000. Em volta do edifício serão construídos parques de receio, como jogos de tennis, lagos, viveiros de aves, piscina e tudo quanto reúnem as modernas habitações do mundo. Pode-se dizer que, ao deixar a vida pratica dos negócios, a actividade empolgante de sua industria e recolhendo-se ao santuario de sua familia, o sr. Bertoni, pode perfeitamente passar horas como se estivesse habitando o mundo das mais risonhas fantasias. [sic] (JORNAL DA MANHÃ, 1923, p. 04)

Assim como apontado anteriormente por Schlee (1993), as *villas*, principalmente nas primeiras décadas do século XX, apresentam-se como residências da elite social pelotense. As figuras dos ascendentes industriais, assim como no caso acima citado, apresentam-se recorrentemente como proprietários dessas edificações.

Assim como ocorreu em outros lugares do país, as *villas* em Pelotas eram caracterizadas como residências semiurbanas, algumas vezes rurais, ou quando implantadas na cidade, se localizaram principalmente em grandes avenidas ou nas bordas do perímetro urbano.<sup>32</sup> Exemplo dessa conformação característica de implantação da tipologia é possível observar na *Villa Judith* (ver fig. 19). Localizada atualmente no Bairro Laranjal em Pelotas, foi edificada no ano de 1921 e pertenceu a Arthur Augusto de Assumpção e Judith Assumpção de Assumpção (INSTITUTO SENADOR JOAQUIM AUGUSTO DE ASSUMPÇÃO, 2017). Através das fotografias, podemos observar que ela incorpora alguns elementos arquitetônicos recorrentes das edificações aqui estudadas: acesso marcado, jogo de telhados, uso de

---

<sup>31</sup> Não há menção sobre esse construtor na publicação de Weimer (2004).

<sup>32</sup> Sobre algumas relações das características entre morfologia urbana e tipologia arquitetônica fora realizado o estudo de Silva et al., (2021) com base nos resultados da presente pesquisa.



mansardas<sup>33</sup> e pequenos terraços. Além do nome a quem a edificação fora dedicada, inscrito na fachada da residência “*Villa Judith*”.



Figura 19 – *Villa Judith*

Destaque para a inscrição do nome na fachada da residência.

Fonte: (INSTITUTO SENADOR JOAQUIM AUGUSTO DE ASSUMPÇÃO, 2017), manipulação da imagem pela autora.

Outra *villa* edificada pela família, mas dessa vez próxima ao centro da cidade, foi a residência da escritora Heloísa Assumpção Nascimento. Segundo Costa (2012) Heloísa foi uma das mulheres pioneiras a se formar na Faculdade de Direito no ano de 1936, após isso atuou como docente e escreveu livros sobre a cidade de Pelotas. No ano de 2020, a casa, bem como sua autora, foram temas de uma coluna de jornal da cidade (RUBIRA, 2020), esse fato demonstra a relevância que essa casa e seus significados ainda tem para alguns pelotenses. A residência que se localiza na esquina das ruas Santa Cruz e Barão de Butuí, atualmente chama atenção pelo seu estado de arruinamento.

<sup>33</sup> Segundo Corona e Lemos (0000, p. 311), a definição do termo consiste em: “O mesmo que água furtada provida de janelas para o exterior. O nome deriva de Mansard, apelido de certo arquiteto Francês que foi um dos primeiros a aproveitar o desvão do telhado, iluminando-o com fins utilitários”.



Figura 20 – Residência de Heloísa Assumpção Nascimento  
Fonte: Cartão postal, Edicard, s/d. Acervo pessoal de Guilherme Almeida Pinto, s/d.

A pesquisa de acervo documental realizada pelo colega pesquisador, Guilherme P. Almeida, integrante do NEAB, levou ao conhecimento também de uma imagem do período de construção da residência (ver fig. 21). Na imagem se observa o perfil de um homem fardado no interior da residência, possivelmente o marido de Heloísa.



Figura 21 - Fotografia da residência em seu período de construção.  
Fonte: Acervo pessoal de Guilherme Pinto Almeida, s/d.

A residência que pertenceu a Bruno Mendonça Lima também é um exemplar que merece destaque no conjunto.<sup>34</sup> A *villa* com inspirações normandas (MOURA; SCHLEE, 2002) edificada em dois pavimentos à esquina das ruas Benjamin Constant e Félix da Cunha, chama a atenção dos transeuntes pela sua forma diferenciada. A edificação conta com telhados inclinados e decorações que fazem alusão à técnica do enxaimel, característica típica de edificações de regiões frias do hemisfério norte (ver fig. 22).



Figura 22 - Residência de Bruno Mendonça Lima  
Fonte: (ROCHA, 2016)

Segundo Moura e Schlee (2002), essa residência eclética de inspiração normanda, construída entre 1926 e 1927, assim como outros exemplares de *villas*, tem sua divisão interior a partir de uma sequência de espaços de transição e circulação que garantem um bom zoneamento entre os cômodos íntimos e sociais. A autoria do projeto é atribuída ao arquiteto francês, residente de Pelotas, Júlio Delanoy (DELANOY, 2021; MOURA; SCHLEE, 2002).

Alguns dos projetos arquitetônicos do referido arquiteto puderam ser consultados no acervo digital organizado pelo grupo PET FAUrb<sup>35</sup>. Dentre demais tipologias construtivas, puderam ali ser identificadas algumas residências com aspectos aqui pesquisados. A exemplo disso, citamos o projeto residencial

---

<sup>34</sup> O importante processualista histórico foi o primeiro diretor da Faculdade de Direito, instituição que mais tarde integrou-se à UFPel. Em alusão ao seu nome, a Faculdade de Direito de Pelotas é também conhecida como “Casa de Bruno de Mendonça Lima” (UFPEL, 2014). Bruno foi um dos sete juristas responsáveis por elaborar o Código Eleitoral do Brasil em 1932 (CABRAL, 2004). A proposta tem sua importância histórica principalmente, por unificar o sistema eleitoral brasileiro, instituir o voto secreto, o voto feminino, e criar o sistema de representação proporcional em dois turnos simultâneos.

<sup>35</sup> Os projetos arquitetônicos foram consultados no acervo da SGCMU e escaneados no ano de 2011 e 2012, para elaboração da dissertação de mestrado “A presença francesa na arquitetura pelotense - um estudo sobre o arquiteto Julio Delanoy” (DELANOY, 2012). Assim, consultamos o acervo digital disponibilizado pelo grupo.



protocolado no ano de 1949, o qual tem escrito no cabeçalho da primeira prancha “projeto de uma residência com motivos sevilhanos”.

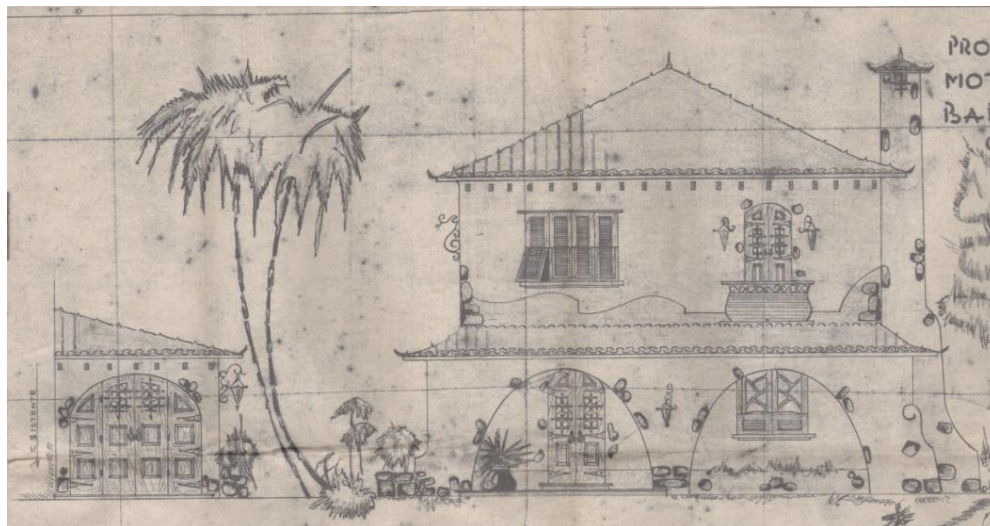


Figura 23 - Fachada de projeto de residencial, arquiteto Júlio Delanoy, 1949  
Fonte: Cópia digital do acervo PET FAUrb, Projeto de construção protocolado na prefeitura, nº de cadastro/ano: 78/1949, acervo SGCMU.

Apesar de ter sofrido algumas modificações, foi possível identificar a residência acima citada nos levantamentos de identificação de remanescentes na cidade (ver fig. 24). Observa-se que a residência conserva muitos dos aspectos ainda determinados em projeto, como o revestimento rústico das fachadas com adornos em pedras e a volumetria da edificação bem como do volume anexo, destinado à garagem.



Figura 24 – Edificação de interesse identificada no levantamento  
Fonte: Autora, 2021

O surgimento dos veículos de tração a motor, propicia o surgimento de um novo elemento as residências. No período anterior, os cômodos destinados aos veículos de transporte eram denominados cocheiras, para a guarda de carruagens e animais. A comercialização dos automóveis em Pelotas a partir do século XX é concomitante ao aparecimento das garagens nos projetos arquitetônicos estudados nessa pesquisa. Inclusive, identificamos a figura do carro representada em alguns projetos arquitetônicos (ver fig. 25).

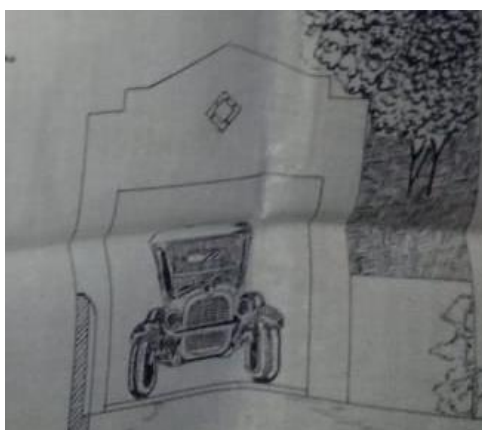


Figura 25 - Representação de veículo em projeto arquitetônico  
Fonte: Projeto de construção protocolado na prefeitura, nº de cadastro/ano: 187/1928, acervo SGCMU

Quando perguntamos sobre a garagem, a interlocutora L. M., nos conta sobre as lembranças de sua infância, por volta da década de 1940, da presença desse cômodo na casa de seu avô: “Aline: E tinha garagem na casa nesse tempo?”, L. M. responde: “Tinha! Tinha garagem, tinha um estábulo e tinha vaca, que se tirava leite.” Esse relato evidencia o uso concomitante de veículos de tração animal e de tração a motor da família do avô da interlocutora L. M. nesse momento.

Nas casas estudadas, o elemento da garagem foi identificado de duas principais maneiras, a primeira e mais recorrente, com volume independente ao da residência principal, como no exemplo acima. Em segundo lugar, e em menor recorrência até o momento, em volume incorporado à residência, mas sem comunicação direta com essa (como veremos à frente, ao analisar a distribuição do projeto arquitetônico da *Villa Stella*). Quando projetadas em volume independente, geralmente, as garagens apresentam elementos decorativos que remetem aos utilizados na edificação principal. Como por exemplo, no projeto protocolado na prefeitura de Pelotas, nº de cadastro/ano: 127/1940 (ver fig. 26).



Figura 26 - Elevação principal e elevação da garagem

Fonte: Fotografias digitais do acervo SeCult, Projeto de construção protocolado na prefeitura, nº de cadastro/ano: 127/1949, acervo SGCMU

Em uma das edificações estudadas, a construção da garagem foi planejada posteriormente à residência. Esse fato foi observado nos projetos elaborados por Dias & Requião para o Sr. Alcides Sampaio, nos meses de março e outubro de 1927, ao protocolar primeiramente o “projecto de *villa* a rua Benjamin Constant 402” [sic] e posteriormente a “garage e dependência do prédio do Snr Alcides Sampaio à rua Benjamin Constant esquina de Gonçalves Chaves” [sic] (ACERVOS SGCMU, 1927). Mesmo com a diferença de alguns meses, para elaboração do volume secundário, são observadas algumas aproximações nos tratamentos das fachadas, como por exemplo o uso do elemento decorativo em forma de losango e a divisão das esquadrias em vidro (ver fig. 27)



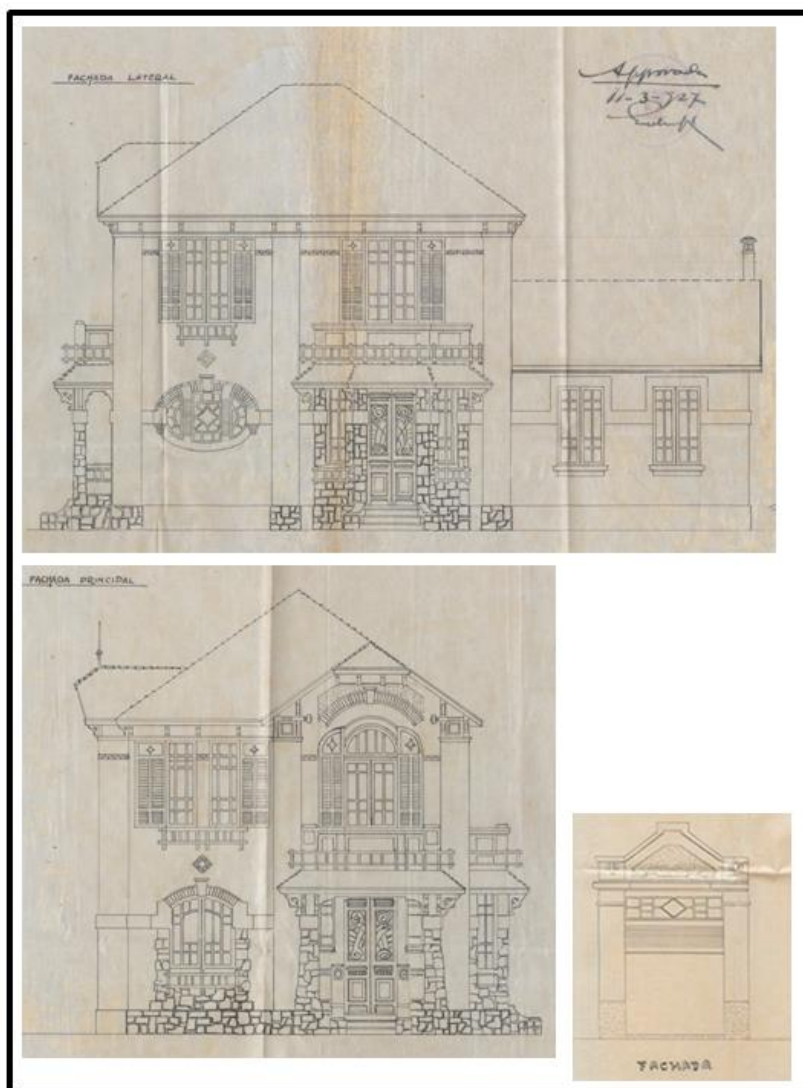


Figura 27 – Elevação secundária, elevação principal e elevação da garagem  
 Fonte: Acervo digital do NEAB. Projetos de construções protocolados no ano de 1927, acervo SGCMU

Ainda sob a edificação acima citada, foi identificada uma fotografia histórica, publicada no Almanaque de Pelotas de 1929 (ver fig.28). Esse documento evidencia alterações entre o projeto e execução da *villa*, em relação ao volume dos fundos da residência, indicado na fachada lateral do projeto (ver fig. 27). Este prevê a colocação de telhado no referido volume, diferentemente do que aponta a imagem, na qual é possível identificar um terraço com guarda corpo e pergolado.



Figura 28 – Imagem da edificação estudada  
Fonte: Paradedá (1929, p. 146)

O afastamento das edificações dos limites do lote faz surgir o elemento do jardim e a implantação das residências passa a ser uma problemática a ser resolvida pelo projeto arquitetônico. Acerca desse tópico, até o momento não fora identificado projeto paisagístico nos projetos estudados. Entretanto acredita-se que o tratamento dos jardins e implantação da residência em meio a estes tenha sido uma preocupação dessas edificações. A exemplo disso, observamos a implantação do Castelo Simões Lopes (ver fig. 29).

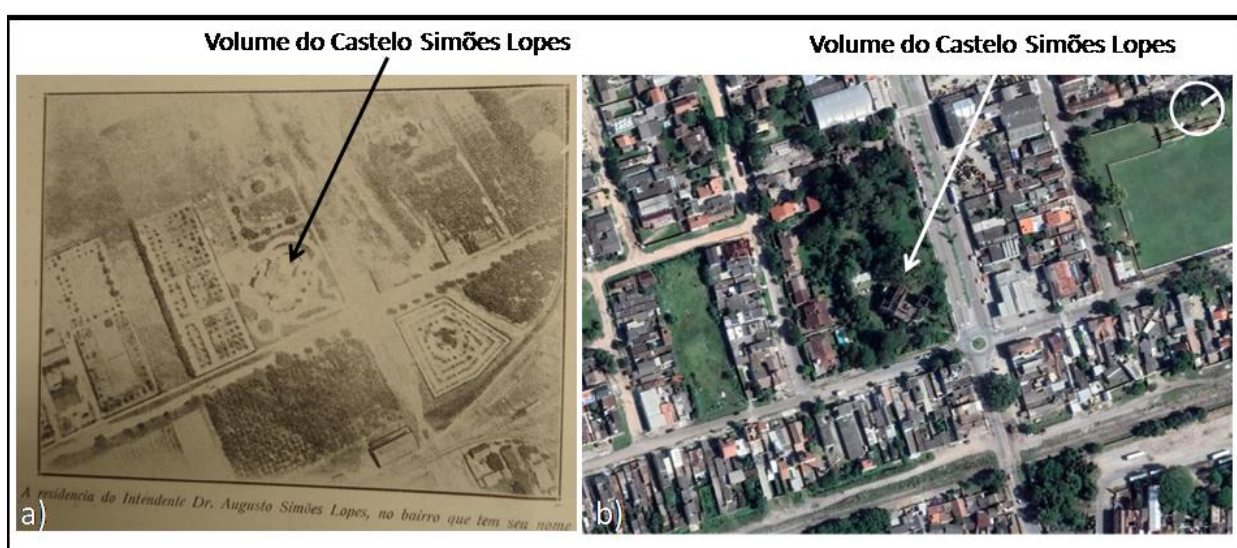


Figura 29 - Vista aérea do Castelo Simões Lopes na década de 1920 e atualmente  
Destaque para a implantação da casa em meio aos jardins. Fonte: a) Revista Ilustração Pelotense nº3, ano VII. b) Google Earth



Um dos exemplares estudados, em especial, compunha uma área ajardinada tão grande, que fora chamado de parque. Esse é o caso do Parque Ritter, o qual além de outras atrações abrigava a *Villa Augusta*. Sobre a área aberta da propriedade, fora encontrado o seguinte trecho, no Almanach de Pelotas de 1915:

[...] Foi assim que, o espírito trabalhando sempre nas idéas alevantadas, e movimentando a sua enorme fortuna particular, devemos hoje a esplendida vivenda <<Villa Augusta>>, que Carlos Ritter, de um extenso e safaro terreno, tornou um encantador Parque, de viçoso e balouçante arvoredos, prenhe de aromas, de seducções, de poesia. [...]

Nada falta no Parque Ritter: o Copado e frondoso arvoredos, estreitas e longas aléas, o pomar, trechos de jardim, estufas de plantas vivas, a lavoura, importantes viveiros de plantas e arbustos, de passaros, grandes acquarios e todos os mil nonadas proprios de um estabelecimento dessa ordem. [...] [sic] (PARADEDA, 1915, p. 199-203)

Nas *villas* o jardim circunda a casa e faz parte da concepção arquitetônica, isso é demonstrado nas representações técnicas, nas quais se identifica com frequência a representação de massas vegetais, flores e trepadeiras (ver fig. 30). Esse tipo de representação remete a uma noção bucólica, ou seja, de proximidade com o campo, própria da intencionalidade dessa arquitetura. Nota-se também em pequenos elementos decorativos da arquitetura, como por exemplo, as jardineiras (ver fig. 31) recorrentemente ainda encontradas nos exemplares estudados.



Figura 30 - Representação de massas vegetais nos projetos  
Projecto de Casa para a Sr<sup>a</sup> D<sup>a</sup> Alice Sá da Rocha [sic], Construtor Dias & Requião, 1928.  
Fonte: Acervo Pessoal de Dona Iara e Seu Edmundo, cópia do projeto de construção protocolado na prefeitura de Pelotas em 19 de janeiro de 1928.



Figura 31 - Jardineiras nos peitoris das janelas  
Fonte: Autora, 2021.

Essa implantação utilizando de recuos demanda a inserção e a concepção de um novo elemento, os muros. No caso dos projetos consultados do arquiteto Júlio Delanoy, além dos aspectos formais da arquitetura aqui relatados, chama a atenção a preocupação do profissional em detalhar inclusive os muros de fechamento das residências (ver fig. 32). Em mais de um projeto pode-se observar detalhes construtivos desse elemento.

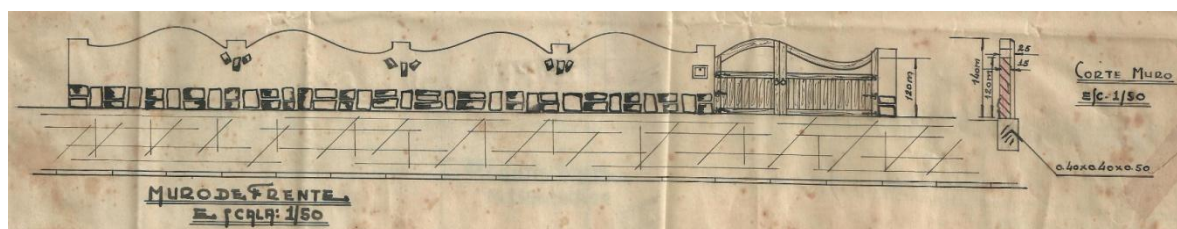


Figura 32 - Detalhe projeto do muro de uma residência  
Fonte: Cópia digital acessada no acervo PET FAUrb, projeto de construção protocolado na prefeitura, nº de cadastro/ano: 234/1951, acervo SGCMU.

#### 4.4 As casas de Catálogo

O trabalho em torno do tripé ensino pesquisa e extensão, realizado pelo NEAB nas cidades do distrito geoeeducacional da UFPeI, propiciaram o contato com exemplares arquitetônicos e com algumas de suas histórias de surgimento. Nesse

sentido, alguns desses exemplares, principalmente de linguagem pitoresca, tinham relatos de serem concebidos a partir de catálogos de construtores.

Um desses relatos foi colhido pela prof<sup>a</sup> Ana Lúcia Costa de Oliveira, em entrevistas aos moradores de uma dessas casas na cidade de Jaguarão - RS. Além das modificações que a casa recebeu ao longo do tempo, os moradores relataram que essa teria sido construída por volta de 1940 pelo arquiteto Domingos Spolidoro<sup>36</sup>, e que o modelo da residência foi tirado de uma revista (NEAB, 1991).

Em outro momento, um aluno de graduação da FAUrb/UFPel relatou aos integrantes do NEAB que seu avô, que tinha sido construtor na região de Santa Cruz do Sul - RS, utilizava catálogos para promoção e visualização de exemplares para construção. Nessa ocasião, o estudante disponibilizou os catálogos que eram guardados pela família para digitalização pelo núcleo (ver fig. 34). Em razão dessas e demais experiências, as tais casas foram apelidadas pelos integrantes do NEAB como “casas de catálogo”.

As chamadas casas de catálogo são residências de menor porte, edificadas em período correlato às *villas*. Trata-se da mesma tipologia: a casa isolada no lote. Essa maneira de chamá-las se dá devido à semelhança das edificações (ver fig. 33) com ilustrações de projetos (ver fig. 34) que circulavam em catálogos nessa época.



Figura 33 - Residência identificada no levantamento realizado  
Fonte: Autora, 2020

---

<sup>36</sup> Weimer (2004) cita em sua obra uma empreiteira com esse mesmo sobrenome. Segundo o autor, Spolidoro & Cia, foi uma importante empreiteira que atuou em Porto Alegre entre os anos de 1940 e 1946. “Nesse período, a linguagem hegemônica era o californiano e foi exatamente dentro dessa abordagem que construiu um grande número de residências nas áreas de expansão da cidade.[...] Dentre as residências deve ser destacado o ‘palacetto’ de Armando Gianpaoli, na rua André Puente, junto ao 367.” (WEIMER, 2004, pg. 169). Apesar da semelhança dos sobrenomes dos construtores não puderam ser identificadas maiores relações entre a empreiteira descrita por Weimer (2004) e o arquiteto descrito pelos entrevistados.





Figura 34 - Imagem de projeto arquitetônico divulgado em catálogo.  
Fonte: (CIA. EDITORA E COMERCIAL F. LEMOS, [s. d.])

Através de um material disponibilizado por um professor da FAUrb/UFPel, podemos ter acesso a mais um catálogo de casas, editado em Buenos Aires, Argentina. Assim como as demais, as propostas arquitetônicas são semelhantes e utilizam-se de ornamentações que remetem ao pitoresco.

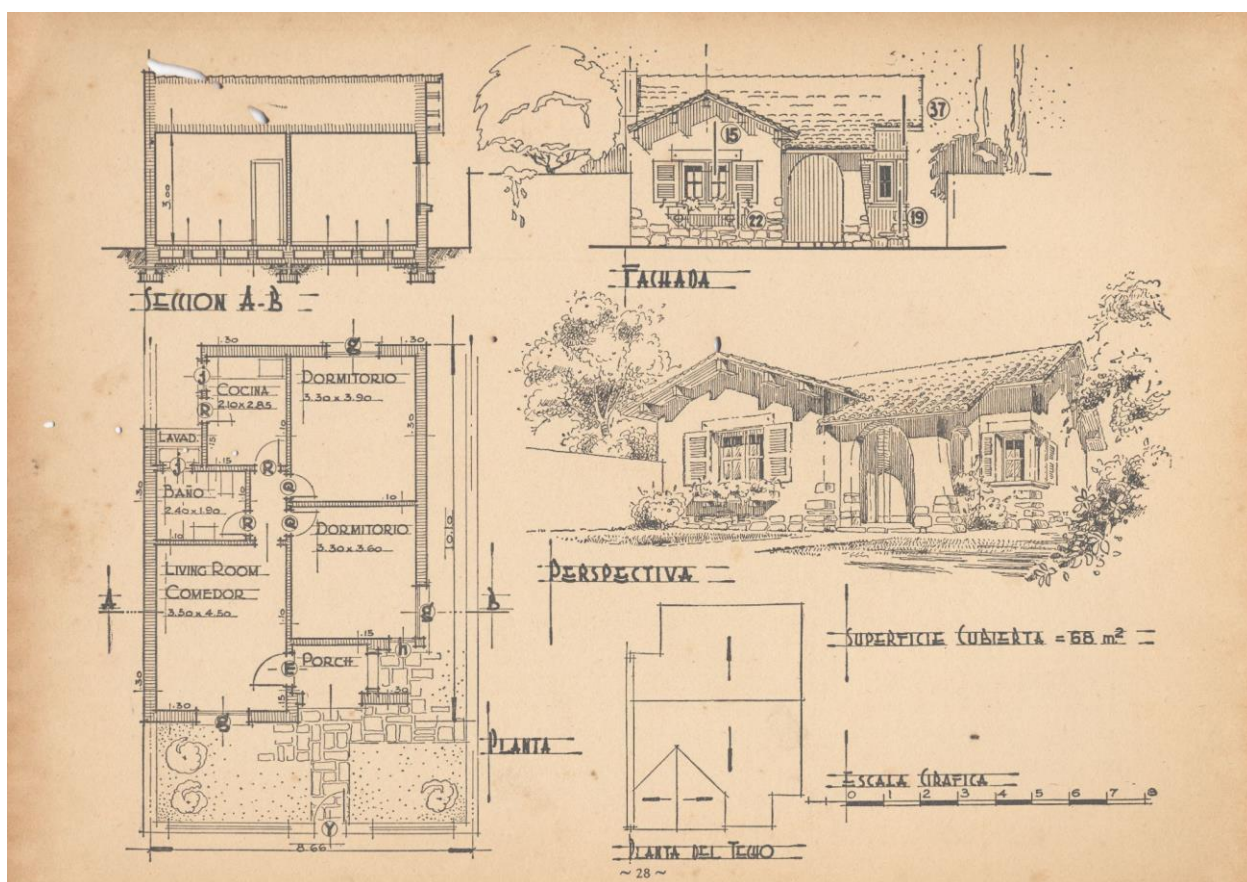


Figura 35 - Plano completo de vivienda  
Fonte: (MOIA, [s. d.])

Em buscas realizadas na internet também puderam ser identificados catálogos de construção, dessa vez para residências americanas, definidos como “Bungalows” (ver fig. 36). Além dos catálogos encontrados, o artigo “a história de ascensão e queda das casas de catálogo” de Warzecha (2018) contextualiza o panorama americano, na qual a escolha e compra do modelo arquitetônico se dava através de correspondência e o proprietário era incentivado a construir sua própria casa. Segundo a autora, entre os anos de 1908 e 1940 mais de 100 mil casas à venda por correspondência foram construídas nos EUA.

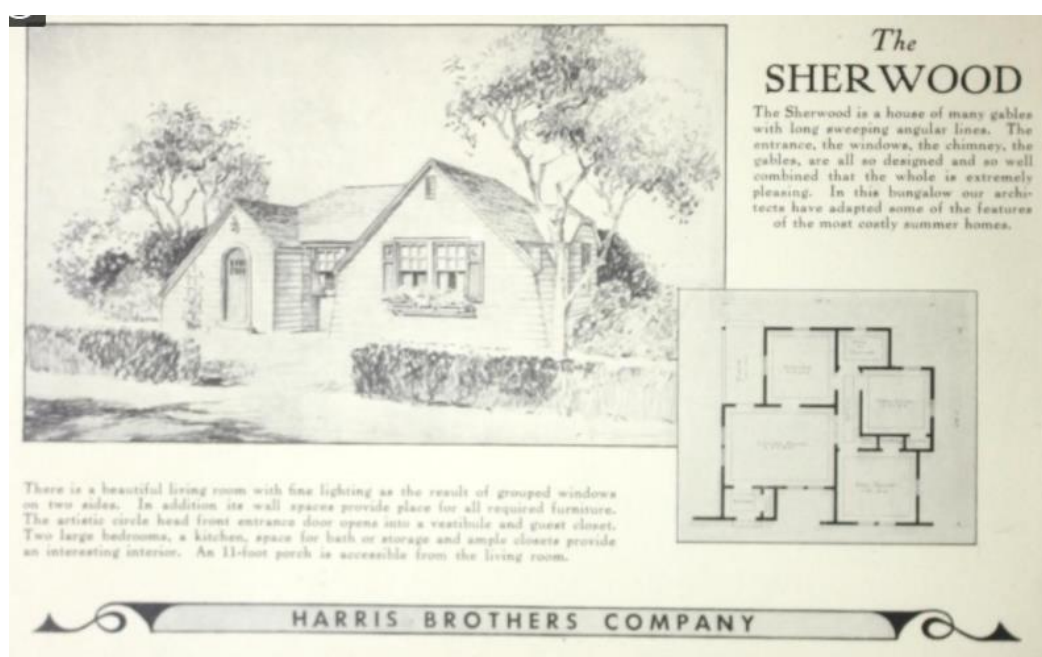


Figura 36 - *Bungalow* americano  
Fonte: (HARRIS BROTHERS COMPANY, 1931)

Já pensando no caso brasileiro, Cortado (2019), aponta que no ano de 1916 a prefeitura de São Paulo foi responsável pela organização de um “concurso para projetos de Habitações Proletárias Econômicas”. Segundo o autor, a busca dos projetistas em torno da otimização da higiene e estética das residências pautou as discussões. Mais tarde, a partir dos anos 20, a revista “A Casa”, uma das revistas pioneiras destinadas a profissionais, promoveu seus próprios concursos de habitação econômica. As propostas enviadas fazem alusão às pequenas residências térreas aqui estudadas, lembrando em muito as casas de catálogo (ver fig. 37).

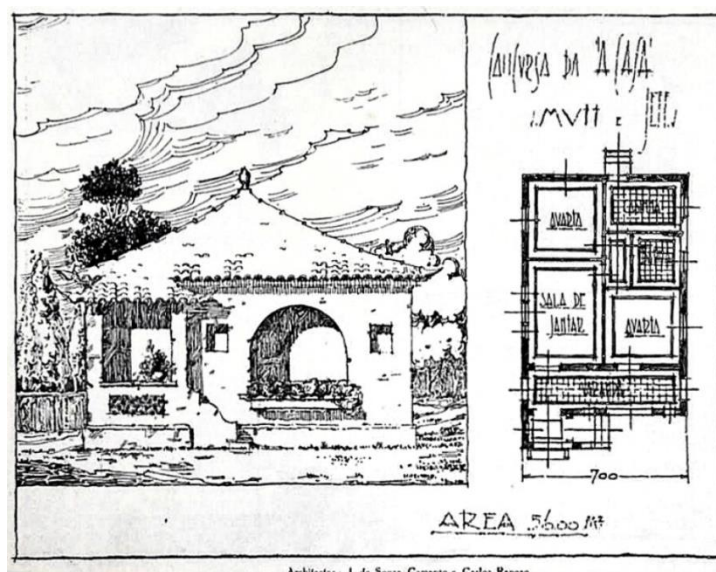


Figura 37 - Projeto de casa de catálogo, vencedora do concurso promovido pela revista A Casa, em 1924.

Fonte: A Casa (1924, apud, CORTADO, 2019)

A partir dos projetos arquitetônicos que puderam ser acessados até o momento, foi identificada a ocorrência da construção das *villas* concentradas na década de 1920, e as chamadas casas de catálogo em momentos um pouco mais variados, entre 1920 e 1940 aproximadamente.

Sobre a data de construção da casa que habita desde a década de 1960, a interlocutora M. Z., em entrevista junto com sua neta, L. Z. nos conta:

M. Z.: O que dizem... O que me disseram é que essa casa de cimento penteado foi construída depois do [Teatro] Guarani. [...] E o cara que fez o Guarani [construtor], que é de cimento penteado também, é que fez essa casa. Não sei quem foi o primeiro dono, mas foi feito em 1924.  
 L. Z.: E o Guarani é de 21 né vó? Ou 22? Aí devem ter feito e vieram pra cá.  
 3 anos depois.  
 M. Z.: Essa casa é um primor! Porque... Pena tu não poder entrar.

As edificações encontradas vão desde grandes casarões, com muitos cômodos, a pequenas casas térreas sem muita variação de ambientes. Sob o aspecto de linguagem dessas casas, elas se apresentam por vezes com linguagem pitoresca, semelhantes às encontradas nos catálogos (com pedras adossadas ou texturas que imitam pedras); inspiração germânica (identificada através da representação/imitação da técnica enxaimel<sup>37</sup> e telhados de grandes inclinações);

<sup>37</sup> “Entramado de peças robustas de madeira que serve principalmente de contraventamento nas construções de taipa ou alvenaria de tijolo. Suas peças são encaixadas entre si por sambladuras, sem auxílio de ferragens. É característico das casas de colono alemão, encontradas sobretudo no vale do Itajaí, e das antigas edificações em estilo normando, ficando aparente nas fachadas e sendo



algumas apresentam linguagem neocolonial, com volutas nos frontões e peitos de pomba<sup>38</sup> adornando os telhados. Entretanto, por vezes essas características decorativas se misturam. Buscando tratar aqui de um panorama dessas edificações, foi produzido o quadro resumo (ver fig. 38).



Figura 38 - Quadro síntese das villas edificadas em Pelotas.  
Fonte: Autora, 2021

pintado de castanho-escuro ou preto. É também chamado enxamel ou, quando referido às edificações em estilo normando, pelo nome francês pan-de-bois” (ALBERNAZ; LIMA, 1998b, p. 223)

<sup>38</sup> Segundo Albernaz e Lima (1998a, p. 454): “perfil convexo em  $\frac{1}{4}$  de círculo. A expressão é mais aplicada quando referida à extremidade dos cachorros dos telhados de antigas edificações”.

Sob aspecto da linguagem arquitetônica, observamos uma *villa* edificada em linguagem mais racionalizada, é o exemplo da atual sede da Escola Castro Alves<sup>39</sup> (ver fig. 39). Observa-se a ortogonalidade das ornamentações, e assim como em projetos anteriormente descritos, a comunicação entre os ornamentos utilizados no corpo da edificação e o muro de divisa frontal.



Figura 39 - *Villa* com ornamentações simplificadas

Fonte: Acervo Digital do NEAB, 2020.

Projeto de Pesquisa: Patrimônio Cultural na região Sul do Rio Grande do Sul, séculos XIX e XX.  
Ação: “*Villas*” e Casas de Catálogo: inventário da arquitetura residencial das primeiras décadas do século XX - Pelotas, RS.

Tendo em vista que a arquitetura tradicional anterior fazia uso de platibandas, e a tipologia aqui estudada evidencia em sua volumetria o caimento das águas dos telhados, as empenas triangulares acabam por serem elementos recorrentes das *villas* e casas de catálogo. Esses elementos acabam por receber tratamento diferenciado, a depender da linguagem arquitetônica adotada, principalmente quando posicionados na fachada principal das edificações.

<sup>39</sup> Essa obra em especial, apresenta placa do construtor responsável adossada no muro frontal da residência. “Alberto Francisco Calearo: Natural do Rio Grande do Sul, nasceu em 16.08.1885. Era casado, residia em Pelotas e era arquiteto-construtor licenciado, autorizado a construir prédios de alvenaria simples de até dois pavimentos, limite que, posteriormente, foi ampliado, possibilitando-lhe a construção de vigas e lajes de “cimento armado” com até quatro metros de vão livre (CREA n.407). Apresentou documentação sobre a construção dos seguintes prédios que ocorreram sob sua responsabilidade: prédio de dois pavimentos na Rua General Osório, entre as ruas Três de Maio e Gomes Carneiro, prédio de dois pavimentos para a senhora Ilbrart Pereira e prédio de esquina com dois pavimentos para o doutor C. Mendonça Machado” (WEIMER, 2004, p.39)



Nas casas de catálogo, recorrentemente a empena<sup>40</sup> dos telhados voltada para a fachada da residência, recebe o adorno por pequenos óculos, ornamentado por gradis. Por vezes os óculos não se fazem presentes, mas ainda assim há a presença de elementos metálicos que fazem essa ornamentação ao centro da empena (ver fig. 40). Foram identificadas também ornamentações rústicas ou pitorescas, em pedra, ou elementos que imitam pedras naturais e também decorações endossadas à própria alvenaria, remetendo a brasões simplificados e/ou motivos que remetem à técnica enxaimel. Azulejos, imagens sacras, e formas geométricas também foram identificados nos exemplares estudados.

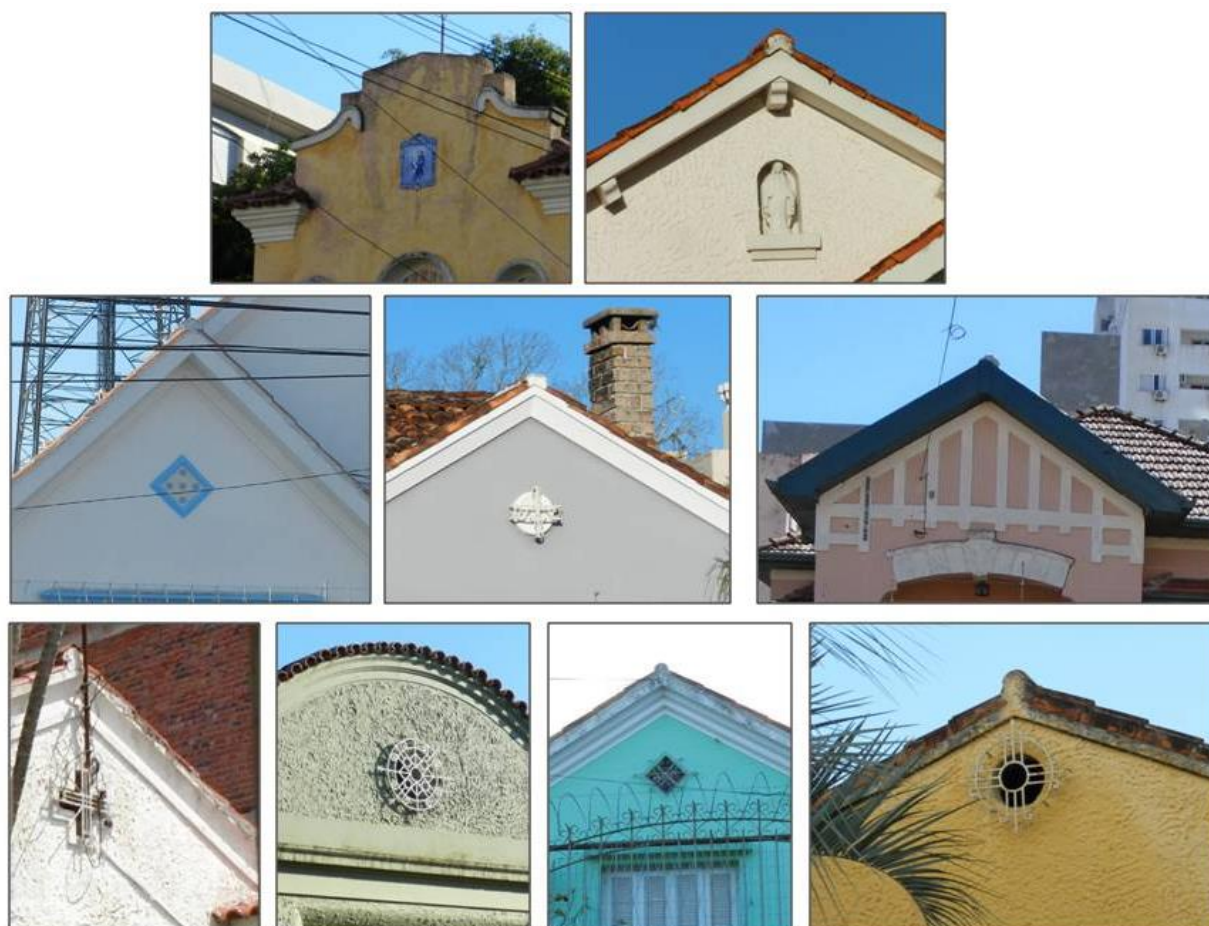


Figura 40 – Ornamentação nas empenas dos telhados  
Fonte: autora, 2021

Uma característica particular das edificações estudadas é a marcação da entrada principal do edifício. Geralmente esse se apresenta como um volume que se destaca em relação ao corpo do edifício (ver fig. 41), marcando o acesso à

<sup>40</sup> Para Albernaz e Lima (1998, p.214), uma das definições de empena é: “em prédio com telhado de duas águas, cada uma das paredes que possuem um vértice onde se apoia a cumeeira.”

edificação através de alpendres, os quais por vezes, possibilitam sacadas ou terraços cobertos e abertos nos andares superiores.

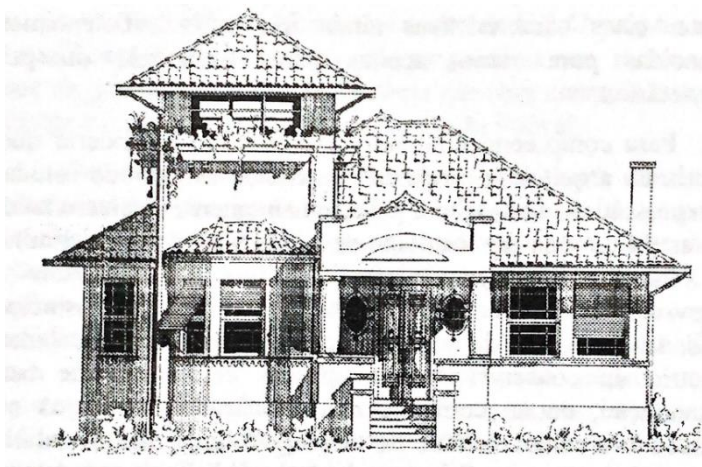


Figura 41 - Residência do Sr. Dante N. Andures, projetada por Juvenal N. Ivanovsky em 1942. Destaque para a marcação do acesso principal da residência, através de volume próprio que gerou alpendre. Fonte: Moura (2005, p. 158)

Apesar de diversos exemplares serem de localização de esquina, poucas vezes encontramos o acesso principal do corpo da casa voltado para este. Possivelmente, o único exemplar identificado que demonstre essa relação seja a edificação que se encontra na esquina das ruas Tiradentes e Barão de Santa Tecla (ver fig. 42).



Figura 42 - Entrada principal da edificação através da esquina  
Fonte: Autora, 2021

Característica usual das *villas* é também a inscrições com nomes femininos ou de entidades cristãs no frontão da residência, de modo que durante a realização desse trabalho encontramos alguns desses exemplos “Villa Laura”, “Villa Georgina”,

“Villa Cecy”, “Villa Santa Eulália” (ver fig. 43). Segundo Schlee (1983) essa inscrição era tradicionalmente com o nome da esposa do proprietário e denotava a “rainha do lar”. Prática que reflete o conservadorismo da sociedade patriarcal da Pelotas do início do século XX.

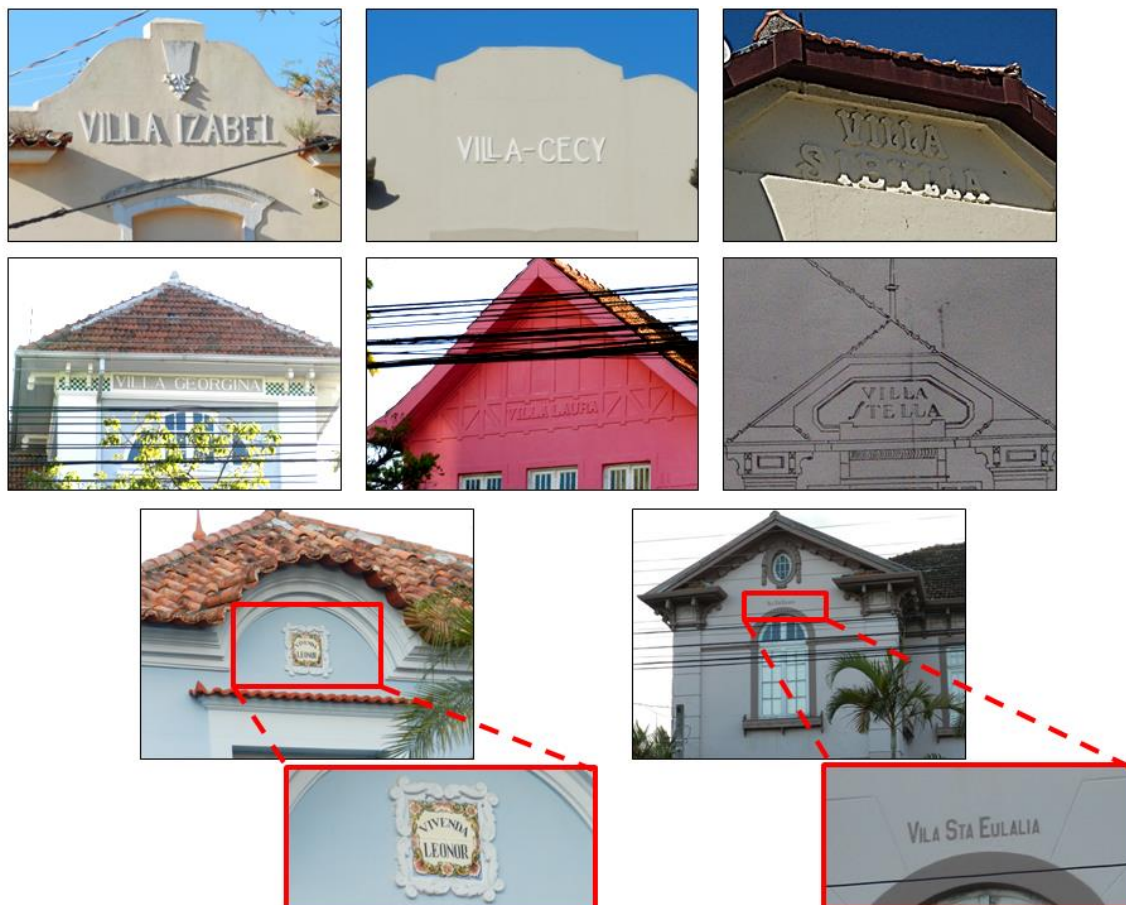


Figura 43 - Nomes femininos nas fachadas das villas  
Fonte: autora, 2020.

De maneira paradoxal, apesar das villas se mostrarem uma maneira de homenagear “a senhora da família”, mas a propriedade da edificação era majoritariamente masculina. Essa constatação se fez a partir da consulta ao cadastro dos projetos de construção na prefeitura municipal de Pelotas, aos quais tivemos acesso até o momento nesta pesquisa.

Talvez a única exceção a essa prática de homenagem seja a “Villa Mozart”, por ser um nome masculino e por se inscrever em um pórtico de entrada da antiga propriedade e não na edificação em si (ver fig. 44). Em conversa com descendentes dos antigos donos dessa propriedade, essa peculiaridade foi desvendada:



Aquele era o pórtico da chácara de veraneio da família L. Eles tinham a casa [no centro da cidade], e **passavam os verões na Villa Mozart. Acredito que o pórtico tenha sido construído no ano do nascimento do meu pai, Mozart Lhullier, em 1925.** Foi um nascimento muito festejado, após terem perdido um bebê de poucos dias, cerca de um ano antes. [...] <sup>41</sup> (Grifos meus, caderno de campo, 2020)



Figura 44 – Pórtico de entrada da *Villa Mozart*  
Fonte: autora, 2021

Também foi identificada a ocorrência da tipologia em residências geminadas<sup>42</sup> e/ou conjuntos. Acerca disso, destacamos o projeto com nº de cadastro/ano: 259/1927, situado na Rua Almirante Barroso, elaborado por Dias & Requião (ver fig. 45). As referidas edificações não existem mais, dadas as informações que conseguimos acessar, estimamos que a localização dessas seria entre as atuais ruas Uruguai e Almirante Tamandaré.

<sup>41</sup> O nome da família e um pequeno trecho do depoimento foi suprimido para preservar a interlocutora.

<sup>42</sup> Para Albernaz e Lima (1998, p. 131), a definição de casas geminadas é definida por: “casa que possui uma de suas paredes externas laterais em comum com outra casa vizinha, apresentando-se as duas casas como uma edificação única. Em geral, ambas têm fachada frontal igual e mesma distribuição interna, só que rebatidas [...]”



Figura 45 - Villas Geminadas  
Fonte: Acervo SCGMU, 1927

Também foram identificados projetos de conjuntos de residências. Acerca disso, ressaltamos o “Projecto de 6 moradias. Casas para renda” [sic], de autoria do construtor Paulo Gertum, protocolado na prefeitura de Pelotas no ano de 1925 (ver fig. 46). Ainda sobre o mesmo conjunto foi observado uma fotografia (ver fig. 47) publicada no Almanach de Pelotas (PARADEDA, 1927).



Figura 46 - “Projecto de 6 moradias. Casas para renda.” [sic]  
Fachada principal e planta baixa de residências geminadas. Fonte: Cópia digital do acervo PET FAUrb, Projeto de construção protocolado na prefeitura, no ano de 1925. Acervo SGCMU, 1925



Figura 47 - Imagem do conjunto residencial estudado  
Fonte: Paradedá (1927)

Esse trecho buscou explorar a documentação primária encontrada na pesquisa, aliada com a identificação dos remanescentes localizados no trabalho de campo. Abordamos até aqui os aspectos possíveis de serem observados do exterior dessas residências. O trecho a seguir, busca abordar a organização tipológica, a disposição de seus cômodos e a sua organização dentro dos lotes.

#### 4.5 Organização espacial da tipologia

O estudo das *villas* e casas de catálogo a partir de seus aspectos tipológicos permitem observar aproximações de suas formas organizacionais. A partir da análise dos projetos arquitetônicos, podemos entender como se desenvolve a proposta de habitação dessas residências. O modelo de análise, através de croquis e identificação do zoneamento da casa é baseado na metodologia adotada por Schettino (2012).

A fim de ilustrar as características desta tipologia, foram escolhidas três residências as quais tivemos acessos aos projetos arquitetônicos originais, são elas: a *Villa Santa Eulália*, a *Villa Laura* e a *Villa Stella*. Como citado anteriormente, essas residências são chamadas assim pois esses nomes femininos estão, ou foram projetados para se localizarem na fachada dos edifícios. A partir da leitura e interpretação de seus projetos arquitetônicos, foram realizados croquis de suas

plantas baixas. Os nomes dos ambientes nos croquis foram identificados como descritos peças gráficas.<sup>43</sup> Para interpretação do zoneamento da residência, os ambientes foram classificados como “social”, “íntimo” e “serviço”, com as cores vermelho, azul e amarelo, respectivamente. Para circulações, escadas, terraços (e similares), fora atribuída a cor cinza. Os acessos foram representados com a indicação de uma pequena seta. E as coberturas dos telhados, observadas nos andares superiores, foram identificadas com uma textura em linhas.

A análise do zoneamento das residências foi importante para entender a distribuição pretendida ainda na fase de projeto pelos arquitetos e engenheiros. Contraditoriamente, sobre essas residências analisadas não foi possível realizar entrevistas com antigas ou atuais moradoras, entretanto, foi possível cotejar as características físicas com aspectos apontados nas falas das interlocutoras que vivem ou viveram em casas semelhantes.

A *Villa Santa Eulália*<sup>44</sup> teve seu projeto de construção protocolado no ano de 1925, foi elaborada pelo Eng. Civil Theóphilo Borges de Barros<sup>45</sup>, para servir de moradia para o Sr. Cel. Guilherme Echenique e tendo como engenheiros construtores Telini & Soares (ACERVOS SGCMU, 1925). A *Villa Laura*, de propriedade do Sr. Frederico C. Lang, teve seu projeto aprovado em setembro de 1925, e tem a autoria também de um Engenheiro Civil, Afonso Goetze Jr<sup>46</sup> (ACERVOS SGCMU, 1925). Já a *Villa Stella*, de propriedade do Sr. Delmar Maciel, neto da Baronesa de Três Serros (MONTONE, 2018), tem o projeto de construção aprovado no ano de 1929, elaborado pelos construtores Dias & Requião<sup>47</sup> (ACERVO

---

<sup>43</sup> A única exceção foram dois ambientes, localizados nos fundos do lote da *Villa Santa Eulália*. Devido às condições do documento, não foi possível identificar os nomes desses compartimentos. Para isso, nessa análise, tais comportamentos foram nomeados como “ambiente”.

<sup>44</sup> Fato curioso é que nas pranchas do projeto arquitetônico, não há nenhuma menção ou ilustração que remete ao nome inscrito no frontispício da edificação, diferentemente dos projetos da *Villa Laura* e *Villa Stella*.

<sup>45</sup> Segundo Weimer (2004), esse arquiteto formado em 1914, foi o diretor da secretaria de obras do estado, posição na qual, foi responsável pelo projeto de importantes obras em Porto Alegre. Na cidade de Pelotas, foi o autor do projeto do edifício do Grande Hotel.

<sup>46</sup> Segundo Weimer (2004), esse engenheiro civil, formado em 1915, teve uma ativa vida profissional em Pelotas, dentre os projetos executados por ele estão: o quartel do Nono Regimento (1924), o Entreposto de Leite (1934) e o Colégio Santa Margarida (1935).

<sup>47</sup> Segundo Schlee (1993), foi o responsável pela construção da Faculdade de Direito de Pelotas, projeto de José Severgnini (1926). Dias & Requião também teriam sido responsáveis pela construção do Cine Capitólio (1927).



SGCMU, 1929), e é implantado na mesma propriedade onde se encontra atualmente o Museu Municipal Parque da Baronesa - MMPB.



Figura 48 - Zoneamento da Villa Santa Eulália  
Fonte: autora, 2020

A classificação dos ambientes conforme as cores da legenda levaram em conta zona (de serviço, íntima ou social) de acordo com o posicionamento do cômodo na residência e o nome atribuído ao mesmo. Dessa forma, os ambientes que foram atribuídas a cor cinza, tratam-se de ambientes de circulação (corredor junto à zona de serviço), circulação vertical (escada) e os ambientes de terraço e varandas cobertas.

A observação da Villa Santa Eulália a partir da análise de seu projeto arquitetônico, zoneamento e acessos pode nos ajudar a interpretar quais eram as



intencionalidades dessa construção. É possível observar no pavimento térreo uma aglutinação dos ambientes sociais (representados em vermelho na figura). Sobre esses, é interessante destacar sua relevância na hierarquia de acessos, aberturas (portas e janelas ornamentadas e de grandes proporções) e sua localização próximas à rua. Dentre os ambientes sociais, ainda há a clara proposição de ambientes que sugerem servir a permanência feminina (música) e ambientes sugestivos de permanência masculina (escritório) (SCHETTINO, 2012). Os ambientes conhecidos como “gabinete” serviam nesse período como um ambiente de domínio masculino. Sua localização nessa tipologia é bem evidente, inseridos no setor social da casa, próximas à porta de entrada e muitas vezes com acesso independente.

Sobre o uso dos gabinetes e escritórios há relatos de seu uso pelas moradoras de outras residências que também possuem esses ambientes. A interlocutora M. Z. nos conta: “[...] e essa salinha aqui da frente que na época era o escritório do meu marido [...]”. Outra moradora nos relata também o uso desse ambiente quando a questiono “E onde que ficava a... [vitrola]?” “Aqui embaixo ali **no escritório nesse...** ali com a lareira sabe? A salinha preta. Alí que a gente ouvia música eu e **ele** [avô] ficava **o aparelho de som dele** e a gente ficava escutando”, interlocutora A. M.

A preocupação com a disposição dos ambientes sociais próximos à rua, e os ambientes de serviço ao fundo do lote, parece prevalecer nos projetos de construção encontrados. Acredita-se que essa seria a principal lógica de distribuição dos ambientes, visto que essa disposição é recorrente, independentemente da orientação solar.<sup>48</sup>

O setor destinado ao serviço (representado em amarelo nas figuras) aparece aglutinado e ao fundo do lote, em uma busca evidente pela distância dos setores e das pessoas que utilizavam os ambientes sociais, íntimos e de serviço. Segundo Rodrigues et. al. (2017), a separação desse espaço está fortemente vinculada ao momento pós-abolição e aos receios da sociedade em relação à higiene, conduta e

---

<sup>48</sup> Atualmente, se um/a arquiteto/a fosse propor um projeto residencial, possivelmente posicionaria os ambientes de permanência (principalmente quartos e ambientes sociais) voltados para a melhor orientação solar, no caso de Pelotas, a orientação norte e/ou nordeste; para os ambientes de menor tempo de permanência (ambientes de serviço, ou circulações) seriam voltadas para uma orientação solar que não fosse tão privilegiada em termos de conforto climático, geralmente, orientação sul. Essa lógica não parece ser adotada em algumas construções.

comportamento da classe trabalhadora, que era composta de muitas(os) empobrecidas(os) e ex-escravizadas(os). O setor de serviço tem a presença irrefutável da cozinha, essa aparece em todas as residências. Nas edificações aqui estudadas a cozinha é marcada por um elemento físico que é a chaminé do fogão à lenha, ela foi representada em todos os projetos encontrados até o momento.

Certa entrevistada aponta esse remanescente não mais utilizado na sua casa com convicção: “Ali saindo na rua ali [a partir da cozinha] é a chaminé do fogão a lenha que tinha [aponta uma saliência na parede externa à cozinha]. Olha ali, saia lá”, entrevistada I. Em outra entrevista, feita de maneira remota, o entrevistado não tinha certeza sobre alguns elementos físicos da casa, que encontrou fazendo alguns reparos. Em certo ponto da entrevista, foi mostrado para ele o projeto arquitetônico da casa, nesse momento ele relata:

“Tu sabe que eu tô vendo ali na cozinha um fogão a lenha. Na verdade quando eu fiz essa minha reforma aqui, ele tem uma saliência como se fosse uma pilastra aqui no fundo, e aí eu tive que mexer nela, quebrar, pra engastar essa viga da cobertura de madeira que eu construí aqui. E descobri um buraco assim, de tijolo, todo cheio de fuligem mesmo e aí eu certamente constatei que era um... que era uma chaminé. Só que eu nunca tinha visto nada, mas agora eu tô vendo ali o fogão a lenha desenhado né.”  
Entrevistado O. P.

Essa característica recorrente deixa a dúvida, se não existiam fogões a gás nesse período ou se eram ainda pouco acessíveis. Outra hipótese é que a persistência do fogão a lenha tenha vigorado por motivos culturais e pela vantagem do aquecimento dos ambientes, dadas as características climáticas de Pelotas, com inverno rigoroso. Não foram encontrados anúncios de fogões a gás nesse período nos Almanques de Pelotas.

Na *Villa* Santa Eulália, há claramente um cômodo determinado para a(s) trabalhadora(s) doméstica(s) da residência (ver fig. 48), também inserido no setor de serviço, denominado na maioria dos casos como “criada”. Nessa *villa* é possível observar inclusive uma entrada para a residência específica nesse setor (representada pelo acesso número 4).

A residência conta ainda com algumas edículas<sup>49</sup> de apoio à edificação principal, os quais ainda compõem essa zona de serviço. As edículas são

---

<sup>49</sup> “Construção complementar à edificação principal, sem comunicação interna com esta e de menor porte. Comumente é utilizada em residências unifamiliares como lavanderia, garagem e

recorrentes nessa tipologia arquitetônica, sobre a presença desse elemento em outra edificação, a interlocutora L. C. nos conta:

E lá naquele fundo tinha um galpão enorme, que acredita-se que as pessoas que construíram a casa parece que ali era a marcenaria, era o que contavam, que ali naquele galão grande era uma marcenaria [...] e do lado tinha uma garagem também [...]

Até o momento, a *Villa Santa Eulália* é o único projeto de edificação que apresenta cômodo denominado como “estábulo” conjuntamente com o cômodo denominado “garagem”, esse último mais recorrente nos casos estudados. Essa coexistência demonstra um período de transição dos veículos de tração animal para os veículos de tração a motor. A proximidade dos ambientes onde se guardam os veículos com os ambientes de serviço e das(os) trabalhadoras(es) domésticas(os) também é uma característica recorrente nos relatos.

Interlocutora A. M.: [...] e aí a Dada [trabalhadora doméstica] veio, ela trouxe a [Maria] que é a filha da Dada, Dada depois casou teve netos, mas mais filhos ela não teve. Aquela casinha lá onde tá a [minha filha] hoje na garagem, ali foi reformado pra Dada morar em primeiro lugar [...] A Dada nunca ocupou essa parte de cima. Na época da Dada tinha a escada por fora mas e a casa dela era toda em baixo tinha quarto, sala, banheiro, cozinha ali.

O andar superior dessas residências se caracteriza pela concentração de ambientes íntimos, com a sucessão de quartos, banheiros e, por vezes, *toilettes* para uso da família. Na *Villa Santa Eulália*, podemos observar que há dois cômodos nomeados de “*toilette*” para Schettino (2012) esse ambiente pode ser chamado também de “quarto de vestir” ou de “*boudoir*”, o qual se caracteriza como um ambiente feminino, destinada a(s) dona(s) da residência.

Uma característica que chama a atenção nesse espaço é a permanência da conexão entre os quartos, representada pelas portas que unem os ambientes no segundo pavimento da casa. Essa característica ainda remanescente de arquiteturas anteriores permite a reprodução do sistema de constante vigilância dos ambientes íntimos (ver fig. 49).

---

dependências de empregados ou hóspedes [...] Em antigas casas urbanas e em casas humildes no interior constitui muitas vezes o compartimento do W. C. [...]” (ALBERNAZ; LIMA, 1998a, p. 209)

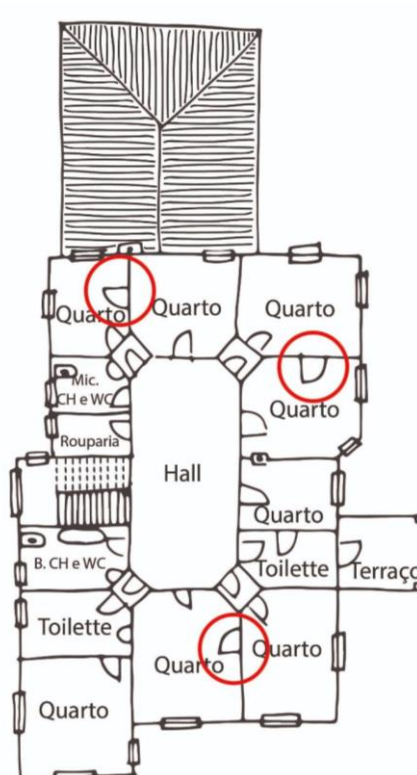


Figura 49 – Comunicação entre os quartos na *Villa Santa Eulália*.  
Fonte: autora, 2021

Já na *Villa Laura* (ver fig. 50) o número de cômodos que a edificação apresenta não é tão expressivo, entretanto, é possível observar que há reprodução das mesmas lógicas distributivas do espaço: o isolamento dos ambientes íntimos no segundo pavimento da edificação, e no andar térreo uma clara separação dos ambientes sociais e de serviço, evidenciados não só pela aglutinação dos cômodos, mas também por entradas independentes.

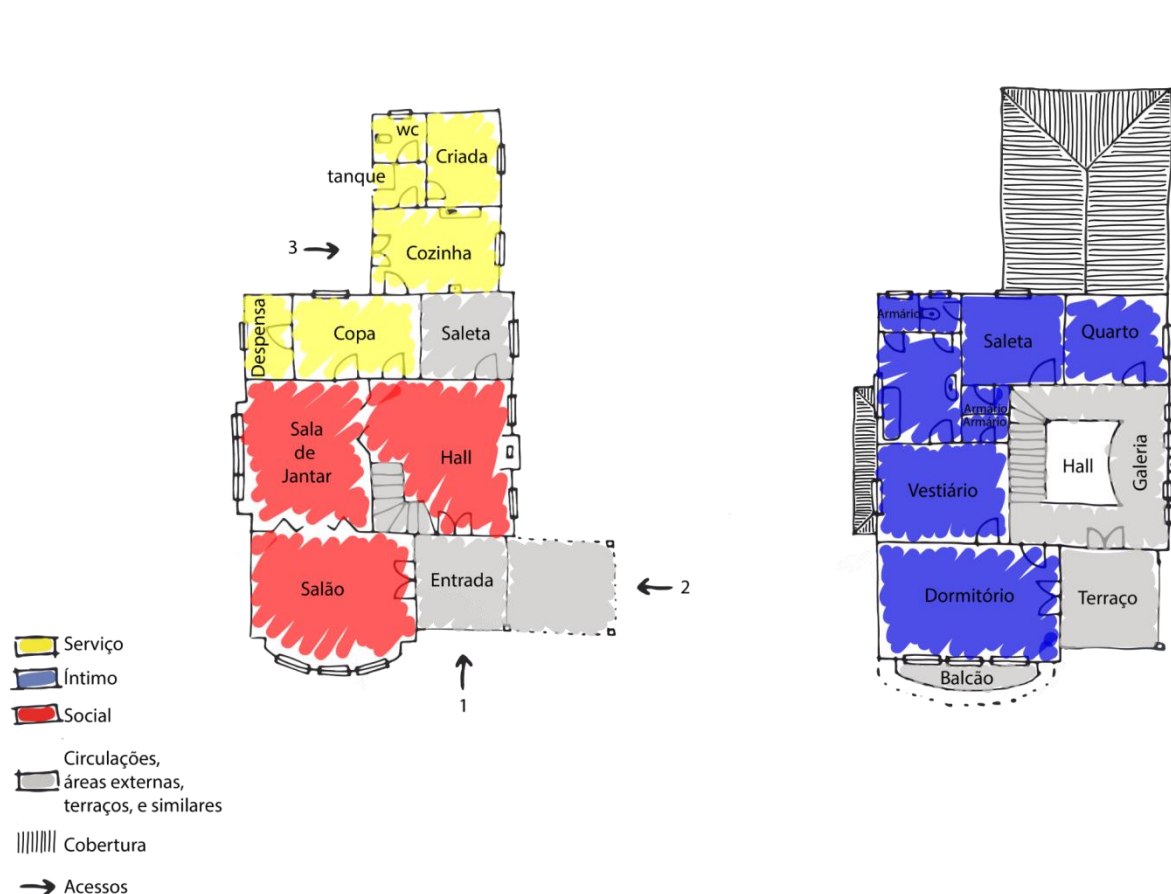


Figura 50 - Zoneamento da *Villa Laura*

Fonte: autora, 2020

Característica destacada na *Villa Laura*, e representativa dessa arquitetura é a presença de portas envidraçadas para compartimentar ou unir os ambientes sociais (ver fig. 50). Nesse caso, utilizadas entre os ambientes “Hall”, “Sala de Jantar” e “Salão”. Esquadrias envidraçadas também foram identificadas em outros exemplares, como na *Villa Stella* (ver fig. 51). Esse tipo de esquadrias também pode ser observado em outros exemplares. A presença desses elementos igualmente compõe a fala da interlocutora A. M.: “[...] ao mesmo tempo tu abre as portas todas e como agora eu tô com tudo aberto ela se transforma em um grande espaço um vão livre enorme. Ela se compartimenta, fecha, da individualidade tem entradas separadas [...]”



Figura 51 – Portas envidraçadas no interior da *Villa Stella*.  
Fonte: autora, 2020

As características físicas das casas, observadas através dos projetos arquitetônicos dizem muito sobre como se espera que o espaço seja habitado. No caso da tipologia aqui estudada, o que fica claro é uma proposta de separação entre os fluxos e ambientes da(s) trabalhadora(s) doméstica(s) e as(os) donas(os) das casas. Essa separação se dá através da aglutinação de certos ambientes e por vezes a criação de acessos independentes para os diferentes públicos.

A *Villa Stella* (ver fig. 53) segue o mesmo esquema de distribuição dos exemplos anteriores, o que chama a atenção é a ausência de um ambiente de quarto para a(s) trabalhadora(s) doméstica(s) da casa. Provavelmente, essa conformação se dá pelo fato de que os trabalhadores tinham suas habitações em outro local da propriedade. Outra característica marcante é a existência de um “quarto de crianças” localizado próximo aos ambientes da cozinha e da copa. A descoberta de um ambiente com essa denominação surpreendeu as pesquisadoras, visto que essa denominação não é muito recorrente nos projetos arquitetônicos estudados. O cômodo do quarto de crianças foi definido nesse estudo como

pertencente ao setor de serviço, pois em relatos de interlocutoras, as trabalhadoras domésticas eram muito presentes no dia a dia do cuidado com as crianças. Dessa forma, entende-se que pela sua definição e localização na residência, era o ambiente de permanência de uma babá.

No andar superior há quatro cômodos destinados aos quartos, sendo dois deles com comunicação através de uma porta. Uma característica comum das *villas*, mas bastante pronunciada na *Villa Stella* é a presença de armários embutidos (ver fig. 52) tanto nos ambientes de serviço como nos quartos. A entrevistada L. C. nos descreve como era o armário embutido na casa em que habitava, segundo ela:

[...] eu tinha um armário que eu digo que a gente literalmente entrava pra dentro dele. Que era mais ou menos em cima da escada, era o espaço em cima da escada né. Era um enorme de um armário. Ali devia ser o quarto do casal, enfim. O quarto principal. Os outros não tinham armários embutidos só esse mesmo.



Figura 52 – Armários embutidos na *Villa Stella*  
Fonte: autora, 2020

Em outros projetos, esse espaço destinado ao armazenamento das roupas pode dar lugar a um cômodo específico para tal. Isso acontece, por exemplo, na *Villa*



Santa Eulália, que incorpora um ambiente denominado “rouparia” (ver fig. 48). Esse demasiado cuidado e vultuoso trabalho com as rouparias reflete ainda práticas domésticas do período. Conforme Montone (2018), em período temporal próximo a desta pesquisa, os livros de despesa de Dona Sinhá registravam entre outros serviços e fornecedores: “**roupa lavada**, cozinheira, copeira, cocheiro, jardineiro, Clara (ama), Emília (**lavadeira**), D. Eulália (**costureira**), França (**lavadeira**), D. Ibrahina (**lavadeira**), Armazém Duas Mil Peneiras, açougueiro, leiteiro, padeiro e verdureiro” (MONTONE, 2018, p. 147, grifos da autora).

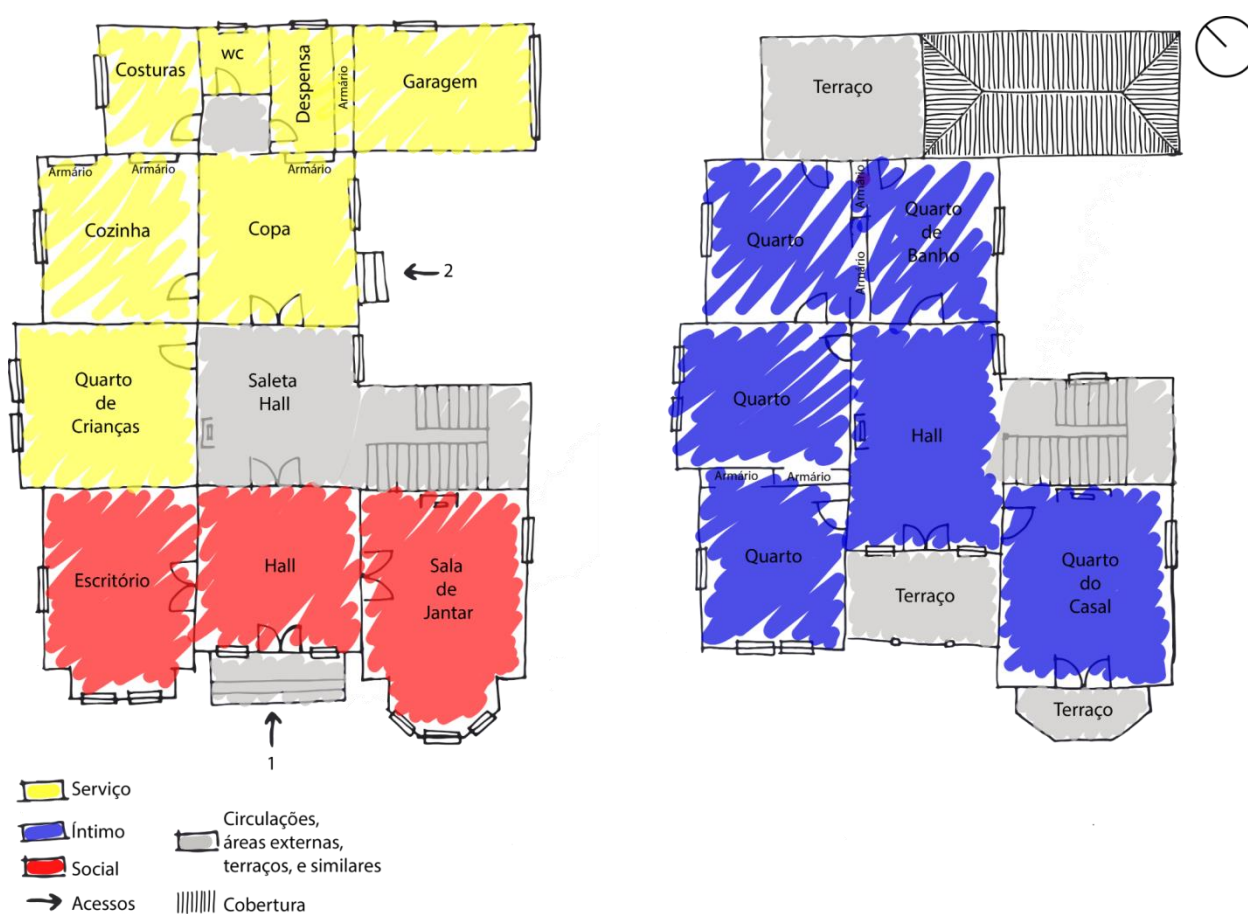


Figura 53 – Zoneamento da Villa Stella  
Fonte: autora, 2020

Apesar da busca em se constituir como uma arquitetura avançada, com inovações tecnológicas e arquitetônicas, as propostas de projeto das *villas* acabam por reproduzir muitas das lógicas habitacionais observadas nas tipologias tradicionais anteriores. A observação da setorização e organização funcional dessas casas nos levam a observar, dentro de uma mesma residência, ambientes



destinados à senhora e à empregada doméstica, a mulher adulta e à criança. Um mesmo objeto de estudo que materializa em si relações dicotômicas.

A análise dos projetos arquitetônicos possibilitou as interpretações das propostas arquitetônicas até aqui descritas. Entretanto, seria insuficiente para entender como aconteceu efetivamente a ocupação dessas residências. Dessa forma, buscando uma maior aproximação às(os) moradoras(es) se desenvolve o trecho a seguir, com base nos relatos das entrevistas realizadas.

## 5 Adentrando pela porta, relatos do habitar

Esse capítulo se propõe a explorar as principais impressões que as entrevistas trouxeram ao estudo. Até o momento foram feitas dez entrevistas, com doze pessoas (duas delas foram feitas em dupla). Das doze pessoas entrevistadas, dez habitam as casas estudadas. A maioria das pessoas entrevistadas foram mulheres, no total de nove. Por esse motivo irei me referir aqui a essas interlocutoras no plural, pois elas somam a maioria dos relatos que tive. A busca por interlocutoras femininas não foi fator obrigatório, mas sim preferencial, dado o caráter do trabalho. Essas conversas foram feitas em sua maioria de maneira remota, por motivos do distanciamento social impostos pela COVID-19.

Até o momento, não foi possível entrevistar qualquer morador(a) de alguma dessas residências que tenha vivenciado o espaço em sua configuração inicial. Visto que as residências estudadas foram construídas na década de 1920, e que os proprietários já deveriam ter certa idade quando o requisitaram, estaríamos falando de pessoas que possivelmente teriam mais de 100 anos atualmente, o que torna essa interlocução praticamente inviável. Entretanto, foi possível realizar entrevistas com moradoras/es que habitam ou habitaram esses lugares em intervalos de tempo e momentos diferentes de suas vidas, o que tornou o estudo rico pela pluralidade dos relatos. Conforme essa etapa do trabalho se desenvolveu, foi necessário recorrer novamente à bibliografia, para buscar compreender melhor o conteúdo dos relatos. Assim, as reflexões deste trabalho como um todo foram influenciadas nas falas e vivências destas pessoas.

O trabalho junto às pessoas é característico do fazer antropológico. Não procuro aqui ocupar um lugar ao qual não me pertence. Mas penso que a relevância do olhar desse campo do conhecimento em estudos com temáticas da arquitetura e do patrimônio tem se tornado cada vez mais presente. Essa prática tem se refletido em políticas do próprio Iphan sobre o assunto (IPHAN, 2018). Conforme os pensamentos de Oliveira (1996), o trabalho da(o) antropóloga(o) se firma no olhar, ouvir e escrever. Mas esses fazeres devem ser devidamente tematizados pelo exercício da reflexão epistemológica. Estes pressupostos guiaram nossas ações junto às(aos) interlocutoras(es). Pensando em preservar as identidades das(os) interlocutoras(es), utilizarei no texto apenas as iniciais de seus nomes. Um pequeno

resumo sobre cada entrevistada(o) se encontra nos apêndices do trabalho (ver apêndice B).

Um primeiro aspecto que foi recorrentemente nas entrevistas e que quero aqui ressaltar foi o sentimento de pertencimento ao lugar e os laços afetivos das interlocutoras com o espaço, estes elementos apareceram em todas as falas, principalmente para aquelas famílias que passaram mais tempo no lugar, a exemplo dessa narrativa:

Interlocutora A. M.: [Em 1942] Eles casaram, moraram em uma casa alugada até essa daqui ficar pronta, porque ele comprou fez reforma e aí, assim que minha mãe saiu do hospital a casa já estava pronta. A minha avó veio para cá com ela então a mãe nasceu em abril de 42, é mais ou menos por aí, é quando eles estão se mudando aqui para sua casa. **E aí aqui tudo né, nunca mais saímos dessa casa. Eu tô tentando sair e não tô conseguindo.** [...] Essa casa aqui ela tem uma personalidade própria, ela tem um carma próprio. Tu não decide por ela, ela que decide por ti. [...]

Em outros relatos, o tempo que as pessoas moram na casa não é tão grande, mas nem por isso a ligação com esse espaço não é especial:

Interlocutor E. : [quando eu trabalhava] no banco, a gente sempre morava em imóvel alugado, e a maioria era apartamento **e o nosso sonho era ter uma casa.** E essa casa aqui já estava abandonada já há uns 20 anos, estava abandonada mesmo [...]

Franciele: E que ano era isso mais ou menos?

Interlocutor E. : 1994 ou 95. [...] Aí compramos e fizemos um mutirão aqui, em 45... 50 dias e colocamos uns 30 profissionais aqui pra dentro, pra fazer tudo que precisava fazer.

As entrevistas transmitiram que as casas foram também cenários da vida cotidiana, de trapalhadas e de histórias que são reproduzidas entre os familiares. Sobre esse aspecto é representado no trecho abaixo:

Interlocutora M. Z. : [...] Aí cada ano era um papai noel, mas o papai noel mais sensacional foi a Laura, [interferência - barulho] a barriga caiu! Ela falando quando viu a barriga puf! Caiu. [risos]. Tudo era na brincadeira.

Conforme o andamento das entrevistas, as interlocutoras foram se abrindo aos poucos para me contar relatos mais íntimos. Muitas vezes esses relatos envolvem sentimentos tristes como, por exemplo, a perda de entes queridos.

Interlocutora A. M. : [...] E aí a vó nunca quis voltar pra essa casa porque ela disse que aqui as memórias eram muito pesadas pra memória dela já que

aqui era a casa deles mesmo. O que ela tinha pra lembrar da vida em comum, os filhos, as gravidezes, tudo era dentro dessa casa.

Nesse relato, a interlocutora A.M. me conta o quanto a casa se aliou a um sentimento de perda para a sua avó, tornando para ela um lugar de memórias difíceis, que simboliza a perda do marido, e por isso a opção dessa mulher em se afastar dessa casa. Já em outro relato, a interlocutora relaciona a casa com o lugar onde viveu o seu luto:

Interlocutora M. Z. : A minha filha quando morreu do acidente de automóvel foi em setembro, aí eu tava sentada **nessa salinha** com as gurias que moravam ali, da família T., e eu disse “eu tenho que fazer o natal aqui em casa, netos e tudo isso, **mas tá me doendo tanto não sei como que eu vou fazer, se eu pudesse tá escondida**”, [...]

A interação com os vizinhos aparece em alguns relatos de maneira tímida. Entretanto ao conversar com moradoras de um conjunto de residências edificadas na década de 1940 esse aspecto aparece com maior relevância:

“L. E.: O vizinho que tomou o remédio [parte de uma história anterior], até hoje nós nos damos e somos como irmãos, tá.  
C. E.: Ele não mora mais ali, mora em porto alegre, mas eles se visitam, são amigos da vida. [...]  
L. E.: Ali, todo mundo se dava.  
C. E.: Sabe que os vizinhos, que foram substituindo esses que foram indo embora, eles permaneceram com as mesmas relações.”

As casas das pessoas entrevistadas até o momento foram edificadas em sua maioria na década de 1920, sendo assim, já estão quase completando seus cem anos. Evidentemente que com tanto tempo, aparecem nas falas as dificuldades e os empecilhos das manutenções exigidas. Entretanto, essa dificuldade é superada, pois a afeição com esse lugar é mais forte:

Interlocutor E. : Mas essa é uma casa pra quem gosta de trabalhar né? Dá um trabalho manter ela! Eu é que faço toda a manutenção, pintura e tudo [...]  
Franciele: Mas se dá tanto trabalho por que vocês ainda ficam aqui?  
Interlocutor E. : Ah é que nós gostamos né, os filhos estão nos incomodando pra gente comprar uma casa em um condomínio. Ahh mas nós não vamos dar certo. É muita regra.

Ao conversar com a interlocutora M. Z., ela nos conta como a pandemia dificultou um processo de manutenção da sua casa. As esquadrias das janelas

superiores foram retiradas para manutenção, e devido ao isolamento social imposto, ficaram semanas prontas, sem poderem ser instaladas novamente. Já para o interlocutor O. P., ele encara a questão das manutenções e dos cupins de maneira mais leve, segundo ele: “A gente tem que escolher o que a gente quer que o cupim ataque primeiro, e vai lidando com isso”.

Para Miller, a casa é interpretada como um treco, “elas são o elefante dos trecos, imensas bestas pesadas, excessivamente difíceis de controlar” (MILLER, 2013, p. 121). A interpretação do autor sobre o tema envolve novamente a agência dessas sobre os seus habitantes. A agência das coisas, ou dos trecos, é a capacidade dos objetos exigirem certas ações de seus indivíduos. No caso das casas, a sua agência se manifesta na necessidade da troca de canos, na sua capacidade de atrair ou repelir os moradores de ambientes conforme o clima e/ou incidência solar, ou até mesmo na necessidade de podar as árvores do jardim.

Já para Ingold (2012) a casa pode ser entendida como “coisa”, no sentido de que pode ser interpretada como entidade atuante do meio, ela abriga e participa da vida dos seus habitantes, faz exigências de manutenção. Para o autor a casa é não só o abrigo de vidas humanas, mas dos morcegos que possam adentrar o local, das árvores que vivem no jardim, dos fungos que permeiam as fundações. Desse modo tal qual o interlocutor O. P. lida com os cupins em sua casa, para o autor “a casa real é uma reunião de vidas, e habitá-la é se juntar à reunião” (INGOLD, 2012, p. 30). Sobre a sua maneira de lidar com a casa, a interlocutora L. aponta:

Os canos quando furam, eu digo olha, muito bom quando fura um cano já se sabe. O instalador já conhece. Já vou ver quantos metros eu tenho que comprar de cano. Os canos tudo de chumbo, os canos de água aqui por baixo são tudo de chumbo. Então quando fura, então se troca. Porque pra cuidar de todos, tinha que se levantar o piso todo. Eu digo não, já to muito velha pra isso. Então quando fura, vai naquele lugar, tira o cano dali, bota um cano plástico, e pronto.

A casa, entendida aqui como coisa nas interpretações de Ingold (2012), não faz apenas exigências de manutenção, mas também participa da interação entre “casa - clima - pessoas”. A troca da função dos ambientes ao longo do tempo é muitas vezes justificada pelas sensações de frio e calor, sol e sombra. Sobre isso observamos:

Interlocutora L. C. : Dependendo, como ali no verão era quente a gente passava o quarto para o outro lado, às vezes fazia a sala ali e o quarto do

outro lado e às vezes isso invertia, foi as duas coisas. [...] Era uma casa que pegava sol o dia todo praticamente, de manhã batia sol no caso quando a gente tava com o quarto ali pro pátio, batia sol de manhã, super ventilada, super iluminada a casa sabe? Então era muito bom morar ali [...]

Já para outra interlocutora, a troca de função de determinado cômodo, além dos fatores climáticos, vem com a apropriação de um ambiente que antes era característico de dominância masculina:

Interlocutora M. Z. : A sala de jantar e essa salinha aqui da frente que na época era o escritório do meu marido e agora é minha sala íntima que eu tenho televisão e bate o sol de manhã e de tarde nela. É a sala que eu mais fico é aí. [...]

Miller (2013) contextualiza essa busca pela afirmação de locais de domínio individual dentro da casa. Ao passo que a mulher decora o dormitório com colchas floridas, ou que o homem reúne seus objetos de preferência em determinado cômodo da casa, ali se afirma um ambiente para chamar de “seu”. Tendo esse pensamento em vista, então podemos afirmar que existem ambientes femininos nas casas, bem como ambientes masculinos, ambientes das crianças, etc. Entretanto, o que necessita ser pontuado é que essas interações não necessariamente seguem as lógicas distributivas apontadas nos projetos arquitetônicos. As relações com essa coisa, a casa, são completamente fluídas, modificáveis e influenciáveis principalmente pelos ciclos de vida familiares, tema o qual será abordado mais à frente.

Para algumas das pessoas entrevistadas, que moram em período mais recente, a questão da escolha de morar nessa casa ou nesse local é uma questão que aparece nas entrevistas. Esse é o caso do casal de interlocutores I. e E., que tinham o sonho de morar em uma casa com pátio. Ou os motivos explanados pelo interlocutor O. P., que mora na edificação há sete anos, e elenca como um dos principais motivos a localização na cidade.

Franciele: E vocês optaram em morar numa casa antiga do que morar em uma casa mais contemporânea, isso também foi uma escolha?

Interlocutor O.P.: Ahh, na verdade uma escolha, mas mais associado ao tecido urbano assim que é uma coisa que a gente gosta. Eu cheguei a tentar morar no Laranjal na verdade [...] E aí [a gente] não se adaptou aquele padrão de vida que eu tinha naquela época, [...] E aí ao morar no centro da cidade certamente é morar assim mais associado ao tecido mais consolidado da cidade, mais perto do centro, não depender tanto de carro. E

o que tem é preexistência né, então... Aí quando eu descobri essa casinha aqui, que é assim um exemplar mais característico...

O depoimento do interlocutor O. P. contextualiza uma questão identificada na pesquisa. As *villas* em sua maioria foram edificadas nas então vias limítrofes do perímetro urbano da década de 1920 em Pelotas, ou seja, ruas Gonçalves Chaves, Almirante Barroso, Benjamin Constant, dentre outras. Fato é, que atualmente essas vias se encontram muito próximas ao centro da cidade, proporcionando uma valorização de seus lotes. Esse fato, aliado à característica dessas residências utilizarem de um grande lote de implantação, proporcionam cenário de grande especulação imobiliária em torno desses bens. De fato, já identificamos diversas construções que foram demolidas, em prol da utilização de seus lotes para um novo empreendimento multifamiliar (como veremos mais à frente).

Sem dúvidas os laços afetivos e as memórias que esse espaço desperta nas entrevistadas é algo marcante. A respeito disso, a interlocutora M. C. fala das lembranças de infância que viveu em uma casa que atualmente não existe mais:

Interlocutora M. C. : “O meu quarto era o mais legal, porque a minha mãe [...] **ela pintou flores pela parede toda**. Ela se formou em artes, e depois em arquitetura né, e aí ela pintou umas flores com uns espirais assim, e era linda a parede. E eu tinha muito brinquedo, boneca, mas do quarto **o que eu mais gostava era essa parede, era muito bonita**. [...] era uma casa assim que era maravilhosa pra uma criança morar. A gente tinha um armário embutido na sala, **e eu levava os meus amigos pra brincar dentro do armário** [...]”

Essa interlocutora cedeu seu acervo familiar de fotografias. As fotos foram instrumentos importantes, pois ajudaram-na a me contar sobre como era viver nessa casa. Através das fotos eu pude entender muito sobre a materialidade da casa, mas mais do que isso, pude entendê-la como um ambiente da vida cotidiana da família. Sobre o quarto com flores pintadas na parede, esse também apareceu nos registros (ver fig. 54).





Figura 54 – Quarto da interlocutora M. C.  
 Fonte: Acervo pessoal das interlocutoras L. C. e M. C., aprox. anos 2000

A narrativa quanto às pessoas que trabalham ou trabalharam nas casas dificilmente surge de maneira espontânea. Geralmente esse assunto somente vem à tona quando as questiono. Da mesma maneira, a recorrência dessas personagens está ligada com as dimensões das casas estudadas, quanto maior a propriedade, maior a necessidade de trabalhadoras(es) para manter o local. De forma que algumas entrevistadas relatam nunca terem contado com alguma trabalhadora doméstica para atender os afazeres da residência, já outras relatam a necessidade de mais de uma trabalhadora para tal.

Franciele: E a senhora tomava conta da casa sozinha?

Interlocutora I. : Casa, comida, sempre fui eu que fiz. Eu só tive empregada uma vez em Santa Maria. Porque eu saí daqui grávida, quando o estado me chamou, que eu fiz concurso, e ele tinha sido transferido pra Santa Maria. Ganhei o neném lá, e aí não tinha com quem deixar a criança. [...]

Apesar das fortes relações hierárquicas impostas pela natureza da relação de trabalho entre patroas(ões) e trabalhadoras domésticas, muitas vezes há o surgimento de um vínculo afetivo entre essas personagens (RODRIGUES; ALFONSO; RIETH, 2017). A exemplo disso, a entrevistada A. M. nos relata sobre as mulheres que trabalharam na casa:

Interlocutora A. M. : Foi quando a vó decidiu que não ia mais voltar pra essa casa depois da morte do vô foi que ela pediu pra Dada ficar aqui. Foi aí que

as duas, a vó e a Dadá nunca tinham se separado a vó e a Dada. Minha vó sempre me disse “melhor amiga é a Dada”. [...] a Dite chegou na nossa casa primeiro como faxineira e ela foi ficando, ficando e se tornou um personagem importantíssimo assim... Até por isso a Dite chega 2 anos antes da Dadá morrer, então esse espaço todo da Dadá acaba passando pra Dite e ela me adota porque eu tive essa ligação muito forte com a Dadá e tudo que eu fazia tava sempre monitorado por ela, quando a Dite chega eu criei esse vínculo com ela muito rápido aliás, [...]

Com Dite, a interlocutora também relata situações de aprendizado com as plantas e também com a religião:

Interlocutora A. M. : [...] Dite apareceu na família, ela fazia... Eu adorava sair com ela pra o meio do mato, ela me ensinava às ervas, ela me ensinava a colher, eu gostava de ir com ela nos atendimento porque quando ela ia na casa das pessoas pra benzer, porque sempre tava acontecendo alguma coisa... Porque imagina se hoje já não tem saúde pública, era um se vira nos trinta com a benzedeira local. A terreira era o posto de saúde que tinha, e eu adorava isso. Eu adorava ir com ela e aí foi ela que começou... A essa fase da adolescência quando a gente começa a dar aquela desvirtuada tu não é mais criança nem adulto e tu fica, e entra na aborrecência [sic]... E a Dite começou a dizer que era meus orixás se manifestando e aí ela que me cuidou, ela que me levou, eu meio que sou filha de [interrupção, não pude entender] desde dos 12 anos de idade por causa disso, porque ela me levou, ela me batizou, ela que me fez as guias, eu ia na terreira com ela, eu dançava na terreira com ela [...]

Talvez um dos fatos que mais marcou as entrevistas foi a constatação de que as pessoas que habitam o lugar mudam as funções, fazem reformas e modificações, aumentam e diminuem espaços, enfim, transgridem o normativo, projetado pelos engenheiros, arquitetos e construtores originalmente. Quanto maior a casa, mais suscetíveis essas mudanças são, entretanto, quando não há muito espaço para modificações, um relato inesperado aparece:

Interlocutor O. P. : [...] **Uma reforma que eu fiz no ano passado foi habitar o sótão.** O sótão lá ele era todo sem habitação, ele era inclusive conjugado entre as duas casas, era único. [...] Eu levantei uma parede separando os dois telhados digamos assim, aí, já que eu tava lá em cima eu botei um piso e um forro no sótão, e botei duas janelas dessas de telhado assim e comprei aquelas escadas americanas de subir pro sótão. Franciele: E o que que fica lá em cima? Interlocutor O. P. : Fica guardado os brinquedos do Raul [filho], um pouco do meu escritório, meus acervos de livro. Isso coincidiu quando a M. [filha] nasceu também, porque aí o terceiro quarto... A casa tem três quartos, eu já tinha um quarto que era meio que meu escritório assim, aí quando ela nasceu eu dei o acabamento lá em cima, subi o escritório, subi o acervo de livros, o R. [filho] tem uma cidade de Legos lá em cima. Franciele: Ahh que legal, virou tipo um escritório da família assim. Interlocutor O. P.: É, virou um lugarzão, porque é bem grande assim, é toda a área da casa né. Tem uns 70 ou 80 metros quadrados lá em cima.

A característica particular que permitiu a ocupação do sótão como mais um ambiente da casa de O. P. é observada nos desenhos do projeto arquitetônico da residência, com acentuada inclinação das águas do telhado (ver fig. 55).

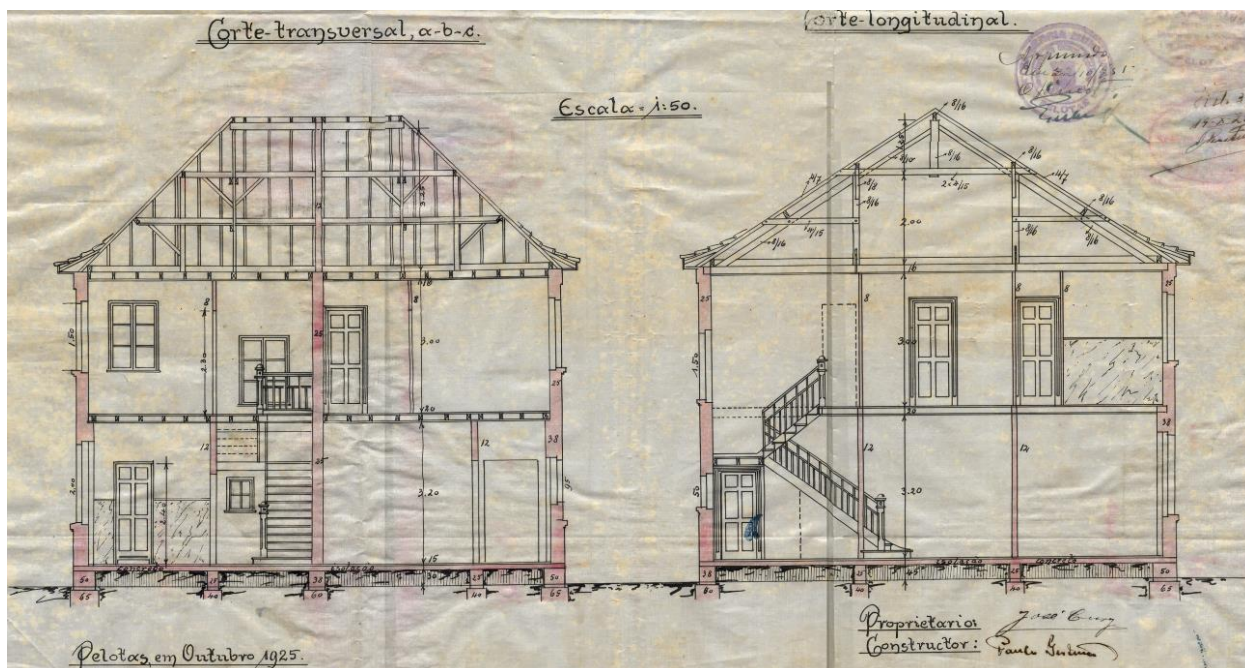


Figura 55 – Cortes do projeto arquitetônico de residência estudada.

Fonte: Acervos SCGMU, 1925

Além dos usos residenciais, algumas *villas* identificadas na pesquisa, acabaram por abrigar usos diferenciados de sua concepção original. A exemplo disso, a *Villa Santa Eulália*, por alguns anos abrigou a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel e atualmente abriga um hostel, a *Villa Stella*, atualmente abriga a Secretaria de Qualidade Ambiental da Prefeitura de Pelotas, a *Villa Laura* abrigou por certo tempo uma escola de idiomas e atualmente abriga novamente uma instituição escolar. Além disso, foram identificados nas dependências dessas residências restaurantes, consultórios médicos, consultórios veterinários, estúdios de pilates, escolas infantis, livrarias e clínicas médicas.

Entretanto, o Tulha<sup>50</sup> é provavelmente o caso que transgrediu mais fortemente o seu programa inicialmente proposto. A edificação que fora feita para fins residenciais, por mais de 15 anos serviu de moradia no seu andar superior e restaurante-bar na parte térrea. (ver fig. 56).

<sup>50</sup> Tulha foi um restaurante, e por vários anos funcionou em uma das residências aqui estudadas.



Figura 56 – Tulha, aprox. 2006  
Fonte: Acervo pessoal da interlocutora L. C.

Dentre os exemplares estudados nessa pesquisa, a peculiaridade dos usos dessa edificação, foi a condição que a fez romper mais bruscamente a esfera do privado. Para Damatta (1997), a casa como conhecemos, só faz sentido enquanto contrastante com os significados de seu exterior, sendo o maior de seu contraste o “público”. Para o autor essa coexistência antagônica é o que dá sentido de existência para esses termos, nos moldes que conhecemos. Nesse caso, o limiar entre o público e o privado foi tensionado, representado pelo elemento físico da escada<sup>51</sup> que dividia essas esferas.

A edificação que abrigou o Tulha, foi demolida, não sabemos precisar exatamente quando, mas através dos registros do *Google Street View*, podemos datar que foi entre os anos de 2011 e 2019. Apesar de não morar mais na residência desde 2004 a entrevistada tem ainda a casa muito presente em sua memória, tanto que se dispôs a fazer um croqui, ilustrando a disposição dos cômodos e ambientes (ver fig. 57 e 58). “Se tu quiser eu posso fazer um croqui da casa pra ti. [...] Eu consigo claro, porque a gente tinha muitas ideias de transformação, e de como colocar mesas, e de como colocar isso e aquilo, então isso está bem vivo na minha mente.”

---

<sup>51</sup> Em entrevista foi relatado que a escada era o elemento físico que separava o ambiente público (restaurante) do ambiente privado (espaço residencial).



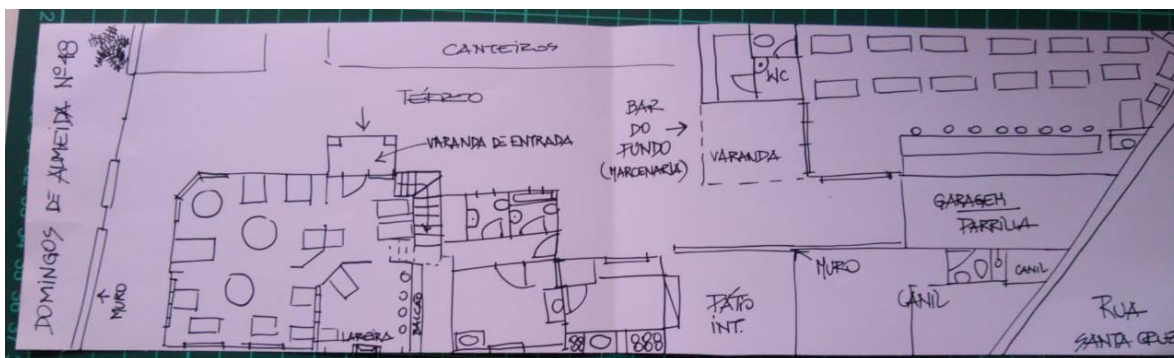


Figura 57 - Croqui Tulha, pav. térreo  
Fonte: Acervo pessoal da interlocutora L. C.

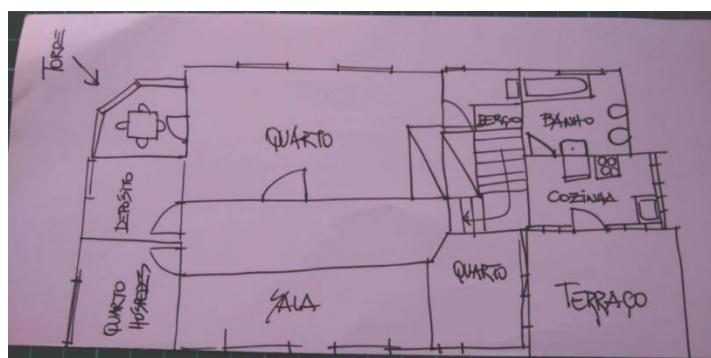


Figura 58 – Croqui Tulha, pav. superior.  
Fonte: Acervo pessoal da interlocutora L. C.

Fato marcante nesse relato, assim como em outras entrevistas também, é o vínculo das entrevistadas com o local. A casa é um ambiente apropriado por elas. É o local do nascimento dos filhos, dos fatos marcantes, das alegrias e tristezas.

Meses após a realização da entrevista, a interlocutora L. C. entrou em contato comigo através das redes sociais, para perguntar sobre o andamento da pesquisa. Nessa ocasião, após inteirá-la sobre o andamento do trabalho, aproveito para agradecê-la em ter partilhado seus relatos comigo, nesse momento ela me responde: “Imagina! Meus 33 anos em Pelotas têm muitas histórias... **Faz parte da minha vida feliz aí!**”. A partir desse e de outros relatos, interpreto a casa como parte da própria vida das interlocutoras, com forte caráter simbólico e afetivo.

### 5.1 Casa da A. M.

É evidente que depois das experiências das aproximações com as pessoas que habitaram as casas, o olhar para essa pesquisa se modificou. O significado que esses lugares expressam para as mulheres, e também suas famílias, que moram ou moraram ali tomaram o protagonismo. Depois dos relatos das moradoras, o olhar

para a casa tomou forma de uma teia de emaranhados e conexões (INGOLD, 2012). Pois, assim como o habitar faz a residência, a residência faz o habitar (MENESES, 2018).

Depois de realizadas as entrevistas, e com certa coleta de material sobre as casas, a pesquisa chegou a um momento em que várias frentes estavam abertas. Nesse momento, saltou aos olhos o maior aprofundamento em relação a um caso em particular. O caso e a casa da interlocutora A. M. era a que conseguimos reunir maior volume de informações. Sobre ela foi possível reunir materiais do projeto original da edificação, levantamento métrico arquitetônico atual, material historiográfico com fotografias antigas da família e de publicação em almanaque e havia o relato da moradora, em entrevista que durou quase três horas de muitas histórias. E este, um relato especial, pois foi um dos que abordou maior tempo de vivência na casa, já que a interlocutora relata não apenas as suas histórias, mas também as de seus antepassados nesse lugar. Por esse motivo, foi escolhido o caso dessa interlocutora para ser aprofundado neste trabalho. As interpretações, mudanças, e apropriação da casa podem ser observadas em todas as interlocutoras, mas escolhemos essa para exemplificar as possibilidades do trabalho.

A aproximação com a interlocutora A. M. foi feita ainda no meu estágio docente, durante o segundo semestre de 2019, na disciplina de Projeto de Arquitetura VI, disciplina obrigatória do currículo de Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Durante a disciplina, pude conhecê-la e sua casa, apesar de que neste momento não interagimos muito. Passado esse período, já com os rumos dessa pesquisa mais alinhados, ela se disponibilizou a conversar conosco e contar suas histórias, marcamos então, uma entrevista.

Lembro ainda na disciplina, de certa ocasião, em que acompanhávamos os alunos e alunas na etapa de levantamento fotográfico e levantamento métrico arquitetônico, e observávamos curiosas uma grande porta envidraçada, que dividia os ambientes de “Hall” e “Sala de Jantar”. Naquele momento, espontaneamente A. M. nos fala que a porta em questão era original da casa, que era fundamental para integrar ou compartimentar os cômodos, nos explicando sua função ela fala: “quando a gente faz show aqui, a gente abre tudo, e posiciona a banda aqui”. Lembro do choque que fiquei ao ouvir aquela fala... Shows? Na sala de casa? De fato houve, um deles inclusive está registrado nas redes sociais (NESCAFÉ/ MARIA AUGUSTA - APANHADOR SÓ “SALA DE ESTAR” - PELOTAS, 2016).

A. M. nos conta como sua família veio morar nessa casa, no princípio seus avós vieram morar nesse local, nesse momento, ela relata as questões que foram preponderantes para a escolha da casa:

Interlocutora A. M. : Foi por causa disso [jardim], **minha avó me contava que não foi a primeira escolha dela.** Quando eles foram ver casas pra vender, pra comprar né, as duas que eles gostaram foi essa aqui e uma outra que até a pouco tempo existia, ficava na Andrade Neves... Sabe o hospital Miguel Piltcher? Ficava uma quadra depois do hospital, ficava no meio da quadra mas como terreno muito grande num estilo alemão. Mas essa aqui tinha muito mais terreno e esse pátio independente atrás<sup>52</sup>, enorme. Meu avô tinha paixão por bicho, sempre teve. **Então nessa quebra de braço a minha avó acabou se convencendo que pra ter bicho em casa esse terreno aqui era mais bem organizado** do que aquele porque claro, aquela casa era no meio da quadra, era um jardim pela volta inteira do terreno, os bichos iam ficar aparecendo sempre no jardim.

A compra dessa casa no ano de 1942 está intimamente ligada com a ascensão econômica da família, que por sua vez é ligada com a atuação comercial do avô da entrevistada. Para ela, o casamento foi também um negócio, acerca disso ela relata:

Realmente ele era aquele cara... Que postura tinha aquele, que lábia ele tinha, ele tinha as manha. Aí ele casou com ela, ele colocou a mão na grana né mas [...] ele pegou aquela grana e fez dela um império, aí ele transforma o negócio dele de camelô numa loja, primeiro se chama o B. M. que a primeira porta que ele abre é na 15 de Novembro e depois... Por aí acho que a 1930, que é quando ele faz a primeira loja grande que é o M. G., esse também tenho foto da inauguração dele em 1930, acho, é chiquérrimo.<sup>53</sup>

Nesse sentido, apesar de não ter sido o personagem que mandou construir a casa, o avô de A. M. preenche a mesma posição social dos proprietários que mandaram edificar as *villas*, descritos por Schettino (2012), Géa (2000) e Schlee (1993), como personagens da burguesia ascendente das cidades.

A fala dessa interlocutora possibilitou o entendimento acerca as transformações familiares, nesses momentos a casa se transforma também, a fim de abrigar essas novas conformações. Nesse sentido, a casa vivencia juntamente com seus moradores as mudanças e transformações de vida. Nos anos 1960, a mãe de A. M. se casa, então a residência se transforma novamente, para abrigar novos moradores:

<sup>52</sup> Em outro momento, A. M. nos conta que fora adquirido juntamente com a compra da casa, um lote vazio vizinho à casa.

<sup>53</sup> Os nomes dos estabelecimentos foram suprimidos para preservar a exposição da interlocutora.



Interlocutora A. M. : [...] Depois quando minha mãe se casou com meu pai em 62, Eles casaram no início do ano e 62 e eu eu nasci no final desse mesmo ano. Quanto o casamento da minha mãe, o meu avô tinha assim, uma paixão pela minha mãe que era assim uma coisa indissolúvel **eu acho que ele não suportou a ideia de morar longe dela então o que ele fez,** isso aí eu já mostrei pra Manuela tem ali a planta original e a planta da reforma, tinha um terraço aqui que era no segundo andar, **ele construiu um apartamento no lugar que era o terraço e subiu o terraço um andar.** “

Esse relato expressa a estreita relação entre o avô e a mãe da entrevistada. Ele tinha outros filhos, que não continuaram morando ali, mas essa em especial ficou, e para isso ele alterou seu próprio ambiente residencial. A casa de A. M. teve seu levantamento métrico arquitetônico realizado pelos alunos da FAUrb/UFPel no ano de 2019, por ocasião da realização desse trabalho, podemos compreender melhor a alteração realizada (ver fig. 59).

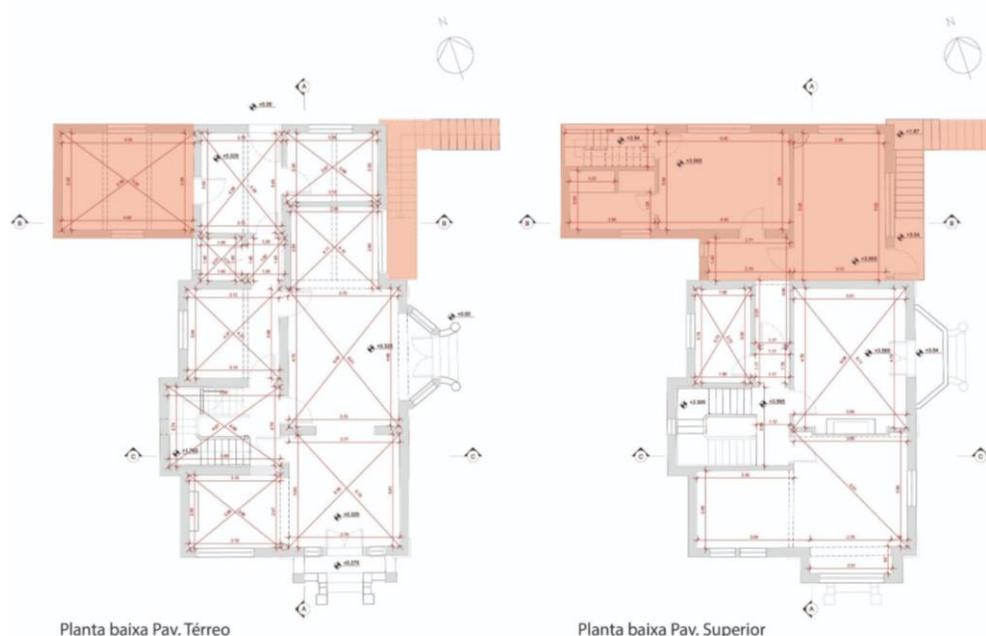


Figura 59 – Levantamento Métrico Arquitetônico realizado em edificação estudada. Em destaque, os acréscimos feitos à residência na década de 1960. Levantamento realizado na disciplina de Projeto de Arquitetura VI da FAUrb/UFPel.

Fonte: Acervo digital do NEAB, 2019.

As relações afetivas e as histórias da entrevistada com o avô também nos pareceram ser relevantes para a interlocutora. A respeito disso, ela nos conta:

Interlocutora A. M.: Olha o grau de loucura do meu avô, uma vez a gente foi ao circo eu e meu avô. Ele adorava o circo e minha mãe também era louca por um circo, fomos a um circo e aí tinha.... Tu pagava e podia tirar foto com filhote do tigre desse tamanhinho, um tigrinho. Meu avô comprou o tigre. Nós voltamos do circo com o tigre em casa, **nossa eu lembro do escândalo que ela fez até hoje! Ela fez nós voltar naquela mesma noite,**

o tigre não pode dormir uma noite comigo se quer, ela fez nós voltar na mesma hora pra devolver o tigre que nós tínhamos adquirido.[...]

Essa fala demonstra, mais uma vez, o poder aquisitivo do avô nesse período, a ponto de comprar um filhote que, a princípio, não estava à venda. No desenrolar da história, com a briga da avó, o que se evidencia era a autoridade imposta por essa mulher no ambiente doméstico, capaz de fazer reverter a compra, devolvendo o animal adquirido.

Os ambientes de preferência (ou permanência) masculinos e femininos se demonstram também na fala de A. M., como por exemplo, o lugar de ouvir discos com o avô:

Manuela: E teu avô também tava sempre em viagem assim? Quando vinha acompanhava tua vó?  
 A. M.: É, mas ele gostava, o vô não era muito de ver TV, ele gostava de ficar ouvindo disco, ele influenciou muito o meu gosto musical.  
 Manuela: E onde que ficava a...[vitrola]  
 A. M.: Aqui embaixo ali no escritório nesse... alí com a lareira sabe? A salinha preta. Alí que a gente ouvia música eu e ele, fica o aparelho de som dele e a gente ficava escutando. Escutava sempre opera até ele descobrir a Maria Bethânia e a gente ficar ouvindo tropicalismo [...]

O cômodo relatado por A. M., trata-se do ambiente descrito no projeto arquitetônico como “gabinete” (ver fig. 61). Ele é recorrentemente caracterizado como um cômodo próximo à entrada principal da casa e de uso preferencial do patriarca da casa. Para Schettino (2012, p. 70), os gabinetes e *fumoirs* eram locais reservados estritamente aos homens, de forma que a casa se dividia em setores destinados às mulheres e aos homens, além da divisão à ala das/os trabalhadoras/es domésticas/os.

Alguns ambientes parecem mudar o uso original, descrito nos projetos arquitetônicos anteriores. Entretanto, outros não se modificaram e continuam a abrigar as mesmas funções. A respeito dessa conformação A. M. nos conta como certo ambiente continua tendo as mesmas funções, mas para usuárias diferentes:

Interlocutora A.M. : Isso. Alí a lareira do quarto amarelo.  
 Franciele: Depois da reforma ali em cima virou uma segunda sala, então.  
 Interlocutora A.M.: Sim, esse quarto aí... isso era uma salinha íntima da vó. Que aliás, eu acabei de reverter novamente em minha salinha íntima [não entendi a fala] que agora é minha salinha íntima. [...]

Interlocutora A.M.: [...] Alí era meu ateliê... Não era quarto de costura porque eu não sou costureira, era meu ateliê de figurino. Figurino. O meu passo é figurino não é roupa, roupa é outra coisa, não pode usar cola quente pra fazer roupa.

Franciele: E tu falasse que um desses cômodos lá de cima era a sala íntima da tua avó?  
 Interlocutora A.M.: É essa daí que eu tô falando. Quando a Manu veio aqui era o meu atelier de figurino e agora eu retornei a sala íntima, agora minha sala íntima é ali.

Segundo Schettino (2012), os ambientes das mulheres das residências por ela estudadas, consistiam principalmente das salas de costura, de visitas e de jantar. Observamos aqui uma transformação na rotina das mulheres dessas casa ao longo do tempo, mas ainda associada às práticas do passado.

Esses dois trechos destacados tratam da “salinha íntima”, lugar de domínio feminino, em momentos diferentes da trajetória da família. Quando no tempo da avó, interpretamos que essa era uma casa cheia: avô, avó, pai, mãe, A. M., irmão e trabalhadora doméstica coabitavam o lugar, em uma conta rápida, pelo menos sete pessoas em um mesmo período. Olhando por essa ótica nos parece evidente que a avó de A. M. elegera um ambiente para seu “estar”. Já em outra temporalidade, A. M., agora muito mais solitária nessa casa, em que habitam apenas ela e a filha, reutiliza o mesmo ambiente, dessa vez como seu “ateliê de figurinos” como relatado em certo ponto da entrevista.

Na fala dessa interlocutora, a presença das trabalhadoras domésticas na sua vida tem fortes significados, em especial Dadá e Dite. Para ela, foi com as trabalhadoras dessa residência que ela aprendeu a cozinhar, a escolher e usar as ervas medicinais, e também se iniciou em sua religião.

Interlocutora A.M.:[...] Não porque quando meu avô comprou, ele comprou esse terreno do lado e aí a garagem passou a ser lá, ele já reformou a casa e fez a casa da Dada, **a Dada veio junto com a gente, junto com ele, muito antes de mim.** Mas aí quando ele comprou essa casa, comprou o terreno do lado e fez a casa da Dada tanto que isso é uma coisa que eu lembro bem, **a Dada não tinha salário, a Dada tinha a garagem pra explorar**, ela vivia do que... ela alugava, por exemplo essas casa todas aqui da época industrial que tem aqui na volta, é tudo casa da época industrial não tem garagem. Pode vê essas casinha tudo, não tem garagem então as pessoas precisavam de garagem. E aí a Dada preferia isso, ao invés dela receber um salário ela ficava com a garagem e ela explorava a garagem. **Ela tinha mil e uma atividades também, ela fazia quentinha pra fora...**

O envolvimento e a relação de trabalho por longos anos em uma mesma família é realidade comum das histórias de vida de trabalhadoras domésticas (RODRIGUES; ALFONSO; RIETH, 2017). A realidade do cotidiano laboral e exploratório dos anos 1950 e 1960 (que é o período que se estima que seja esse

relato) tem caráter muito mais exploratório do que no cenário atual. Nesse sentido, se observa os trechos destacados, que evidenciam essa dedicação de uma vida inteira dessa trabalhadora doméstica à família e, em um segundo lugar, a dubiedade da retribuição salarial dessa mulher.

Esse relato também demonstra o como essas personagens fazem parte da história de vida doméstica familiar. É relevante o tempo que essa trabalhadora esteve com a família. Através do relato de A. M., estimamos que possivelmente ela tenha trabalhado aproximadamente 30 anos na família<sup>54</sup>.

Na fala, a interlocutora A.M., também aborda o lugar onde morava Dadá. Trata-se de uma edícula à casa principal, edificada ainda em 1927, muito antes da família de A.M. ir morar ali. O projeto dessa pequena edificação anexa à casa, foi protocolado alguns meses depois da proposta de construção da residência, sob o título de “Garage e dependência do prédio do Snr Alcides Sampaio”, e previa em um único pavimento um ambiente para servir de garagem e outro ambiente, aberto e coberto com tanque (ACERVO SCGMU, 1927).

Brandão (2019), afirma que é possível estabelecer uma correlação entre as dependências e a senzala brasileira. A autora aborda, historicamente, as transformações desse espaço para as(os) trabalhadoras(es) domésticas(os) nas casas burguesas, desde o período colonial até o presente momento (BRANDÃO, 2019). Assim como em períodos anteriores, no início da do século XX, o ambiente destinado para a trabalhadora é junto, muito próximo (ou reutilizado como nesse caso) ao ambiente destinado aos veículos (antes de tração animal, agora de tração a motor).

Atualmente, o espaço que serviu de casa para a Dadá (uma edícula da casa principal) serve de moradia para a filha da interlocutora. Muito possivelmente pelas características de privacidade, possibilidade de isolamento, e também (porque não) financeiras. A disposição desse anexo, nos fundos do lote de esquina, propicia acessos independentes através de ruas distintas. Dessa maneira vemos como alguns espaços dessa propriedade vão se resignificando ao longo do tempo.

---

<sup>54</sup> A. M. nos conta que seus avós se mudaram para a casa no ano de nascimento de sua mãe, em 1942, já com Dadá. Em outro trecho do relato ela fala que era uma criança muito apegada à essa personagem. A. M. nasceu em 1962, dessa maneira interpretamos que Dadá deve ter permanecido com a família por aproximadamente 30 anos, ou mais.

As mulheres importantes à família e importantes para A. M., se confundem com as mulheres que viveram nesta casa e estão muito presentes no relato da entrevistada. É curiosa a maneira como a interlocutora fala de sua mãe, sobre essa questão destacamos o trecho abaixo:

Esse talento que ela tinha para os esportes que fez minha mãe escolher meu pai. Porque foi ela que escolheu. Minha mãe é ariana, ela decidia e depois que ela decidia o teu querer importava muito pouco pra ela. Tu ia concordar com ela no final, ela tinha esse talento essa persistência, se ela não te vencesse na razão, ela te vencia no cansaço. Esporte ela praticou todos assim, até futebol que era vetado para as mulheres do tempo dela, [...] Ah ela foi rádio atriz também. Adorava um microfone, tinha paixão por um microfone. E eu acho que na tentativa de que ela se afeiçoasse a esportes mais nobres meu avô botava ela a fazer tudo que é esporte que aparecia e aí tinha o Campestre né, aí ela começou a participar do campestre pra jogar golfe, como todo esporte que ela fez, ela fazia bem feito, mas não gostava muito daquilo, e foi lá no campestre que ela conheceu o meu pai, esse sim era um grande jogador.

Contrariando os aspectos impelidos às figuras femininas do século XX, descritos nos capítulos anteriores, as características atribuídas a essa personagem, possibilitam a compreensão de que essa foi uma mulher que em sua formação e trajetória, pode pouco se preocupar com as lidas domésticas. Essa interpretação é reafirmada com as características já ressaltadas de apogeu econômico da família e são confirmadas pela própria interlocutora no decorrer da entrevista. A visão feminina não ortodoxa também é da entrevistada para ela própria, nesse contexto ela nos conta sobre o seu divórcio:

Interlocutora A.M.: Eu sou o primeiro divórcio da família. Eu ouvi assim um milhão de vezes assim... “olha só o que tu fez!”, porque eu fui a pessoa, eu sou o primeiro, depois de mim minhas primas se divorciaram. Até então ninguém tinha tido coragem, ninguém tinha tido coragem de enfrentar a família inteira e dizer deu acabou, não quero mais brincar disso.  
 Franciele: Que ano tu te divorciou?  
 Interlocutora A.M.: Ah foi já em 97 eu acho.

Um marco importante na entrevista foi o relato da perda de seu avô. Nesse sentido a interlocutora relaciona a perda precoce deste familiar com o destino dos negócios da família, simbolizando uma das possíveis razões para o declínio financeiro.

Interlocutora A.M.: Portanto, se o vô não tivesse morrido, tivesse continuado, talvez os negócios tivessem sido diferentes. [...] infelizmente, em 70 ele morreu. Muito jovem, hoje eu me dou conta do quanto ele era

jovem com 52 anos, todo esse legado, a loja e toda essa modernidade que ele inventou na cidade ele fez isso antes dos 50 anos de idade, porque com 50 ele adoeceu e com 52 ele faleceu. [...]

Cronologicamente, o falecimento do avô é o primeiro dos familiares próximos relatados na entrevista. Após esse, a interlocutora relata com muito sentimento a perda também da avó, da mãe, e por último de seu pai. Essa casa que abrigou tantas pessoas por tanto tempo, atualmente é habitada por apenas duas, a interlocutora e a sua filha. Hoje a A. M. fala muito em sair da casa, e nas tentativas sem sucesso de vendê-la. Essa busca em vender a propriedade também é materializada em cartazes de venda, fixados na propriedade (ver fig.60).



Figura 60 - Registro fotográfico da residência.  
Foto: Autora, 2021

Esses foram alguns dos trechos que mais se destacaram da entrevista com essa interlocutora. Com inspiração nesses trechos foi feito o exercício de colagem, a partir de fotografias da família e imagens fictícias (ver fig. 61). Esse exercício busca trabalhar as interpretações sobre o local a partir das histórias e vivências que A. M. relatou.



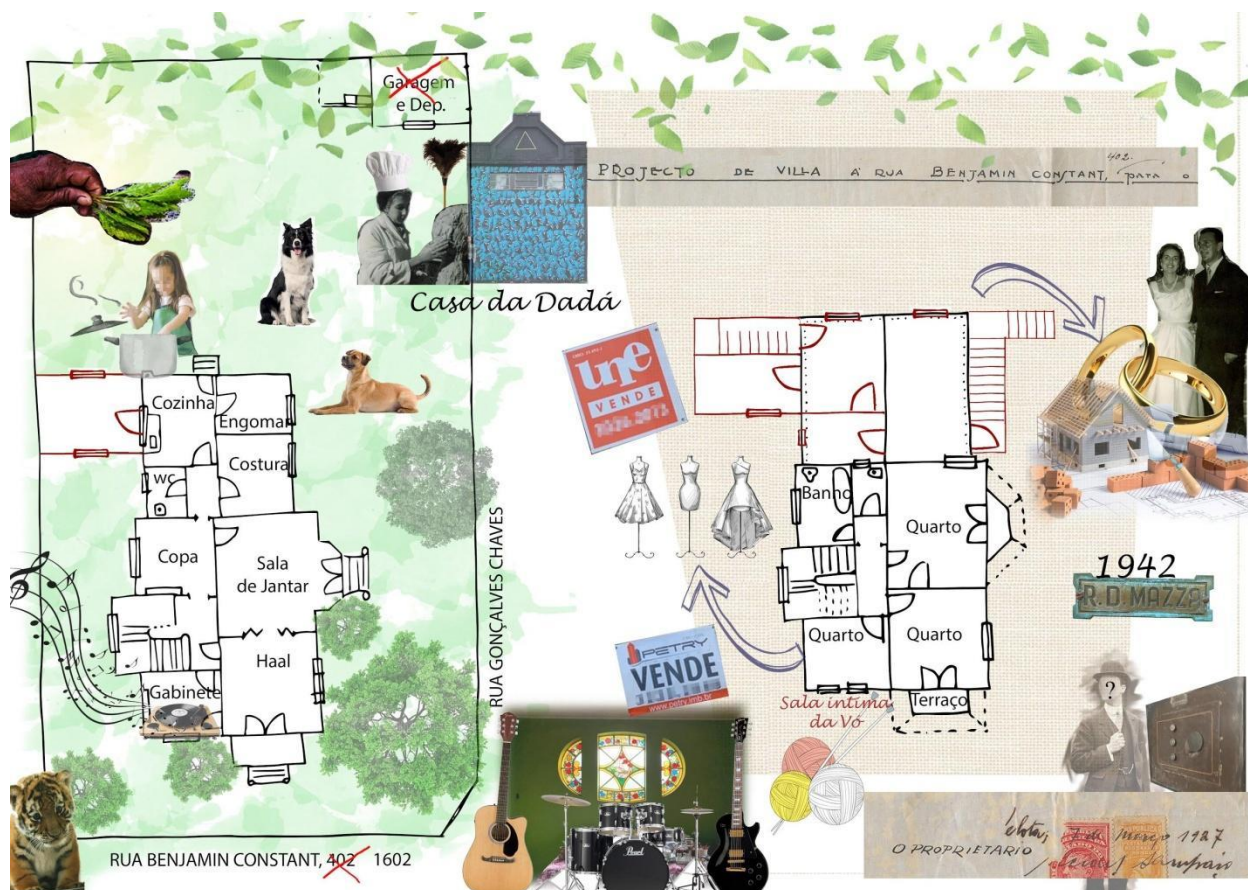


Figura 61 - Colagem, casa de A. M.  
Fonte: autora, 2020

A colagem iniciou com o croqui da planta baixa da casa, semelhante aos realizados no capítulo anterior. As linhas pretas representam aqueles elementos representados na planta baixa original. As linhas vermelhas representam os elementos que surgiram depois, como por exemplo, a escada externa e a construção do que a entrevistada chama de “apartamento”, ambientes construídos para seu pai e sua mãe, logo após o casamento, na década de 1960.

As manchas verdes, as imagens de árvores e as folhas no topo do desenho representam essa vegetação característica e predominante do jardim que atualmente toma conta da casa. O mesmo jardim que foi a razão pela escolha dessa casa por parte da avó de A.M., hoje é marca característica da casa.

Ao mesmo tempo, no topo esquerdo da prancha, represento a mão de uma mulher preta que tempera a comida e benze uma criança. Reflexo dos relatos das trabalhadoras domésticas, que cuidavam de A. M., Dite e Dadá, que cuidavam dela, a ensinaram a cozinhar e a benziam.

A Dada tinha sido a babá dela [da mãe] criou ela então ela continuou aqui, continuou criando ela, me criou, **por isso eu sei cozinhar**, por isso **eu fui criada na cozinha**. Teve milhões de tentativas de haver uma babá para mim mas eu era rebelde eu não aceitava o trato de mais ninguém eu queria ficar com a Dada. Eu lembro direitinho, eu era pequenininha, mas eu me lembro, fizeram uma encerra com chiqueirinho assim o vô mandou fazer para mim no canto da cozinha que era onde eu ficava. Depois já no cadeirão sentada a Dada me dava faca na mão, eu era um bebê e eu já tinha faca na mão, a eai essa foto, vocês conseguem ver? [A.M. nos mostra através da videochamada uma foto sua, criança, na pia da cozinha]

Esse relato de A. M. corrobora com o fato já explicitado por Rodrigues et. al. (2017) sobre a acumulação de funções das trabalhadoras domésticas. De modo que uma trabalhadora ao longo de sua jornada possivelmente terá atribuições nem sempre anteriormente acordadas com seus/suas patrões/patroas. Essa situação também respalda a interpretação do projeto arquitetônico da *villa* Stella, explicitado no capítulo anterior, em que identificamos um cômodo denominado “quarto de crianças” inserido na zona de serviço da residência, próximo à cozinha, copa, e quarto de costuras.

Ainda sobre as trabalhadoras domésticas de sua infância A. M. nos conta:

**eu lembro direitinho da primeira vez que eu a vi**, porque foi quando ela foi trabalhar de faxineira lá na São João e eu tinha um cobreiro na perna sabe, [...] É cobreiro é na pele e vai se alastrando e parece que quanto mais remédio tu bota, merthiolate essas coisas assim vai piorando, mais então tava um horror eu tava com uma perna tomada de cobreiro e ninguém sabia o que fazer com aquilo. E era uma merda porque era verão e eu queria tomar banho de arroio e eu queria brincar com as outras crianças e eu tava no meu quarto na minha cama porque minha perna tava cheia de ferida e aí ela... A janela do meu quarto tava aberta pra rua ela olhou pro meu quarto e me viu lendo e disse “isso que tu tem aí é cobreiro, isso não cura. **Tu deixa eu ir aí e te benzer?**” e eu disse “Claro!” e aí começa minha história com a Dite que ela realmente curou o cobreiro, no dia seguinte eu já acordei com a perna sequinha, só a casca [interferência, transcrição interrompida] Aí **a gente criou um vínculo muito forte** [...]

No topo do desenho, faço um “x” no nome do cômodo indicado no projeto: “garagem e dependência”. Pois essa edícula, com o tempo, transformou-se na Casa da Dadá, e ainda, no ateliê de escultura da mãe de A. M. Esta é representada esculpindo uma peça, mas com apetrechos de dona de casa, chapéu de cozinheira e espanador, reflexo das histórias de suas experiências entre ser artista e dona de casa. A imagem da pequena fachada em azul é registro da fachada atual dessa pequena edícula, que recebeu grafites de artistas locais.



Interlocutora A.M.: [...] A vida toda como se ela tivesse medo do talento dela. Então a produção dela é pequena por isso porque ela montava atelier se enfurnava lá dentro saia uma coleção maravilhosa aquilo começava a circular e aí ela meio que pirava, não sabia lidar com isso, chegava em uma exaustão psíquica que ela desmontava ateliê, desmontava tudo. **Resolvia virar dona de casa, coisa que ela não tinha um pingão de talento, minha vida virava um inferno porque como dona de casa ela era uma boa escultura.** Aí ela começava a cuidar da vida da gente, se meter em tudo, coitada”.

Os cachorros no pátio representam os cachorros de hoje e de tempos passados. O vira-lata caramelo é parecido com um que vive lá atualmente. O outro cachorro representa um trecho das histórias de A. M., quando me conta que seu avô tinha fascinação pela criação de cachorros da raça *Border Collie*, os quais criava nesse mesmo pátio.

O meu avô criava cachorro assim, criava, tinha canil mesmo registrado, ia atender o clube, ia nas exposições e meu avô era muito organizado, um libiano que devia ter ascendente em virgem. Porque era muito, muito bonito, muito bem cuidado, acabamento dele era impecável e aí essa parte de trás todas eram os canil, ele criava Collie. Ele que trouxe a raça pra cá, ele que foi lá buscar as matrizes porque ele tinha paixão por collie. [...] Tem milhões de fotos. Dos Collies, dos cachorros, isso aí tem milhões de fotos. Aí vou começar a mexer agora, aparece foto de cachorro por todo lado.

A vitrola e as notas musicais que saem do gabinete são a representação desse momento da entrevistada com seu avô. Quando ali ouvia discos da tropicália com ele. Nesse sentido, segundo as interpretações de Ingold (2012), os sons podem fazer parte da teia que conecta coisas e pessoas. Os sons estavam presentes naquele passado com o avô, e estão presentes atualmente, através do gosto pela música, cultivado ali.

E foi nesse dia que este amor que eu herdei dele. Começou com aquele disco na mão, era um compacto que tinha “É de manhã” do lado e “Carcará” do outro e cara. Eu lembro até hoje dele me contando, daquela criatura fantástica, daquela menina única, ele descrevendo Maria Bethânia pra mim e botando o disquinho pra mim ouvir, aquela voz tão única, aquela voz tão maravilhosa, e eu ouvia Carcará e eu amava aquilo e eu ficava ouvindo, o disco terminava e eu botava de novo e eu me apaixonei pela guria. [...] o vô não era muito de ver tevê, ele gostava de ficar ouvindo disco, ele influenciou muito o meu gosto musical.

No lado direito da prancha, o fundo da colagem é representado em uma textura miúda de uma trama de linho. Essa busca representar a surpresa de alguns pesquisadores do NEAB ao admirarem a planta baixa original da casa, grafiada em papel de linho. Em seguida, busco representar as reformas dos anos 1960, que

acontecem em razão do matrimônio da mãe da interlocutora. Esses cômodos foram edificadas para a mãe e o pai de A. M. morarem logo após o casamento, e foram apelidados pela família como “apartamento”. Sobre a materialidade desses ambientes, a entrevistada relata:

É outro material de construção, outra estética. O apartamento é bem anos 60 sabe, o pé direito é mais baixo, é laje, a iluminação tem calha, é outra estética ali. Aí o pai e a mãe ficaram morando neste apartamento que ele construiu dentro de casa, tem uma privacidade, tem uma porta no corredor que a gente separa e fecha.

Represento ainda as linhas de costura e tricô da vó de A. M., nesse lugar que ela relata ser o ambiente de sua maior permanência. Possivelmente a ligação de A. M. com a avó tenha inspirado sua prática com os figurinos. Atualmente, esse mesmo cômodo abriga os manequins de figurino de A. M.

É que a mãe nunca foi uma pessoa de ficar sentada em sala, a sala sempre foi da minha vó, a vó fazia um tricô, a vó bordada, eu sempre fui muito apegada nela até por isso. [...] A coisa mais caseira era minha avó mesmo e eu sempre fui muito caseira e muito agarrada com a minha avó até porque pra mim a minha mãe é a minha vó.

A parede verde com vitral é uma fotografia feita dentro da residência. Essa visual é complementada com imagens de instrumentos musicais, lembrando-me do relato da interlocutora, que me impactou tanto, sobre quando ela faz shows na sala de casa.

No canto inferior direito, coloco um trecho da planta original, com o nome do proprietário que mandou construir essa residência. Senhor Alcides Sampaio, desse não obtivemos muitas informações. Segundo relatos, teria sido um bancário. Por esse motivo a essa figura, que pouco sabemos, atribuímos a figura do cofre, imagem também original à residência.

A entrada de cartas da residência, que na porta de entrada ainda reserva as iniciais do querido avô de A. M. Figura que apesar de não estar presente fisicamente, aparece constantemente nos relatos da entrevistada, com quem fala com admiração:

Daí pra frente começa a ser uma das famílias se não a mais rica, a mais popular da cidade, porque além de ter grana ainda vivia na vitrine né. Criou a [interferência na gravação] Meu avô tinha *Instagram* muito antes de pensar que internet ia existir. Ele já era um *influencer*.

Por fim, os anúncios de venda da residência, que demonstram essa vontade da entrevistada em desvencilhar-se dessa casa: “O meu plano agora era vender a casa e levar uma vida bem quietinha numa casinha pequenina lá no laranjal, vida de bruxa velha assim, mas tá difícil”.

## **5.2 Algumas considerações sobre os relatos do habitar**

Os relatos das interlocutoras estão intimamente ligados com suas trajetórias de vida e ciclos familiares. Através e por entre essas histórias da vida familiar que compreendo suas diversas formas de habitar essas casas. Para Velho, (1981) as trajetórias de vida se alteram em momentos em que o indivíduo se vê diante de encruzilhadas ou grandes mudanças: no momento da perda de um ente querido, ou na chegada de um novo, na separação de um matrimônio, ou na partilha da herança da família.

Nesses momentos há a resignificação dos espaços da casa. Destaca-se, então, o relato de O. P., em que a chegada de mais uma filha o faz buscar outra alternativa de ocupar o espaço da sua casa, nesse momento a criatividade se manifesta e ele passa a ocupar o sótão da casa, antes em desuso.

Também aparece no relato de M. Z., quando ela relata os dois principais momentos de um cômodo em sua casa. Originalmente escritório do seu marido, e atualmente, após a sua morte, a sala íntima da matriarca da família. As transformações das casas a partir das mudanças de trajetória de vida parecem ser ainda mais intensas nas falas de C. E. e L. E., a casa que está abrigando a quarta geração da família, desde 1940, também têm transformações.

Interlocutora C. E.: Não era da casa, isso foi a vó e o vô quem construíram alguns anos depois. Era um escritório.

Interlocutora L. E.: Como todos cresceram, e todo mundo levava os amigos pra estudar, então a casa se tornou pequena. Então tinha aquele assim, quem chegou primeiro tinha direito ao escritório, os outros tinham que se localizar em outra parte.

A entrevista da interlocutora L, idosa que agora mora sozinha em sua casa, apresenta cenário solitário. A saída dos filhos, e depois dos netos, do ninho familiar representado pela figura da edificação, acabou por deixar a matriarca da família sozinha em sua residência. Situação correlata acontece atualmente com a entrevistada M. Z. Nessas duas últimas entrevistas nota-se o aspecto da solidão na

casa, agravada ou intensificada pela pandemia de coronavírus. Em tempos anteriores, ambas as entrevistadas relataram que sua casa acaba por tornar-se um ponto de encontro da família. Destacamos, para exemplificar, o trecho da conversa com a interlocutora L.:

“Ahh sim, inclusive eu não sei se estavam me visitando ou se era que tinham que fazer tempo pra ir pra outro lugar. Eu não sabia se era visita de netinho pra vovó, ou pra fazer tempo. [risos] Porque todo mundo mora longe do centro né e aqui é perto do centro.”

Nesse sentido, as avós ocupam uma função fundamental na constituição familiar. Sua experiência e sua idade impõe papel de respeito aos demais indivíduos do grupo familiar (BARROS, 1987). E algumas falas exemplificam esse aspecto, como por exemplo, nas falas das interlocutoras M. Z. e L. Ambas possuem vários netos e bisnetos, possuem uma residência relativamente grande e atualmente moram sozinhas ali, com a exceção de trabalhadoras domésticas que as auxiliam nos afazeres da casa. A casa dessas matriarcas ocupa papel importante na relação simbólica de afeto da família, suas casas se tornam uma espécie de símbolo de união de sua família.

Outra questão evidente nos relatos das moradoras dessas residências são as relações de prestígio, ascensão social e descenso social. Para Velho (1981) as noções de prestígio e ascensão social estão associadas às diferentes formas de viver e lidar com a individualidade na sociedade. Dessa forma fazendo parte de um processo mais amplo e complexo, da construção social da identidade. Nesse sentido as entrevistas realizadas exemplificaram repetidas vezes esses processos de ascensão e descenso social. Sobre essa ótica se observa a ascensão da família de A. M., na qual a mesma afirma que seu avô com dinheiro da família da mãe fez um império. Nesse sentido, a trajetória familiar de ascensão é intimamente ligada com os relatos de autoidentificação da interlocutora.

Esse descenso social, por vezes também representado no declínio financeiro das famílias, reflete na permanência ou não desses bens na família. Bem como nos aspectos de manutenção desses bens. Como relatado anteriormente, essas casas, que atualmente já tem quase 100 anos, exigem constantemente manutenções, o que onera a vivência de seus moradores. Alia-se a esse fato, a ausência de medidas de proteção a esses bens e a forte especulação imobiliária que vem sofrendo, dadas as

suas localizações, próximas ao centro da cidade. Com isso, as *villas* podem ser interpretadas como bens com frágil existência na cidade.

As relações de descenso social também permeiam fortemente as falas das interlocutoras. Nesse sentido, a fim do casamento da interlocutora L. C., acarreta na instabilidade do restaurante que tinha com o esposo. Nesse caso, a residência alugada abrigava a moradia do casal no andar superior e um restaurante no andar térreo. A interlocutora relata que sua saída dessa casa foi impulsionada pela separação do casal:

[...] Aí no início de 88. Depois a gente se mudou pra lá. [...] Eu me separei em 2004, que eu me mudei pra um apartamento, eu saí de lá, mas ele [ex-marido] ainda permaneceu uns anos mais, mais 5 ou 6 anos dentro daquela casa.

Após isso, o restaurante persistiu por alguns anos. O fim do restaurante culmina na entrega do imóvel, que após algum tempo desocupado foi demolido pelos proprietários.

Assim como o fim de um casamento pode trazer mudanças significativas para as trajetórias aqui estudadas, a constituição de um casamento pode também trazer mudanças, como observadas nos relatos. A constituição matrimonial reflete no início da construção da sua própria família independente do núcleo familiar original (VELHO, 1981). Essa passagem representa também a aquisição da sua autonomia em relação à família. Nas entrevistas coletadas a constituição da família através do matrimônio reflete ou não na saída dos indivíduos da residência original, que representa o núcleo familiar original.

No caso de A. M., quando relata o casamento de sua mãe, essa situação reflete na sua permanência na casa de origem dos avós, causando a necessidade de reformas na edificação original para abrigar os novos habitantes.

No caso das entrevistas da interlocutora L. a mudança para o chamado bangalô também parece representar essa autonomia da família de seus pais em relação ao núcleo familiar de seu avô. Entretanto, quando a própria L. casa, continua a morar na residência, causando novamente reformas para abrigar essa nova constituição familiar. Essa modificação é revertida alguns anos à frente, quando a mãe de L. fica idosa e necessita de cuidados:

Ficou com duas cozinhas, duas tudo. E por dentro não comunicava. Só pelo jardim, por aquela porta da rua. Depois com o tempo, com a minha mãe mais velha, já mais doente, aí se abriu uma porta, porque se não eu tinha que sair de noite, e ir pelo jardim de noite com chuva, com vento com frio e entrar pela porta da casa dela né. [...]

A vida dos habitantes, por vezes constitui ligações fortes para além do seu núcleo familiar, o colega de trabalho, a convivência com os vizinhos, dentre outras formas. Sobre isso, Velho (1981) destaca:

A ideologia individualista, de alguma forma, aparece em nossa sociedade solidária com a nuclearização da família, mas esse processo não é linear e os laços entre as diferentes famílias nucleares podem criar formas de sociabilidade matizadas (VELHO, 1981, p. 46)

Nesse sentido podemos observar o convívio da família C. E. e L. E. com os vizinhos. Em certo momento da entrevista elas colocam os vizinhos como verdadeiros parentes. Nesse sentido, não só a noção de família se estende, mas também a noção de casa, do lugar familiar.

Nesse e em outros relatos identificamos o quanto a vida da casa é constantemente atravessada pela vida na casa, ou seja, pelas trajetórias de vida de seus habitantes. A casa representa o elemento significativo na trajetória não só de uma pessoa, mas de uma família. E aqui não só entendido não somente como o núcleo familiar isolado. Mas também é principalmente aquele núcleo familiar maleável, transformável, dinâmico e que traça relações com outros parentes, vizinhas e trabalhadoras/es domésticas/os.

A etapa das entrevistas trouxe um olhar mais fluido sobre essas edificações. Através das conversas com as moradoras e moradores, pude entender as transformações, permanências e principalmente as transgressões aos programas arquitetônicos propostos inicialmente nos projetos arquitetônicos. Pensando nessas transgressões às propostas iniciais de habitação do projeto arquitetônico inicial foi produzida a tirinha abaixo.



Figura 62 - Tirinha sobre a apropriação das residências pelas mulheres  
Fonte: autora, 2020.



### 5.3 Aspectos da perda

Após esse trecho de tentativas e de experimentação do fazer antropológico com o aprofundamento nos relatos de uma interlocutora, o rumo da pesquisa volta novamente os olhares buscando uma reflexão cara à arquitetura, o tema da preservação desses bens. O tema da preservação traz à tona o quesito da perda de certos bens.

Sob o aspecto de medida protetiva (inventário ou tombamento), não foi identificada uma política evidente de proteção da tipologia aqui estudada. O breve estudo de Silva *et al.* (2020) também fruto da pesquisa vinculada à essa dissertação, exemplifica essa questão, ao analisar o quantitativo de bens inventariados na Zona de Proteção do Patrimônio Cultural – ZPPC 1. Nessa zona, foram identificados 40 exemplares de interesse para o estudo, desses, apenas 7 estão presentes no inventário municipal, representando 17% dos exemplares nesse trecho levantado. Em comparação com os bens inventariados na ZPPC 1, a tipologia as *villas* representa 1% dos bens inventariados (SILVA *et al.*, 2020).

Em vista disso, refletimos sobre certo aspecto seletivo das medidas protetivas. Diversas edificações aqui estudadas foram edificadas em período correlato a outros bens protegidos, ou seja, início do século XX.

Nesse sentido, apesar de não almejar levantamento sistemático dessa tipologia arquitetônica, as ações de registro de alguns bens, através de levantamentos fotográfico e métrico-arquitetônico que as disciplinas de Técnicas Retrospectivas – Projeto de Arquitetura e Urbanismo e Projeto de Arquitetura VI da FAUrb/UFPel se apresentam como instrumento relevante para documentação dessas edificações.

Durante o trabalho de levantamento de remanescentes das *villas* e casas de catálogo na malha urbana de Pelotas, através do recurso de *Street View* do *Google Maps*, foi possível identificar exemplares que foram intensamente descaracterizados e/ou demolidos em prol da construção de novas edificações (ver fig 63).



Figura 63 – Exemplar demolido  
Imagens do *Google Street View* em 2011 e 2019 respectivamente.  
Fonte: *Google Maps*

Em outros casos não há a completa demolição do bem, entretanto as modificações são tão intensas que impossibilitam o reconhecimento do bem atualmente. Esse é o caso da edificação situada à Rua Tiradentes (ver fig. 64).



Figura 64 – *Villa* edificada à Rua Tiradentes que passou por modificações  
Fonte: *Google Street View*, 2011 e 2019

Também foram identificados bens que já não existem mais nas pesquisas de fontes históricas. Exemplo dessa conformação cita-se a *Villa Noemia*, edificada próxima ao Castelo Simões Lopes (ver fig. 65 e 66).

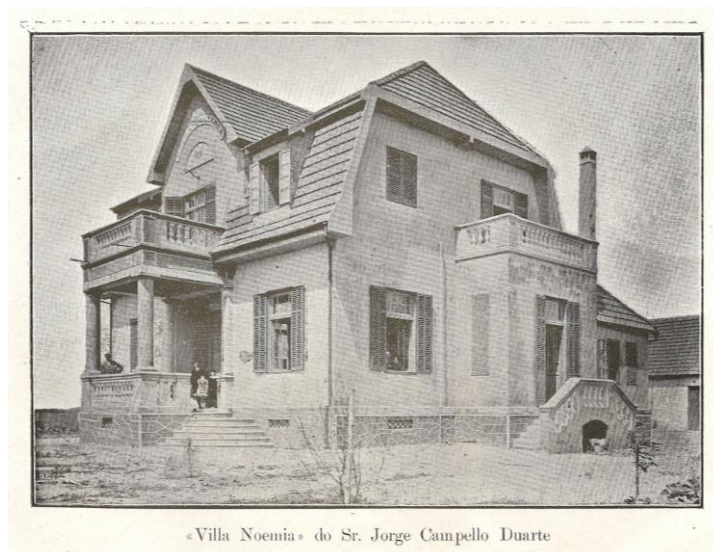


Figura 65 – “Villa Noemia do Sr. Jorge Campello Duarte”  
 Fonte: CARRICONDE, 1922



Figura 66 - “Outro aspecto da “Villa D. Noemia”, de propriedade do distinto conterraneo Sr. Jorge Campello Duarte” [sic]  
 Fonte: Paradedda (1916)

Um bem identificado na pesquisa e que passa por um intenso processo de arruinamento é o chamado Castelinho da XV de novembro. As lendas e histórias que circundam a edificação são muitas, algumas envolvem histórias de amor, traição e até mesmo assassinato.

No que tange o Castelinho da XV, além das histórias que circundam a edificação, há também um sentimento de lástima pela comunidade local pela situação atual do bem. Alguns desses relatos estão documentados em comentários à postagens públicas em blogs e redes sociais (ver fig. 58).



Figura 67 - Comentários da comunidade em postagem sobre o Castelhinho da XV de Novembro

Fonte: Olhares sobre Pelotas (2013)

As interlocutoras também manifestam seu pesar quanto à perda dos bens, quando questiono a interlocutora M. C. sobre a demolição da casa que ela havia habitado na infância essa me responde:

Franciele: E depois eles acabaram demolindo ela né? Tu chegaste a ter... Que que tu achou ?

M. C. : Eu parei de passar ali pela aquela zona porque eu me mudei pra zona norte e aí eu não andava muito por lá, mas aí algumas vezes eu andava lá na frente eu via que tinham fechado com tapume e eu ficava super triste. Teve uma vez que passei lá na frente, eu posso te mandar também eu tenho umas fotos que eu resolvi tirar. Eu tirei de dentro que eu queria saber como é que tava, tudo, tudo, tudo tomado de mato. Muito triste! Não dava pra reconhecer e claro que a princípio era muito triste. Aquela parte ali de cima da torre que era nossa sala de janta, a minha mãe era revendedora da Natura. E a Natura eu lembro que tinha o logo antigo ainda, não é esse com uma florzinha assim, era uma flor toda estranha. Aí a minha mãe era revendedora da Natura e ela colocou um adesivo na janela e eu lembro de passar lá há 2 anos atrás nem lembro... Mas ainda tava lá o adesivo da minha mãe, era a prova de que a gente tinha morado lá, sabe? Era triste [não entendi a fala], era triste porque era uma casa cheia de vida, tinha muita vida lá.

Os relatos coletados das interlocutoras revelam esse sentimento de perda sobre esses bens que fizeram parte de maneira tão próxima a sua vida. Entretanto, através de buscas nas redes sociais identificamos também esse sentimento de lástimas por indivíduos que não necessariamente habitaram essas edificações.

As edificações aqui estudadas compõem certas ambiências em diferentes lugares da cidade, que desenvolvem relações com os moradores de Pelotas. A lembrança de ver essa casa em seu bairro, em sua rua, é viva na memória de muitas pessoas. E por vezes assistir lentamente o seu arruinamento, ou até mesmo demolição, é fato caro a algumas pessoas.

Observando esse fenômeno, nos voltamos para a importância do registro e salvaguarda desses bens. Visto que diversos deles tem respaldo não só pelo significado de sua arquitetura. Mas também pelas famílias que ali habitam ou habitaram e também pela sua comunidade circundante.

Esse argumento ganha força quando observamos uma das últimas portarias do próprio Iphan no que diz respeito à Política de Patrimônio Cultural Material – PPCM. O documento do instituto publicado no ano de 2018 enfatiza a importância do envolvimento da comunidade no processo de reconhecimento dos bens culturais (IPHAN, 2018).

Entretanto, apesar das políticas de incentivo à salvaguarda, observa-se certa discrepância no que tange os direitos e deveres sob o cuidado desses bens. Se, por um lado, as políticas públicas têm buscado valorizar a importância que as comunidades locais dão à esses bens. Por outro, é pouco significativa a ajuda ou incentivo financeiro para manutenção desses bens.

A Lei 4878/2002, prevê a isenção de IPTU aos imóveis da cidade que sejam integrantes do inventário municipal (ALMEIDA; BASTOS, 2006). Entretanto, a maioria dos bens aqui estudados, nem mesmo faz parte do inventário da cidade, como já citado no breve estudo de Silva et. al (2020). Sendo assim, novamente é enfatizada a necessidade de ação para salvaguarda e/ou registro desses bens.

## 6 Considerações Finais

O trabalho de pesquisa de campo, de identificação das *villas*, permitiu identificar até o momento, 165 exemplares arquitetônicos na malha urbana de Pelotas. Essa quantidade, plausível, de exemplares encontrados reforça a ideia de que efetivamente essa tipologia arquitetônica, característica do início do século XX, teve uma expressão representativa na cidade de Pelotas. O trabalho de pesquisa e identificação das *villas* e casas de catálogo ainda pode ter continuidade e aprofundamento em trabalhos futuros, visto a quantidade de assuntos possíveis a se desenvolver a partir deste trabalho, ainda embrionário de identificação dos remanescentes.

O trabalho com os projetos arquitetônicos desses exemplares, nos permitiu interpretar que essa tipologia arquitetônica, apesar de apresentar uma organização funcional um pouco diferente das arquiteturas anteriores, continua a apresentar muitos, se não os mesmos sistemas de controle e separação (principalmente os relativos à gênero, raça e classe) que encontramos ao analisarmos projetos de períodos e tipologias anteriores. De fato, a arquitetura se transformou, mas a maneira de habitar esses espaços pouco se modificou. O estudo das edificações através de seus projetos originais de construção se mostrou proveitoso para as interpretações das propostas e modos de habitação das edificações.

A pesquisa histórica, que reuniu materiais gráficos como projetos arquitetônicos e fotografias históricas teve seu processo prejudicado pela pandemia de coronavírus. Com o fechamento de diversos locais e as indicações de distanciamento físico-social impostas pelo vírus, a busca por esses materiais, seja em acervos pessoais, quanto institucionais, tornou-se mais dificultosa.

A prática das entrevistas proporcionou outras visões para a pesquisa. Através dessa metodologia, pude entender mais sobre as vivências das casas com as mulheres que as habitaram. Mas acima de tudo, pude entender essas residências como um lugar de fortes significados e sentimentos para as moradoras. No momento em que começo a ouvir a fala das pessoas que viveram esses lugares, começo a olhar para esse objeto de estudo como lugares que vão além das perspectivas arquitetônicas. Mas sim lugares especiais, familiares, de recordações boas e ruins. Estas casas representam, para as interlocutoras, espaços de cotidiano, de trapalhadas, de aflições...

Através das entrevistas, pude entender como essas edificações se mantiveram ou se transformaram através do tempo. Elas se abrem e passam por reformas para receber mais pessoas, dão trabalho aos proprietários exigindo manutenções. Esfriam ou esquentam ao longo da troca de estações, e aproximam ou espantam as pessoas de sua permanência em certos cômodos. Todas essas movimentações indicam a capacidade das casas em interagir com suas/seus moradoras(es). Nesse sentido os/as habitantes, também fazem exigências a essa “coisa”, quando recebem mais um membro da família, ou quando perdem um ente querido. Todas essas exigências que as casas fazem aos seus moradores/es impulsionam as constantes transformações. E dentre elas os ambientes vão sendo trocados, modificados, ressignificados.

A partir disso, cabe ressaltar aqui, a importância do trabalho atento de escuta com os moradores dessas residências. Somente o contato profundo, de observar, ouvir, conversar sobre suas histórias permitiu o campo de possibilidades interpretativas que se abriu aqui. Nesse sentido, a antropologia, apresenta uma prática que pode ser muito proveitosa para os estudos de arquitetura.

A permanência dessas mulheres no ambiente doméstico, prática comum durante o século XX, as torna figuras centrais nesses processos de mudanças da casa. A proposta arquitetônica formal, projetada e registrada sob propriedade dos homens é na verdade ajustada, apropriada, e ressignificada por essas mulheres que ocupam essas casas, transformando-as em uma arquitetura feminina.

Os relatos das moradoras e moradores me indicaram que pouco importava qual era a real destinação para os ambientes no projeto arquitetônico. As moradoras, e aí sim afirmo, as mulheres, contaram-me (em mais de um caso) que elas eram as principais agentes de mudança dessas pequenas transformações do dia-a-dia. Elas se apresentam como “arquitetas do cotidiano doméstico”, a interlocutora M. Z. fala para mim em uma entrevista, “As cores eu mesma botei. Era tudo escuro e eu botei claro tudo. [...] era um cinza... Ficava assim um jeito meio de triste.” Sob o olhar da arquitetura seria possível caracterizar um espaço como triste? Acredito que não cabe a mim responder essa questão. Fato é que para essa moradora a sua pequena intervenção provocou essa mudança sentimental.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, tive algumas oportunidades de apresentar alguns trechos dessa pesquisa. Nessas oportunidades, ouvi diversos relatos sentimentais de lembranças das pessoas. De certa forma me impressionava

a maneira como essa pesquisa tinha a capacidade de tocar sentimentalmente as (os) ouvintes, da mesma forma como me sentia tocada e motivada ao ouvir os relatos das interlocutoras.

Em consonância às teorias sobre a vida das coisas debatidas anteriormente, sinto aspecto similar em relação ao trabalho aqui desenvolvido. Penso, que essa pesquisa, suas idas e vindas, suas diferentes etapas, tiveram por muitas vezes influências sobre a pesquisadora. De forma que muitas vezes percorri os caminhos que me pareciam ser necessários serem percorridos, pois era o que essa me exigia.



## Referências

- ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário ilustrado de arquitetura**. 1. ed. São Paulo: ProEditores, 1998a. v. 2-J a Z
- ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário ilustrado de arquitetura**. 1. ed. São Paulo: ProEditores, 1998b. v. 1-A a I
- ALFONSO, Louise Prado; RIETH, Flávia. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto Bem Cultural. *In*: SCHIAVON, Carmem Burget; PELEGRINI, Sandra de Cássia (org.). **Patrimônios Plurais: Iniciativas e desafios**. 1. ed. Rio Grande: Editora da FURG, 2016. p. 131–147.
- ALMEIDA, Liciane. “**Casas de renda**” os conjuntos residenciais pelotenses do início do século XX. 2006. 127 f. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2006. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/especializacaoemartesvisuais/files/2013/12/Liciane-Almeida-%E2%80%932006.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.
- ALMEIDA, Liciane Machado; BASTOS, Michele de Souza. A experiência da cidade de Pelotas no processo de preservação patrimonial. **Revista CPC**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 96–118, 2006.
- ANTUNES, Lia Pereira Saraiva Gil. A arquitetura nunca mais será a mesma. considerações sobre gênero e espaço(s). **Revista Urbana**, v. 7, n. 2, p. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8642600/pdf>. Acesso em: 21 jul. 2020.
- ARAGÃO, Solange de. A casa, o jardim e a rua no Brasil do século XIX. **Revista Em tempo de Histórias**, Brasília, n. 12, p. 151–162, 2008.
- ARAGÃO, Solange de. **Ensaio sobre a Casa Brasileira do Século XIX**. 2. ed. [S. l.]: Editora Blucher, 2017. *E-book*. Disponível em: <http://openaccess.blucher.com.br/article-list/ensaio-sobre-a-casa-brasileira-do-seculo-xix-324/list#articles>. Acesso em: 26 ago. 2020.
- ARAÚJO, Anete. Estudos de gênero em arquitetura. Um novo referencial teórico para a reflexão crítica sobre o espaço residencial. **Cadernos Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo / UFBA**, Bahia, v. 5, n. 1, p. 11–22, 2006.
- BARROS, Myriam Lins de. **Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- BERQUÓ, Thirzá amaral. Entre as heroínas e o silêncio: a condição feminina na Atenas Clássica. *In*: I ENCONTRO DE PESQUISAS HISTÓRICAS - PUCRS, 2014, Porto Alegre. **Anais Ephis**. Porto Alegre: [s. n.], 2014.
- BRANDÃO, Luísa Sopas Rocha. AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO: O Quarto De Empregadas Como Expressão Das Idiossincrasias Das Cidades Brasileiras. **Revista Píxo**, Pelotas, v. 3, n. 9, p. 104–122, 2019.

BRASIL. **Lei nº 3.071.** [S. l.], 1916. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l3071.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l3071.htm). Acesso em: 5 jul. 2021.

BRYSON, Bill. **Em casa:** Uma breve história da vida doméstica. [S. l.]: Companhia das Letras, 2011.

CABRAL, João C. da Rocha. **Código Eleitoral da república dos Estados Unidos do Brasil 1932.** Brasília: Secretaria de Documentação e Informação, 2004. *E-book*. Disponível em: [https://www.tse.jus.br/hotsites/catalogo-publicacoes/pdf/codigo\\_eleitoral\\_1932.pdf](https://www.tse.jus.br/hotsites/catalogo-publicacoes/pdf/codigo_eleitoral_1932.pdf). Acesso em: 26 jun. 2021.

CARRICONDE, Clodomiro C. (org.). **Álbum de Pelotas:** [comemorativo do] centenário de Independência do Brasil: 7 de setembro 1822 - 1922. [S. l.: s. n.], 1922.

CERQUEIRA, Fábio; SANTOS, Denise Ondina Marroni dos. A camisola do dia. Patrimônio têxtil da cultura material nupcial (Rio Grande do Sul, início a meados do século XX). **Est. Hist.**, [s. l.], v. 24, n. 48, p. 305–330, 2011.

CHEVALIER, Ceres. **Vida e obra de José Isella:** arquitetura em Pelotas na segunda metade do século XIX. Pelotas: Ed. Livraria Mundial, 2002.

CIA. EDITORA E COMERCIAL F. LEMOS. **Sugestões:** arquitetura-decoração 3º Album. [s. d.].

CORTADO, Thomas Jacques. Entre a moral e a política: a “habitação econômica” no Rio de Janeiro. **Mana Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 25, p. 303–335, 2019.

COSTA, Lucio. **Lúcio Costa: sôbre arquitetura** [sic]. Organizado por Alberto Xavier – 2 ed. coordenada por Anna Paula Canez. Porto Alegre. Unirriter ed., 2007, p-174-175.

COSTA, Vanessa Avila. **As Manifestações das Paisagens Ocultadas:** Arqueologia da Pelotas de Trabalhadoras Sexuais. 2020. 161 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia com área de concentração em Arqueologia) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

COSTA, Valesca Brasil. O pioneirismo das alunas da faculdade de direito de Pelotas-RS: inclusão feminina através da educação. **Revista Sociais e Humanas, Santa Maria**, v. 25, n. 02, p. 199–206, 2012.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua:** espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: [s. n.], 1997.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELANOY, Simone Soares. **A presença francesa na arquitetura** pelotense - um estudo sobre o arquiteto Julio Delanoy. 2021. 137 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

DIDONÉ, Adriana *et al.* **Cervejaria Ritter e casa villa Augusta**. Pelotas, 1999. Trabalho de conclusão da disciplina de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo V.

FOUCAULT, Michel. O panoptismo. *In*: **VIGIAR E PUNIR: NASCIMENTO DA PRISÃO**. 20ªed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 288.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 1ª edição digital. São Paulo: Global editora, 2013.

GÉA, Lúcia Segala. Arquitetura residencial da elite porto-alegrense (1893-1929). *In*: WEIMER, Günter (org.). **Arquitetura, história, teoria e cultura**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2000. p. 11–46.

GILL, Lorena Almeida. A cidade de Pelotas (RS) e as suas epidemias (1890-1930). **História em Revista**, Pelotas, v. 11, p. 191–210, 2005.

GILL, Lorena Almeida. Regulamento sanitário do município de Pelotas nas primeiras décadas do século XX. **História em Revista**, Pelotas, v. 7, 2001.

GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya; GONSALES, Célia Helena Castro. Pelotas: arquitetura e cidade. *In*: RUBIRA, Luís (org.). **Almanaque do Bicentenário de Pelotas**. Pelotas: Gráfica e Editora Pallotti, 2014. v. 2, p. 515–539.

HARRIS BROTHERS COMPANY. **Summer bungalows** / presented by Harris Brothers Company. [S. l.]: Harris Brothers Company, 1931. *E-book*. Disponível em: <http://archive.org/details/SummerBungalowsPresentedByHarrisBrothersCompany>. Acesso em: 29 jun. 2021.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. Mudanças espaciais na casa republicana. A higiene pública e outras novidades. **Revista Pós FAUUSP**, São Paulo, p. 5–18, 1993.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. O palacete do ecletismo: implantação. **Paisagem e Ambiente - Ensaios**, [s. l.], n. 6, p. 31–44, 1994.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira: 1867-1918**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, [s. l.], p. 25–44, 2012.

INSTITUTO SENADOR JOAQUIM AUGUSTO DE ASSUMPÇÃO. Villa Judith. *In*: FACEBOOK: INSTITUTO SENADOR JOAQUIM AUGUSTO DE ASSUMPÇÃO @INSTITUTOSENADORJOAQUIMAUGUSTODEASSUMPCAO. 5 fev. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/institutosenadorjoaquimaugustodeassumpcao/photos/a.297453180281987/1518914994802460/?type=3&theater>. Acesso em: 10 mar. 2020.

IPHAÉ. **Bem Tombado - Castelo Simões Lopes**. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=43207>. Acesso em: 10 jul. 2020.

IPHAN. Política de Patrimônio Cultural Material do Iphan. Institui a Política de Patrimônio Cultural Material do Iphan e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, n. Portaria nº 375, de 19 de setembro de 2018, 19 set. 2018. Disponível em: [http://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/41601273/do1-2018-09-20-portaria-n-375-de-19-de-setembro-de-2018-41601031](http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/41601273/do1-2018-09-20-portaria-n-375-de-19-de-setembro-de-2018-41601031). Acesso em: 28 ago. 2020.

JANTZEN, Sylvio Arnaldo Dick *et al.* Architectural Patrimony in Urban Areas: Methodology and case studies of Southern Rio Grande do Sul, Brazil. *In:* , 2010. **Anais [...]**. [S. l.: s. n.], 2010. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/283460889\\_Architectural\\_Patrimony\\_in\\_Urban\\_Areas\\_-\\_2010](https://www.researchgate.net/publication/283460889_Architectural_Patrimony_in_Urban_Areas_-_2010). Acesso em: 8 jul. 2021.

JORNAL DA MANHÃ. Breve Pelotas ostentará um modelo de elegancia e conforto. **Jornal da Manhã**, Pelotas, 30 maio 1923. *Esthetica*, p. 1.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. Elementos morfológicos da paisagem. *In:* **MORFOLOGIA URBANA E DESENHO DA CIDADE**. 3ªed. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. p. 79–110.

LEMO, Carlos Alberto Cerqueira. **Cozinhas, ETC.** Um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulistana. [S. l.]: Editora Perspectiva, 1978. (Coleção Debates).

LESSA, Fábio de Souza; NETO, Edson Moreira Guimarães. Relações de gênero e esposas atenienses: cenas de gineceu. **Calíope: presença Clássica**, [s. l.], v. 3, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/caliope/issue/viewFile/667/237>. Acesso em: 13 maio 2021.

LIMA, Patrícia Lima de. **Simões Lopes Neto Jornalista** - Uma leitura da coluna Inquéritos em Contraste, de 1913. 2016. 141 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). 1993. 257 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1993.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Pelotas: toda a prosa - 1º volume (1809-1871)**. Pelotas: Editora Armazém Literário, 2000.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Pelotas: toda a prosa - 2º volume (1874-1925)**. Pelotas: Editora Armazém Literário, 2002.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. *In:* NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil 3. República**: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (3). p. 367–421.

MARINS, Paulo César Garcez. Através da rótula: sobre mediações entre casas e ruas. **Cadernos Ceru**, [s. l.], n. 8, 2, 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/74974>. Acesso em: 15 maio 2021.

MARTINEZ, Zaida Muxi. **Mujeres, casas y ciudades.** Más allá Del umbral. Barcelona: dpr, 2018.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. A cidade como Bem Cultural, áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance na preservação do patrimônio ambiental urbano. *In*: MORI, Victor Hugo *et al.* (org.). **Patrimônio: atualizando o debate.** 1. ed. São Paulo: IPHAN, 9ª Superintendência Regional, 2006. p. 33–76.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. **As falsas dicotomias do Patrimônio Cultural.** Rio de Janeiro, 25 out. 2018. Manuscrito. Disponível em: <https://www.academia.org.br/videos/ciclo-de-conferencias/dicotomias-no-campo-do-patrimonio-cultural>. Acesso em: 28 ago. 2020.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. *In*: , 2012, Brasília. (Weber Sutti, Org.) **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural - sistema nacional de patrimônio cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto /MG, 2009.** Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012. p. 25–39. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Anais2\\_vol1\\_ForumPatrimonio\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Anais2_vol1_ForumPatrimonio_m.pdf). Acesso em: 13 maio 2021.

MILLER, Daniel. Casas: teoria da acomodação. *In*: **TRECOS, TROÇOS E COISAS: ESTUDOS ANTROPOLÓGICOS SOBRE A CULTURA MATERIAL.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 119–163.

MOIA, Jose Luis. **Planos Completos de 50 viviendas.** 7. ed. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Windsor, [s. d.].

MONTONE, Annelise Costa. **Memórias de uma forma de morar:** a Chácara da Baronesa, Pelotas, RS, Br. (1863-1985). 2018. 224 f. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2018/06/TESE-VERS%C3%83O-FINAL-Annelise-Montone.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2021.

MORAIS, Cleonice Terezinha Gonçalves. **Contribuições dos industriais alemães imigrantes à economia e à cultura de Pelotas.** 2014. 47 f. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

MOTTA, Lia; REZENDE, Maria Beatriz. Inventário. *In*: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (org.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural.** 2 rev. e ampl.ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. p. 1–39. *E-book.* Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/64/inventario>. Acesso em: 11 jul. 2021.

MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim; SCHLEE, Andrey Rosenthal. **100 imagens da arquitetura pelotense.** 2. ed. Pelotas: Pallotti, 2002.

MUNICÍPIO DE PELOTAS. **Código de Construções e Reconstruções.** Pelotas: Oficinas typographicas da Fabrica Guarany, 1920.

NEAB. **Entrevista com Vasco Amaro da Silveira e Maria Silveira.** [S. l.: s. n.], 1991.

NESCAFÉ/ MARIA AUGUSTA - APANHADOR SÓ “SALA DE ESTAR” - PELOTAS. Direção: Nina - Académique. Pelotas: [s. n.], 2016. (7:11). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=2t\\_52FzVPmk](https://www.youtube.com/watch?v=2t_52FzVPmk). Acesso em: 2 jul. 2021.

OLHARES SOBRE PELOTAS. **O Castelo.** [S. l.], 2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/136187553155125/posts/429916413782236/>. Acesso em: 4 jul. 2021.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. **Revista de Antropologia**, [s. l.], v. 39, n. 1, p. 13–37, 1996.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa de; SEIBT, Maurício Borges. **Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão.** Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2005. *E-book*. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/neab/files/2018/06/PRIJ.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2021.

PACHECO, Rafaela Verbicaro; NÓBREGA, Cláudia Carvalho Leme. A obra de José Sidrim: arquitetura pragmática no início do século XX em Belém, Pará. **Oculum ens.**, [s. l.], p. 99–110, 2013.

PARADEDA, Florentino. **Almanach de Pelotas de 1916.** Pelotas, 1916. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/iad/memoriagracadepelotas/acervo.htm>. Acesso em: 31 mar. 2020.

PARADEDA, Florentino. **Almanach de Pelotas de 1921.** Pelotas, 1921. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/iad/memoriagracadepelotas/acervo.htm>. Acesso em: 31 mar. 2020.

PARADEDA, Florentino. **Almanach de Pelotas de 1922.** Pelotas, 1922. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/iad/memoriagracadepelotas/acervo.htm>. Acesso em: 31 mar. 2020.

PARADEDA, Florentino. **Almanach de Pelotas de 1925.** Pelotas, 1925. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/iad/memoriagracadepelotas/acervo.htm>. Acesso em: 31 mar. 2020.

PARADEDA, Florentino. **Almanach de Pelotas de 1927.** Pelotas, 1927. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/iad/memoriagracadepelotas/acervo.htm>. Acesso em: 31 mar. 2020.

PARADEDA, Florentino. **Almanach de Pelotas de 1929.** Pelotas, 1929. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/iad/memoriagracadepelotas/acervo.htm>. Acesso em: 25 out. 2020.

PARADEDA, Florentino. **Almanach de Pelotas de 1930.** Pelotas, 1930. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/iad/memoriagracadepelotas/acervo.htm>. Acesso em: 25 out. 2020.

PARADEDA, Florentino. **Almanaque de Pelotas de 1933**. Pelotas, 1933. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/iad/memoriagraficadepelotas/acervo.htm>. Acesso em: 25 out. 2020.

PEIXOTO, Paulo. Tudo que é sólido se sublima no ar: políticas públicas e gestão do patrimônio. In: CYMBALISTA, Renato; FELDMAN, Sarah; KÜHL, Beatriz Mugayar (org.). **Patrimônio Cultural: memória e intervenções urbanas**. 1. ed. São Paulo: Annablume Editora, 2017. p. 248.

PEREIRA, Renata Baesso. **Arquitetura, imitação e tipo em Quatremère de Quincy**. 2008. 357 f. Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-26012010-141411/pt-br.php>. Acesso em: 9 jun. 2021.

PEREIRA, Dr. Gervásio Alves. Projeto de Lei. Código de Posturas Municipais. **Diário Popular**, Pelotas, 24 abr. 1895. p.01.

PEREIRA, Franciele Fraga; MEDVEDOVSKI, Nirce Saffer. Construindo Pelotas: registro dos materiais e técnicas de um casarão histórico. **XXVII Salão de iniciação científica UFRGS**. Porto Alegre: UFRGS, 2015. Disponível em: Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/137352>. Acesso em: 10 mar. 2020.

PERROT, Michelle (org.). Maneiras de Morar. In: **História da vida privada**, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. v. 4, p. 284–302.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. *E-book*. Disponível em: <https://www.ihgrgs.org.br/biblioteca.html>. Acesso em: 9 jun. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. **Plano Diretor Municipal de Pelotas**. Institui o plano diretor municipal e estabelece as diretrizes e proposições de ordenamento e desenvolvimento territorial no município de Pelotas, e dá outras providências. 11 set. 2008. Disponível em: <http://leismunicipa.is/gicsd>. Acesso em: 9 set. 2020.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 9ªed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000. (Coleção Debates).

REVISTA ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE. [s. d.].

RHEINGANTZ, Paulo Afonso. Sobre ciência, conhecimento e arquitetura. **Arquitextos**, [s. l.], 2014. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/15.175/5377>. Acesso em: 13 maio 2021.

ROCHA, Clayton. **DIFERENCIADOS. A casa de Bruno de Mendonça Lima, rua Benjamin Constant, em Pelotas.** [S. l.], 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/clayton.rocha.5/posts/1099738933477599>. Acesso em: 24 jun. 2021.

RODRIGUES, Marta Bonow. **“A vida é um jogo para quem tem ancas”**: uma arqueologia documental sobre mulheres escravas domésticas em Pelotas/RS no século XIX. 2015. 206 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia - Área de Concentração em Arqueologia) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/ri/2822>. Acesso em: 9 jun. 2021.

RODRIGUES, Marta Bonow; ALFONSO, Louise Prado; RIETH, Flávia. Ações Participativas com Trabalhadoras Domésticas. Fomentando debates para visibilizar a profissão desde o passado escravista até a atualidade em Pelotas/RS. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [s. l.], v. 03, n. 04, p. 8–29, 2017.

RUBIRA, Luís. **A casa de Heloisa Assumpção.** [S. l.], 2020. Disponível em: [https://www.diariopopular.com.br/index.php?n\\_sistema=4080&id\\_noticia=MTQ4MzEz](https://www.diariopopular.com.br/index.php?n_sistema=4080&id_noticia=MTQ4MzEz). Acesso em: 23 jun. 2021.

RUBIRA, Luís (org.). **Almanaque do Bicentenário de Pelotas.** Pelotas: Gráfica e Editora Pallotti, 2012. v. 1

RUBIRA, Luís (org.). **Almanaque do Bicentenário de Pelotas.** Pelotas: Gráfica e Editora Pallotti, 2014a. v. 2

RUBIRA, Luís (org.). **Almanaque do Bicentenário de Pelotas.** Pelotas: Gráfica e Editora Pallotti, 2014b. v. 3

SANTANA, Sirlândia Souza. A arquitetura do Feminino. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 9 - DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, 2010, Universidade Federal de Santa Catarina. **Anais [...]**. Universidade Federal de Santa Catarina: [s. n.], 2010. Disponível em: <http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 9 set. 2020.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo em Pelotas: 1870 - 1930.** Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2014.

SCHETTINO, Patrícia Thomé Junqueira. **A mulher e a casa**: estudo sobre a relação entre as transformações da arquitetura residencial e a evolução do papel feminino na sociedade carioca no final do século XIX e início do século XX. 2012. 322 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. **O ecletismo na arquitetura pelotense até as décadas de 30 e 40.** 1993. 215 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

SILVA, Valentina de Farias Betemps da *et al.* Villas e Casas de Catálogo na ZPPC 1: Análise do quantitativo de bens com instrumento de proteção. *In*: XXX



CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2020, Pelotas. **Anais da 6ª Semana Integrada da UFPEL**. Pelotas: UFPEL, 2020. p. 1–4. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/cic/anais/anais-2020/>. Acesso em: 3 jul. 2021.

SILVA, Valentina de Farias Betemps da; SILVEIRA, Aline Montagna da; PEREIRA, Franciele Fraga. Villas e Casas de Catálogo no sítio do Primeiro Loteamento de Pelotas-RS: relações entre tipologia arquitetônica e morfologia urbana. **Revista de Morfologia Urbana**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 1–16, 2021.

SILVEIRA, Aline Montagna da. **De fontes e aguadeiros à penas d' água**: reflexões sobre o sistema de abastecimento de água e as transformações da arquitetura residencial do final do século XIX em Pelotas - RS. 2009. Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-26032010-162420/>. Acesso em: 26 ago. 2020.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Modernidade urbana e dominação da natureza: o saneamento de Pelotas nas primeiras décadas do século XX. **Anos 90 Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, [s. l.], v. 8, n. 14, p. 184–201, 2000.

SOUZA, Alana Sá Leitão. O Godllywood e a “mulher virtuosa” na IURD. **REIA - Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, [s. l.], v. 4, n. 4, p. 24–38, 2017.

UFPEL. **Prédios contam a história**. [S. l.], 2014. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/45anos/predioscontamhistoria/>. Acesso em: 24 jun. 2021.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VITRÚVIO. **Tratado de Arquitetura**. São Paulo: Martins, 2007.

WARZECHA, Monika. **A história de ascensão e queda das casas de catálogo**. [S. l.], 2018. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/899300/a-historia-de-ascensao-e-queda-das-casas-de-catalogo>. Acesso em: 29 jun. 2021.

WEIMER, Günter. **Arquitetos e Construtores no Rio Grande do Sul 1892/1945**. Santa Maria: Editora UFSM, 2004.

WICHES, Camila Azevedo de Moraes *et al.* Um olhar para as relações de gênero na produção das coisas de barro. **Habitus revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, [s. l.], v. 16, p. 75–102, 2018.

XAVIER, Janaina Silva. **Saneamento de Pelotas (1871-1915)**: o patrimônio sob o signo de modernidade e progresso. 2010. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

ZARANKIN, Andrés. **Paredes que domesticam**: arqueologia da arquitetura escolar capitalista: o caso de Buenos Aires. 2001. 255 f. Tese (doutorado departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2001.

**Acervos consultados:**

## Acervo NEAB

Levantamento arquitetônico, 2006, Rua Conde de Porto Alegre, nº 152

Afonso Goetze Jr, Projecto de uma villa a construir-se a Rua Gonçalves Chaves esq Rua Bella. Propriedade do Snr. Frederico C. Lang., 1926 (cópia impressa)

Theóphilo Borges de Barros, Projecto de uma casa de moradia para o Sr. Cel. Guilherme Echenique, 1925 (cópia impressa)

## Acervo MMPB

Dias e Requião, Projecto de uma villa a construir-se no “areal” proprietário Sr. Delmar Maciel, 1929 (cópia impressa).

## Acervo SGCMU

Dias e Requião, Projecto de uma *villa* à rua Benjamin Constant, 402, para o Sr. Alcides Sampaio, 1927 (cópia impressa).

## Jornais

Diário Popular, Pelotas, 24 de Abril de 1895, p.01. Projeto de Lei – Código de Posturas Municipais.

Jornal da Manhã, Pelotas, 30 de Maio de 1923, p. 04. Esthetica. - Breve Pelotas ostentará um modelo de elegância e conforto.

## **Apêndices**

### Apêndice A - Exemplos identificados na pesquisa

Tabela 1 – Exemplos identificados na pesquisa

CQ	RUA	Nº DO LOTE	ZONA
173	BENJAMIN CONSTANT	1660	AEIAC ZPPC 2
174	BENJAMIN CONSTANT	1692	AEIAC ZPPC 2
289	BENJAMIN CONSTANT	1741	AEIAC ZPPC 4 CAIEIRA
174	BENJAMIN CONSTANT	1744	AEIAC ZPPC 2
174	BENJAMIN CONSTANT	1760	AEIAC ZPPC 2
175	BENJAMIN CONSTANT	1799	AEIAC ZPPC 4 CAIEIRA
88	BENJAMIN CONSTANT	1812	AEIAC ZPPC 2
176	BENJAMIN CONSTANT	1879	AEIAC ZPPC 4 CAIEIRA
294	CONDE DE POA	137	AEIAC ZPPC 4 CAIEIRA
176	XV DE NOVENBRO	152	AEIAC ZPPC 4 CAIEIRA
294	XV DE NOVENBRO	123	AEIAC ZPPC 4 CAIEIRA
177	XV DE NOVENBRO	151	AEIAC ZPPC 4 CAIEIRA
177	XV DE NOVENBRO	155	AEIAC ZPPC 4 CAIEIRA
178	XV DE NOVENBRO	209	AEIAC ZPPC 2
90	TAMANDARE	518	AEIAC ZPPC 2
163	ALMIRANTE BARROSO	1048	AEIAC ZPPC 3 PORTO
163	ALMIRANTE BARROSO	1056	AEIAC ZPPC 3 PORTO

163	ALMIRANTE BARROSO	1062	AEIAC ZPPC 3 PORTO
163	ALMIRANTE BARROSO	1068	AEIAC ZPPC 3 PORTO
163	ALMIRANTE BARROSO	1074	AEIAC ZPPC 3 PORTO
163	ALMIRANTE BARROSO	1082	AEIAC ZPPC 3 PORTO
162	ALMIRANTE BARROSO	1059	AEIAC ZPPC 2
164	ALMIRANTE BARROSO	998	AEIAC ZPPC 3 PORTO
164	ALMIRANTE BARROSO	948	AEIAC ZPPC 3 PORTO
171	TAMANDARE	325	AEIAC ZPPC 3 PORTO
171	TAMANDARE	323	AEIAC ZPPC 3 PORTO
81	DOM PEDRO II	756	AEIAC ZPPC 2
81	DOM PEDRO II	1330	AEIAC ZPPC 2
81	ANCHIETA	1346	AEIAC ZPPC 2
33	ANCHIETA	1481	AEIAC ZPPC 2
286	ALBERTO ROSA	63	AEIAC ZPPC 3 PORTO
286	ALBERTO ROSA	61	AEIAC ZPPC 3 PORTO
160	GONCALVES CHAVES	251 A	AEIAC ZPPC 2
174	FELIX DA CUNHA	206	AEIAC ZPPC 2
174	FELIX DA CUNHA	208	AEIAC ZPPC 2
174	FELIX DA CUNHA	210	AEIAC ZPPC 2
174	GONCALVES CHAVES	157	AEIAC ZPPC 2

160	FELIX DA CUNHA	304	AEIAC ZPPC 2
86	ANCHIETA	1014	AEIAC ZPPC 2
176	ANCHIETA	663	AEIAC ZPPC 4 CAIEIRA
176	ANCHIETA	671	AEIAC ZPPC 4 CAIEIRA
176	ANCHIETA	677	AEIAC ZPPC 4 CAIEIRA
176	ANCHIETA	683	AEIAC ZPPC 4 CAIEIRA
294	ANDRADE NEVES	420	AEIAC ZPPC 4 CAIEIRA
294	ANDRADE NEVES	438	AEIAC ZPPC 4 CAIEIRA
98	ANDRADE NEVES	981	AEIAC ZPPC 2
98	GENERAL OSORIO	366	AEIAC ZPPC 2
301	SANTOS DUMONT	55	AEIAC ZPPC 2
190	PRAÇA RIO BRANCO	1158	AEIAC ZPPC 2
141	ALMIRANTE BARROSO	1912	AEIAC ZPPC 2
141	PRINCESA ISABEL	167	AEIAC ZPPC 2
1210	ALMIRANTE BARROSO	2198	AEIAC ZPPC 1
80	GONCALVES CHAVES	454	AEIAC ZPPC 2
81	DOM PEDRO II	451	AEIAC ZPPC 2
165	TAMANDARÉ	360	AEIAC ZPPC 2
163	URUGUAI	1152	AEIAC ZPPC 3 PORTO
98	ANDRADE NEVES	957	AEIAC ZPPC 2

182	MARECHAL DEODORO	352	AEIAC ZPPC 2
76	BARAO DE BUTUI	345	AEIAC ZPPC 2
142	PRINCESA ISABEL	147	AEIAC ZPPC 2
346	SETE DE SETEMBRO	40	AEIAC ZPPC 2
346	SETE DE SETEMBRO	38	AEIAC ZPPC 2
346	SETE DE SETEMBRO	36	AEIAC ZPPC 2
346	SETE DE SETEMBRO	34	AEIAC ZPPC 2
346	SETE DE SETEMBRO	32	AEIAC ZPPC 2
182	GENERAL OSORIO	371	AEIAC ZPPC 2
182	GENERAL OSORIO	379	AEIAC ZPPC 2
34	GEN. TELLES	756	AEIAC ZPPC 2
294	XV DE NOVEMBRO	125	AEIAC ZPPC 4 CAIEIRA
48	BARÃO DE SANTA TECLA	458	AEIAC ZPPC 1
67	ALM. BARROSO	2309	AEIAC ZPPC 1
109	BARÃO DE SANTA TECLA	576	AEIAC ZPPC 1
111	SANTA TECLA	602	AEIAC ZPPC 1
115	ANDRADE NEVES	2404	AEIAC ZPPC 1
118	GONÇALVES CHAVES	953	AEIAC ZPPC 1
118	GONÇALVES CHAVES	955	AEIAC ZPPC 1
119	FÉLIX DA CUNHA	954	AEIAC ZPPC 1
120	FÉLIX DA CUNHA	963	AEIAC ZPPC 1
120	FÉLIX DA CUNHA	961	AEIAC ZPPC 1

125	AV. BENTO GONÇALVES	3888	AEIAC ZPPC 1
125	DR. AMARANTE	583	AEIAC ZPPC 1
125	GENERAL OSÓRIO	1069	AEIAC ZPPC 1
126	PARQUE D. ANTONIO ZATTERA	397	AEIAC ZPPC 1
128	GONÇALVES CHAVES	3117	AEIAC ZPPC 1
128	PE. ANCHIETA	3072	AEIAC ZPPC 1
129	PARQUE D. ANTONIO ZATTERA	248	AEIAC ZPPC 1
129	XV DE NOVEMBRO	986	AEIAC ZPPC 1
131	GENERAL OSÓRIO	1124	AEIAC ZPPC 1
131	ANDRADE NEVES	2963	AEIAC ZPPC 1
135	PE. FELÍCIO	102	AEIAC ZPPC 1
135	PE. FELÍCIO	128	AEIAC ZPPC 1
135	PE. ANCHIETA	3178	AEIAC ZPPC 1
137	MIGUEL BARCELLOS	409	AEIAC ZPPC 1
201	PROF. ARAÚJO	806	AEIAC ZPPC 1
204	SANTOS DUMONT	427	AEIAC ZPPC 1
204	SANTOS DUMONT	429	AEIAC ZPPC 1
213	BARÃO DE SANTA TECLA	787 A	AEIAC ZPPC 1
236	AV. BENTO GONÇALVES	3174	AEIAC ZPPC 1
236	AV. BENTO GONÇALVES	3274	AEIAC ZPPC 1
236	AV. BENTO GONÇALVES	3264	AEIAC ZPPC 1
238	SANTA CRUZ	2713	AEIAC ZPPC 1
238	GENERAL ARGOLO	467	AEIAC ZPPC 1
238	GENERAL ARGOLO	517	AEIAC ZPPC 1
238	GENERAL ARGOLO	507	AEIAC ZPPC 1



240	GONÇALVES CHAVES	3056	AEIAC ZPPC 1
322	SENADOR MENDONÇA	356	AEIAC ZPPC 1
1210	ALM. BARROSO	2184	AEIAC ZPPC 1
1259	ALM. BARROSO	2944	AEIAC ZPPC 1
1259	ALM. BARROSO	2974	AEIAC ZPPC 1
132	GENERAL OSÓRIO	1181	AEIAC ZONA NORTE
132	GENERAL OSÓRIO	1158	AEIAC ZONA NORTE
132	ANDRADE NEVES	3091	AEIAC ZONA NORTE
133	ANDRADE NEVES	3172	AEIAC ZONA NORTE
134	XV DE NOVEMBRO	1026	AEIAC ZONA NORTE
135	GONÇALVES CHAVES	3193	AEIAC ZONA NORTE
135	GONÇALVES CHAVES	3285	AEIAC ZONA NORTE
135	GONÇALVES CHAVES	3315	AEIAC ZONA NORTE
135	ANTÔNIO DOS ANJOS	293	AEIAC ZONA NORTE
135	ANTÔNIO DOS ANJOS	313	AEIAC ZONA NORTE
135	PE. ANCHIETA	3191	AEIAC ZONA NORTE
215	SANTOS DUMONT	595	AEIAC ZONA NORTE
216	SANTOS DUMONT	578	AEIAC ZONA NORTE
222	GENERAL OSÓRIO	1170	AEIAC ZONA NORTE
224	ANTÔNIO DOS ANJOS	922	AEIAC ZONA NORTE
224	SANTA TECLA	951	AEIAC ZONA NORTE
225	SANTA TECLA	912	AEIAC ZONA NORTE
227	ANDRADE NEVES	3263	AEIAC ZONA NORTE
227	GEN. OSÓRIO	1202	AEIAC ZONA NORTE
227	RAFAEL PINTO BANDEIRA	2017	AEIAC ZONA NORTE

230	PE. ANCHIETA	3462	AEIAC ZONA NORTE
232	RAFAEL PINTO BANDEIRA	2174	AEIAC ZONA NORTE
325	MARCÍLIO DIAS	2444	AEIAC ZONA NORTE
325	MARCÍLIO DIAS	2454	AEIAC ZONA NORTE
327	RAFAEL PINTO BANDEIRA	2342	AEIAC ZONA NORTE
434	DUQUE DE CAXIAS	250	FRAGATA
420	DUQUE DE CAXIAS	420	FRAGATA
1261	DUQUE DE CAXIAS	1120	FRAGATA
1309	DUQUE DE CAXIAS	1266	FRAGATA
1309	DUQUE DE CAXIAS	1276	FRAGATA
416	DUQUE DE CAXIAS	267	FRAGATA
486	DUQUE DE CAXIAS	509	FRAGATA
579	DUQUE DE CAXIAS	569	FRAGATA
1439	DUQUE DE CAXIAS	1221	FRAGATA
1439	DUQUE DE CAXIAS	1233	FRAGATA
236	DOMINGOS DE ALMEIDA	36	AREAL
341	DOMINGOS DE ALMEIDA	272	AREAL
1268	DOMINGOS DE ALMEIDA	664	AREAL
1740	DOMINGOS DE ALMEIDA	1490	AREAL
946	DOMINGOS DE ALMEIDA	2516	AREAL
344	DOMINGOS DE ALMEIDA	1077	AREAL
445	FERNANDO OSÓRIO	280	TRÊS VENDAS
889	FERNANDO OSÓRIO	3596	TRÊS VENDAS
888	FERNANDO OSÓRIO	4184	TRÊS VENDAS
3034	FERNANDO OSÓRIO	4554	TRÊS VENDAS

3036	FERNANDO OSÓRIO	6598	TRÊS VENDAS
438	FERNANDO OSÓRIO	85	TRÊS VENDAS
439	FERNANDO OSÓRIO	417	TRÊS VENDAS
1191	FERNANDO OSÓRIO	1465	TRÊS VENDAS
1884	FERNANDO OSÓRIO	2251	TRÊS VENDAS
1884	FERNANDO OSÓRIO	2287	TRÊS VENDAS
3056	FERNANDO OSÓRIO	5115-1	TRÊS VENDAS
3054	FERNANDO OSÓRIO	7765	TRÊS VENDAS
512	JUSCELINO K DE OLIVEIRA	1780	AREAL
455	REPÚBLICA DO LÍBANO	218	TRÊS VENDAS
455	REPÚBLICA DO LÍBANO	434	TRÊS VENDAS

## **Apêndice B - Sinopse dos entrevistados**

Interlocutora A. M.

Representa a terceira geração de sua família a habitar a casa estudada. Em seu relato incorpora suas lembranças e também as histórias de avós e pais nesse lugar que há tanto tempo abriga a família. Tem como hobby a confecção de figurinos. Está a algum tempo tentando vender a propriedade da família, pois, se tornou grande e de difícil manutenção. Entrevista realizada em 21/05/2020, juntamente com Manuela Farias Amaral, aluna de graduação da FAUrb/UFPel, através de videochamada.

Interlocutora L. C.

Residiu no edifício alugado entre 1988 e 2004. Nesses 16 anos o andar térreo da residência serviu para o restaurante-bar que administrava com seu marido, e o andar superior compunha seu espaço residencial. Essa foi a primeira casa de sua filha, M. C., que nasceu em 1996. Com o fim do relacionamento, em 2004, L. C. deixa a residência, e poucos anos depois há o fim do restaurante. Após alguns anos vazia, a edificação foi demolida pelos proprietários. Entrevista realizada em 22/05/2020, através de videochamada.

Interlocutora M. C.

Filha da interlocutora L. C., atualmente tem 25 anos, e viveu na residência estudada até os seus 6 anos de idade. Os relatos dessa interlocutora incluem suas vivências de infância, histórias de aniversários, do seu quarto e brincadeiras. Entrevista realizada em 26/05/2020, através de videochamada.

Interlocutora M. Z.

Tem 95 anos. É viúva desde 1969. Teve oito filhos, desses dois já faleceram. Sua família é grande, conta com vários netos e bisnetos que a visitam eventualmente. Trabalhou como professora, e hoje é aposentada. Atualmente vive sozinha na casa que abrigou sua família desde a década de 1960. Entrevista realizada em 27/05/2020, no jardim de sua casa, acompanhada pela sua neta L. Z.

Interlocutora I. e interlocutor E.

Os relatos dessa entrevista começam nas histórias do início do casamento do casal, momento em que o emprego de E. o fazia mudar de cidades constantemente. Finalmente em 1995, o casal consegue se fixar em Pelotas, e realiza o sonho de morar em uma casa com pátio. Adquirem a casa estudada, a reformam e moram nela até os dias de hoje. Tem três filhos e dois netos. Durante a nossa entrevista, na pandemia, relatam a saudade dos almoços em família, realizados ali mesmo, em sua casa. Entrevista realizada em 28/05/2020, no jardim da casa do casal.

Interlocutor O. P.

A casa que abriga O.P e sua família foi adquirida pelo casal no ano de 2013. A escolha do imóvel foi influenciada pela afeição do interlocutor com a região onde a casa se insere, ele já era morador da região anteriormente. O casal jovem, que mora em uma casa antiga, lida com as limitações físicas e com os ataques de cupim de maneira leve. Com a chegada da segunda filha, O. P. me relata um fato curioso, passa a ocupar o sótão da edificação, espaço anteriormente não projetado para tal uso.

Interlocutoras C.E. e L. E

C.E. atualmente mora nessa residência com seu marido e dois de seus três filhos. O imóvel está na família desde 1943, momento em que seus avós esperaram a casa ficar pronta para poderem se mudar para lá. Sua mãe, L. E., viveu sua infância e adolescência nessa residência, que guarda muitas lembranças da família. Os relatos envolvem não só os habitantes da residência em questão, mas também os laços que formaram com os demais vizinhos das edificações que formam o chamado “conjunto dos bancários”.

Interlocutora L. M.

L. M. é viúva e tem hoje 87 anos, e mora na residência estudada desde seus 7 anos. Seu relato nessa edificação começa quando ela se muda para lá junto de seus pais e seus irmãos. Nesse momento, a casa passa por aumentos para abrigar a família. As histórias relatadas por ela, são to tempo em que o arroio Santa Bárbara ainda passava bem próximo à sua casa. Após seu casamento, L. M. mora por 1 ano em outro lugar, mas à pedido de sua mãe, volta a morar na residência, sob a

condição de “dividir” a casa. Nesse momento a edificação passa novamente por modificações. Atualmente, L. M. mora sozinha nessa residência, mas diz não pensar em sair dali, nos fala que mudar-se dessa casa seria como mudar-se de cidade. Entrevista realizada no dia 08/04/2021 juntamente com a coorientadora dessa pesquisa, Aline Montagna da Silveira, através de videochamada.

## **Anexos**





## **Anexos**

**Anexo A - Transcrição da matéria de jornal de exemplar estudado na pesquisa**

Jornal da Manhã – Pelotas – Quarta-feira 30 de maio de 1923

Esthetica

Breve Pelotas ostentará um modelo de elegância e conforto

Perspectivas do palacete futura residência do Sr. Alexandre Bertoni

Até o fim do corrente ano a cidade de Pelotas ostentará um edifício que, honrando a nossa cultura, marcará, por assim dizer, uma época de verdadeira renascença das habitações da Princesa do Sul nas futuras cidades.

Aliás, o paradigma que será a residência mandada levantar pelo adiantado industrialista Sr. Bertoni está perfeitamente de acordo com os surpreendentes surtos que se observam em todas as atividades da nossa cidade acompanhando vantajosamente os anseios de progresso que despertam por todos os recantos do país.

Outros povos já floresceram e foram celebres na história do mundo e, se hoje os fossemos vestir com as galas de outros tempos, seria o mesmo que uma zombaria da sua decadência, porque já não são mais do que espectros daquilo que foram. De certo, ninguém irá comparar a jovem America do Norte com a venerável Grécia, que hoje apenas se impõe ao amor dos povos pelas recordações dos seus antigos poetas, de seus famosos legisladores e de seus guerreiros, país cujas glórias se podem simbolizar aos nomes de Homero Platão e Themistocles.

A legendaria capital grega, Roma, Granada e outros nomes, sem falar nos cataclismos que tem alado os povos mais modernos, podem dar uma ideia de instabilidade das grandezas do mundo, do fenômeno pelo qual os países, depois de atingido o cimo de todas as grandezas, decaem como que para ceder lugar a outros até então na obscuridade.

Sabendo que o Sr. Alexandre Bertoni havia fechado contrato para levantar, nesta cidade uma, residência que seria notável pelo conforto, higiene e sobretudo soberba pelo conjunto arquitetônico, fomos ouvir aquele senhor e recebendo atentamente suas palavras, cheias de entusiasmo e fé nas possibilidades do esforço e da perseverança do homem; confrontando o que será essa soberba vivenda com outras de aspecto colonial que aguardam a renovação que se aproxima, o nosso

espírito teve a visão de que o futuro sorri a nossa bela cidade em todas as perspectivas de grandeza moral e material.

O novo edifício será levantado à rua 15 de novembro, esquina Conde de Porto Alegre, no meio de um terreno que mede 171 metros quadrados, cujo custo, sem incluir as escrituras, atinge a quantia de 23:500\$000.

Em volta do edifício serão construídos parques de recreio, como jogos de tênis, lagos, viveiros de aves, piscina e tudo quanto reúnem as modernas habitações do mundo.

Pode-se dizer que, ao deixar a vida pratica dos negócios, a atividade de empolgante de sua indústria e recolhendo-se ao santuário de sua família, o Sr. Bertoni, pode perfeitamente passar horas como se estivesse habitando o mundo das mais risonhas fantasias.

O profissional que idealizou a planta hoje estampada pelo “Jornal da Manhã” é o Sr. Carlos Rosenwantz, o qual se recommenda pela competência provada em largos anos de tirocínio como engenheiro da Municipalidade de São Paulo.

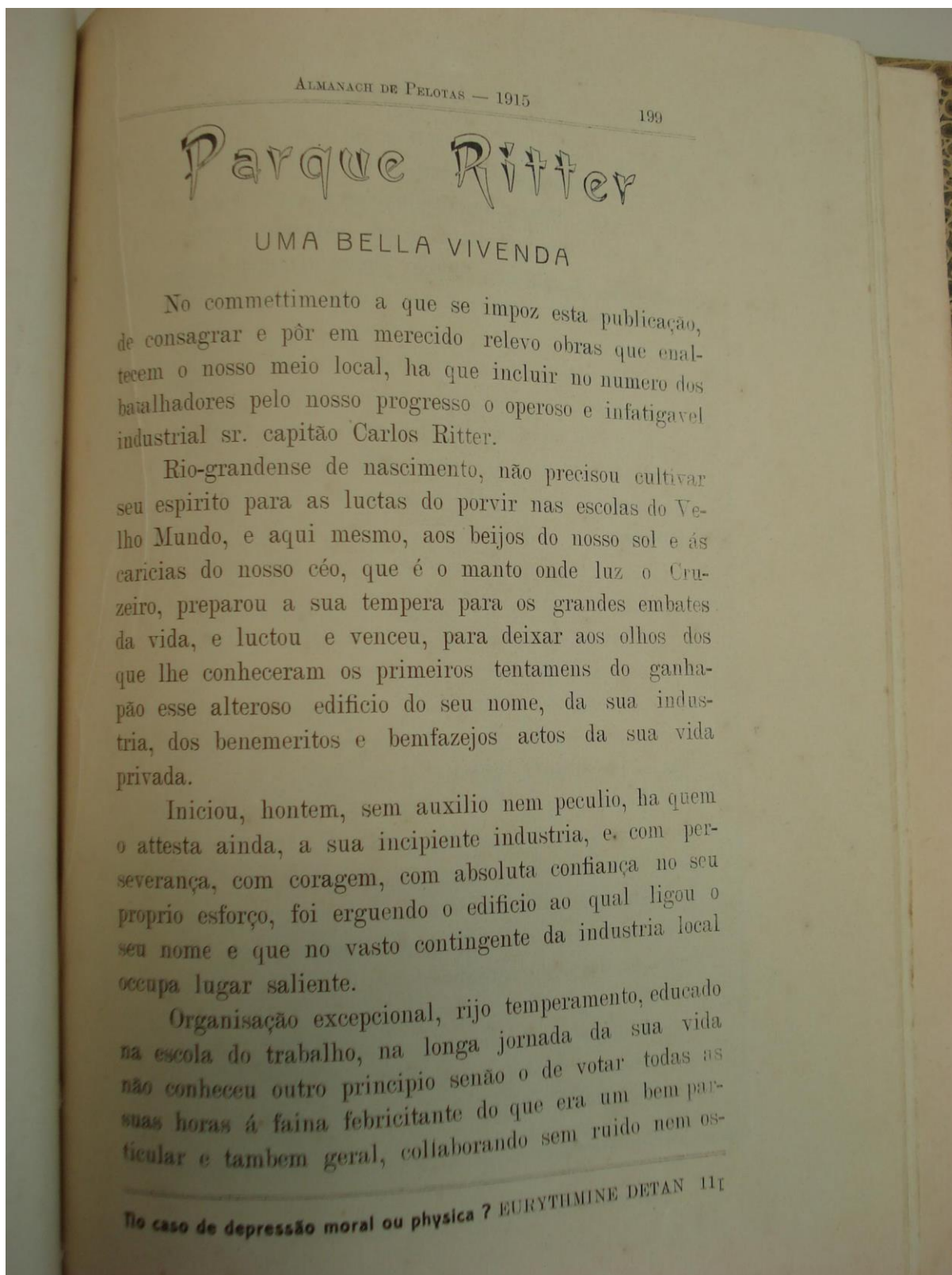
A construção foi contratada com a conceituada firma Rodrigues e Cia., pela quantia de 165:000\$000, sem as instalações de luz e esgoto e os materiais a empregar serão da melhor qualidade encontrada no mercado.

Entre outras parcelas do orçamento nota-se, por exemplo, 110 metros de mosaicos, sobre piso de cimento, por 3:850\$; 15 pilares de tijolos, por 1:500\$; 58 aberturas, 17:400\$; 630 mq. de parede, por 18:1900\$; 288 mq. de forro de madeira, 87:843\$; 1 escada interna de madeira, 2:800\$; pintura, 8:000\$; garagem 15:000\$; vidros, 5:000\$; calçada, 3:600\$; 262mq. de asfalto, 7:800\$000.

Uma notícia como está deve incutir coragem aos tímidos, e encher de jubilo aos que, como o “Jornal da Manhã”, confiam sempre e cada vez mais na posição deslumbrante que o fruto reserva a nossa Pátria.

Nossos efusivos parabéns ao distinto cavalheiro Sr. Alexandre Bertoni, pelo valioso concurso com que veio aumentar e enriquecer a estética da nossa cidade – exemplo a seguir pelos que mais amam esta florescente cidade.

## Anexo B – Parque Ritter, uma bella vivenda [sic]



ALMANACH DE PELOTAS — 1915

199

# Parque Ritter

## UMA BELLA VIVENDA

No commettimento a que se impoz esta publicação, de consagrar e pôr em merecido relevo obras que enaltecem o nosso meio local, ha que incluir no numero dos baalhadores pelo nosso progresso o operoso e infatigavel industrial sr. capitão Carlos Ritter.

Rio-grandense de nascimento, não precisou cultivar seu espirito para as luctas do porvir nas escolas do Velho Mundo, e aqui mesmo, aos beijos do nosso sol e ás caricias do nosso céo, que é o manto onde luz o Cruzeiro, preparou a sua tempera para os grandes embates da vida, e luctou e venceu, para deixar aos olhos dos que lhe conheceram os primeiros tentamens do ganhapão esse alteroso edificio do seu nome, da sua industria, dos benemeritos e bemfazejos actos da sua vida privada.

Iniciou, hontem, sem auxilio nem peculio, ha quem o attesta ainda, a sua incipiente industria, e, com perseverança, com coragem, com absoluta confiança no seu proprio esforço, foi erguendo o edificio ao qual ligou o seu nome e que no vasto contingente da industria local occupa lugar saliente.

Organisação excepcional, rijo temperamento, educado na escola do trabalho, na longa jornada da sua vida não conheceu outro principio senão o de votar todas as suas horas á faina febricitante do que era um bem particular e tambem geral, collaborando sem ruido nem os-

No caso de depressão moral ou physica ? EURYTHMINE DETAN III

tentação nessa obra magnifica de aspecto publico, e que é o orgulho da nossa terra.

Carlos Ritter não limitou-se a viver só para a riqueza da sua industria, n'um egoismo preconcebido e panagio de alguns, porém voluntariamente tem auxiliado todas as empresas que dizem em alto grau do nesso perfeioamento.

Desconhecendo a ociosidade, dividiu as horas da sua ardua tarefa de industrial em variadas occupaões, que eram o seu idolo, ao mesmo tempo que contribuia para o embelezamento da nossa cidade, e não é preciso pormenorisar o que a elle se deve em particulares dessa natureza.

Essa tem sido a sua existencia, já dirigindo com inexcédível pertinacia e tenacidade o seu estabelecimento, já levantando na via publica bellas avenidas devidas ao seu proprio braço, já organisando com impecavel arte e gosto riquissimas colleções da generalidade de passaros e insectos oriundos do Estado e que equivallem a importante museu.

Foi assim que, o espirito trabalhando sempre nas idéas alevantadas, e movimentando a sua enorme fortuna particular, devemos hoje a esplendida vivenda «Villa Augusta», que Carlos Ritter, de um extenso e safare terreno, tornou um encantador Parque, de viçoso e balouçante arvoredado, prenhe de aromas, de sedueções, de poesia.

Illustram esta nossa noticia tres aspectos da soberba edificação e das respectivas aléas, onde o visitante percorre grande tempo, admirando o stoicismo, o capricho, a feliz e soberba predilecção de um homem.



A «Villa Augusta» é, hoje, residencia do opulento industrial, que não soube mudar os seus habitos e consagra todo o seu tempo na mesma vertigem do labor sem treguas, sem allivio, considerando a existencia uma função adstricta rigorosamente ao trabalho.

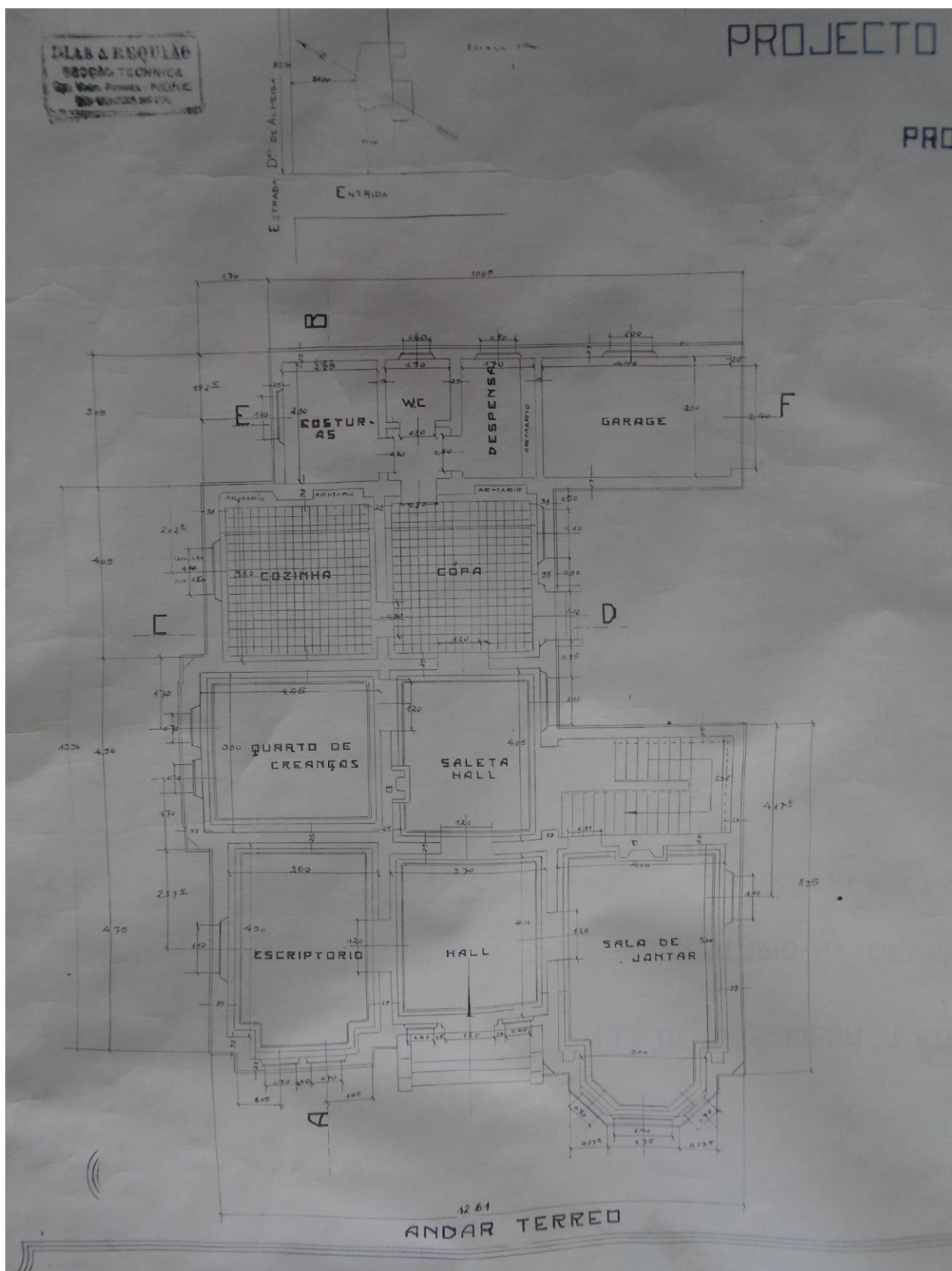
Por uma bella manhã de macios raios de sol, em companhia do nosso photographo, surprehendemos a encantadora vivenda, em occasião que seus moradores se achavam ausentes, e podemos detidamente visital-a, guardando uma forte e tocante impressão de bellezas e esplendores, que não nos animamos a transmittil-os.

Nada falta no Parque Ritter: o copado e frondoso arvoredo, estreitas e longas aléas, o pomar, trechos de jardim, estufas de plantas vivas, a lavoura, importantes viveiros de plantas e arbustos, de passaros, grandes aquarios e todos os mil nonadas proprios de um estabelecimento dessa ordem.

E em toda essa belleza viva que a natureza ostenta galhardamente na «Villa Augusta», ha exclusivamente a obra do braço do opulento e operoso industrial!

Honra, portanto, ao distincto rio-grandense, e porque o edificio onde hoje elle contempla o fructo do seu passado é orgulho nosso e forma na galeria das construções que ennobrecem a nossa cidade, aqui agasalhamos nestas paginas as tres photogravuras que levemente mostram a «Villa Augusta», e ao seu proprietario prazeirosamente dedicamos este preito da nossa homenagem.







DE UMA VILLA A CONSTRUIR SE NO "AREAL"

PROPRIETARIO: SR. DELMAR MACIEL

ESCALA 1:50

PROPRIETARIO

CONSTRUCTORES-

ARQUIVO SEPT 1958 10.5.1958

**DIAS & REQUILÃO**  
BECÇÃO - CORNÉIA  
Rua Manoel Damasceno - FLEURY 80  
131 - JARDIM LUIZ DE SOUZA - SÃO PAULO

ANDAR SUPERIOR

